



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM
PATRIMÔNIO CULTURAL**

**ARQUEOLOGIA HISTÓRICA : OS METAIS DA
ESTÂNCIA VELHA DO JARAU**

Diele Ilha Thomasi

Santa Maria, RS, Brasil.

2010.

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA: OS METAIS DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU

por

Diele Ilha Thomasi

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de
Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da
Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a
obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

Orientador: Prof. Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder

**Santa Maria, RS, Brasil.
2010**

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação profissionalizante em Patrimônio
Cultural

A Comissão Examinadora, abaixo-assinada,

Aprova a dissertação de Mestrado

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA: OS METAIS DA ESTÂNCIA VELHA
DO JARAU

elaborada por

Diele Ilha Thomasi

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Prof. Dr. Julio Ricardo Quevedo dos Santos (UFSM)
(Membro)

Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira Padoim (UFSM)
(Membro)

AGRADECIMENTOS:

Ao professor Dr. Saul Milder, meu orientador desde os tempos da graduação, pessoa que acompanhou meu processo de amadurecimento tanto como pesquisadora como pessoa, agradeço pela disponibilidade, pela tolerância e pela liberdade confiada a mim. Agradeço a constante presença zelosa e orientadora.

A professora Dra. Denise Saad, incansável coordenadora deste programa de pós-graduação, que muito lutou e ainda luta para o funcionamento deste, que sempre se mostrou disponível as minhas perguntas, mesmo sempre extremamente ocupada. Agradeço sua simpatia e pequenas gentilezas que fez para todos nós durante as aulas.

A Angelo Phol, e Jaime Paim, amigos sempre presentes.

Aos colegas de Mestrado, Luciana, Rita, Giane, Neiva, César, Débora, Liriana, Cristiane, Leila, Marcos Vinícios, Marlene e todos os outros que muito acrescentaram, trazendo todos os benefícios que a diversidade pode trazer.

Aos amigos e colegas de LEPA, Silvana, Juliana, Lucio, Grasiela, Ricardo, Cirilo, Piero, Caroline, Jaqueline, Neemias, e Thielle e a todos, pela possibilidade de compartilhar angústias, impressões e realizações de nossas vidas acadêmicas e pessoais.

A Libiane, colega de mestrado e arqueologia, com quem compartilhei a atividade docente e foi uma amiga sempre disposta a ouvir.

À Minha família, pelo investimento, paciência e amor que muito contribuíram para a realização deste trabalho, e principalmente a tolerância aos constantes momentos em que tive que me ausentar para escrever, ler, pesquisar.

A pessoa que sempre olhou na mesma direção que eu, que sonha os meus sonhos, Daniel, que apesar de pouco conhecer sobre o tema, sempre esteve disposto a ajudar e contribuir.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação profissionalizante em Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria

O COTIDIANO ATRAVÉS DA CULTURA MATERIAL: OS METAIS DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU

AUTOR: DIELE ILHA THOMASI
ORIENTADOR: PROF. Dr. SAUL EDUARDO SEIGUER MILDER
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 21 de janeiro de 2010.

O objeto de estudo do presente trabalho, são os metais da Estância Velha do Jarau, que fica localizada no fronteira Brasil Uruguai, foi, em um primeiro olhar, uma típica estância produtora de gado bovino, cavalari e ovino, todavia, também foi moradia das famílias proprietárias. A arqueologia histórica e suas tendências mais atuais servem como princípio teórico para o trabalho em questão. O sítio arqueológico Estância Velha do Jarau, além dos aspectos já mencionados, também é um local que se insere na estratégia luso-brasileira de estabelecimento de posse em locais de fronteira conflituosa, além disso, localizado aos pés do Cerro do Jarau, o sítio adquire também um aspecto lendário, que vai se estender também para os moradores da Estância, tais como o brigadeiro Bento Manoel Ribeiro. Os metais da Estância Velha do Jarau necessitam de um conjunto de ações que objetivam sua limpeza e preservação, além disso, esses metais serão analisados com a finalidade de se propor uma visualização das atividades desenvolvidas na Estância através desses objetos.

Palavras-Chave: Arqueologia Histórica, Metais, Rio Grande de Sul, Fronteira

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação profissionalizante em Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria

THE DAILY THROUGH MATERIAL CULTURE: THE METALS OF THE ESTANCIA VELHA DO JARAU

AUTHOR: DIELE ILHA THOMASI

ADVISOR: SAUL EDUARDO SEIGUER MILDER

LOCALITY AND DATE: Santa Maria, 21th, January , 2010.

The object of the present study, is the metals of Estancia Velha do Jarau, which is located on the border between Brazil and Uruguay, was a typical farm producer of cattle, horses and sheep, however, was also residence of families proprietary. The historic archeology and his new theorys is usefull in this work. The Estancia Velha do Jarau, besides the points already mentioned, is also a place that fits within the strategy Luso-Brazilian establishment of local office in the frontier conflict, also located at the foot of the Cerro Jarau, the archaeological place acquired also a legendary aspect, which will also extend to residents of the Estancia, like Brigadeiro Manuel Bento Ribeiro. The metals of the Estancia Velha do Jarau need a set of actions that aim to clean and preserve, in addition, these metals will be analyzed in order to offer a preview of the activities in the Estancia through these objects.

Keywords:, Historical Archaeology, metals, Rio Grande do Sul, Frontier

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	9
1- PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES: LEITURAS E A ARQUEOLOGIA HISTÓRICA COMO REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1.1 Revisão bibliográfica: Trabalhos sobre a Estância Velha do Jarau.	12
1.2 Arqueologia Histórica: considerações.....	18
1.3 - Breve Histórico da Arqueologia Histórica No Brasil.....	25
1.4 – A Arqueologia Histórica Contemporânea: Novos Olhares	28
1.5 – O Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas: O LEPA-UFSM.....	34
2. PAISAGEM E HISTÓRIA: O CONTEXTO DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU	36
2.1 As Estâncias na Formação histórica do Rio Grande do Sul	36
2. 2 O Rio Grande do Sul do século XIX através de fragmentos de relatos de viagem: Os Objetos e as Pessoas.	40
2. 3 Formação histórica da Estância Velha do Jarau.....	44
2.4: As intervenções arqueológicas no sítio Estância Velha do Jarau:.....	48
2.5 - A Paisagem da Estância Velha do Jarau.....	53
2. 6 Estância Velha do Jarau: Um espaço memória	57
2.6.1 História e Memória	58
2.6. 2 Memória, identidade e Cultura Material.....	59
2.6.3 A Estância Velha do Jarau como espaço memória: o imaginário coletivo popular	61
3-VESTÍGIOS MATERIAIS DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU: A CULTURA MATERIAL	66
3.1- A CULTURA MATERIAL:	66
3.2 - OS METAIS NA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA	67
3.2.2 A Arqueometalurgia:.....	70

3.3 - MÉTODO DE LIMPEZA E PRESERVAÇÃO DO MATERIAL: METAIS DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU	74
3.4- O COTIDIANO DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU ATRAVÉS DA CULTURA MATERIAL: OS METAIS	76
3.4. 1. - Vida Privada da Estância: hábitos à mesa e vestimentas.....	76
3.4.2- Tralha bélica: armas e fronteiras.....	80
3.4.3-Ferramentas e tralha eqüestre: as lidas campeiras da Estância Velha do Jarau.	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERENCIAS:.....	94
ANEXO A- A SALAMANCA DO JARAU DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO.	103

INTRODUÇÃO

A arqueologia histórica no presente momento passa um período de amadurecimento, segundo Funari (2005), o estudo das particularidades da cultura material brasileira, e a possibilidade de propor diversas interpretações originais e inovadoras.

A arqueologia histórica Brasileira possui sujeitos sociais ambivalentes, heterogêneos por definição, com uma elite nem burguesa, nem aristocrática, (ALBUQUERQUE, 1993), mas escravocrata, patriarcal e pouco refinada independentemente do uso de porcelanas e perfumes, do outro lado, os sujeitos são heterogêneos por definição, são mestiços, caboclos, mulatos, libertos, ou seja, um ambiente de indivíduos ambivalentes e contraditórios, sendo que essa característica pressuporia um arcabouço teórico e metodológico específico ou mesmo adaptados, infelizmente, os modelos teóricos aplicados por uma maioria de arqueólogos historiadores durante muito tempo não davam conta dessas e de outras particularidades da formação da sociedade Brasileira.

O sítio histórico Estância Velha do Jarau, Quaraí, fronteira oeste do Rio Grande do Sul, foi um núcleo produtivo de gado, mas também serviu de moradia da família proprietária, além disso, serviu para a demarcação do território brasileiro, pois foi um marco representativo da presença brasileira na região, inserindo-se dentro de uma política de ocupação e povoamento das distantes possessões luso-brasileiras da região sul. Fundada efetivamente em 1828, por Bento Manoel Ribeiro, também foi ocupada por Maneco Pedroso em 1817 e teve seu abandono em 1905.

O Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria, LEPA-UFSM, tem realizado intervenções arqueológicas no sítio desde 1997, das diversas escavações vários materiais são encontrados como louças, vestígios alimentares, vidros e metais, sendo o último o objeto desta dissertação.

Trabalhos iniciais já realizados mostraram uma grande variedade de peças, das mais diversas funções e formas, mas inseridas nas diversas atividades comuns de uma estância e, como o sítio também serviu de moradia para a família

proprietária, é previsível que se desenvolvam diversas atividades no local, desde as práticas domésticas, comuns a toda moradia do século XVIII e XIX, até a forte presença militar e ofensiva, passando pelas lides campeiras de manejo do gado e manutenção da Estância.

A fundação da Estância é atribuída a Bento Manuel Ribeiro, segundo Pont (1983), Bento Manuel implantou sua Estância, ao pé do Cerro do Jarau- hoje campos do Dr. Aldo Guidice - aí constituiu-se como marco vivo da demarcação da fronteira, quando tudo era ainda incerto. O Cerro do Jarau vai ter um importante papel na história deste sítio Maneco Pedroso, Bento Manoel Ribeiro e Olivério Pereira, proprietários da Estância Velha do Jarau, foram militares atuante nos diversos conflitos da região fronteira do Brasil, de formação das fronteiras luso-brasileiras, esse caráter militar da estância está bastante presente na cultura material e no histórico do sítio.

Os proprietários da Estância Velha do Jarau, inclusive Bento Manoel Ribeiro, foram chefes militares, fazendo da Estância um verdadeiro forte de defesa, sem que fosse necessária uma legalização deste poder militar dos estancieiros.

Além de marco nos conflitos, a estância foi um grande estabelecimento produtor de gado e cavalos, segundo Pont (1983). Tendo a estância, dentro deste aspecto, uma grande contribuição para o setor econômico em que estava inserida, principalmente para as charqueadas em pleno desenvolvimento no século XIX. Variadas relações sociais estabeleceram-se nela.

Sítios históricos possuem em sua grande maioria, além do material arqueológico, documentos escritos e quando se confrontam um e outro, tratando-se de Rio Grande do Sul, fronteira e mais especificamente, Estância Velha do Jarau, estes questionamentos vão passar sobre o território da posterior "formação" para não se dizer da "criação" da identidade gaúcha ou gauchesca.

Essa identidade é criada baseando-se nos hábitos e costumes das pessoas que habitaram a fronteira do Rio Grande do Sul, ou seja, em seu cotidiano. Essa criação idealizou os hábitos e ignorou certos aspectos, criando uma mítica que envolve o gaúcho e seus costumes que nem sempre encontram apoio na cultura material.

Baseada nestas reflexões, este trabalho buscará lançar um olhar sobre o cotidiano dos indivíduos que desempenharam e negociaram de forma ativa, diversas atividades na Estância Velha do Jarau através de sua cultura material.

Este trabalho será composto de três capítulos.

O capítulo 1 será uma revisão bibliográfica sobre a Estância Velha do Jarau, que é pouca, todavia significativa. A Arqueologia Histórica também será tema deste capítulo, procuraremos explicar sobre a Arqueologia Histórica enquanto ciência e prática da arqueologia, além de observar as possibilidades desta ciência. É nesta primeira parte também, que serão expostas às tendências teóricas contemporâneas.

No capítulo 2 a Estância Velha do Jarau será apresentada inserida no seu contexto, ou seja, a paisagem e a história da região da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul.

Também é neste capítulo que apresentados os seguintes temas: a formação histórica da Estância Velha do Jarau, as atividades típicas desenvolvidas em estâncias da fronteira oeste do rio grande do sul no século XIX, as escavações e as intervenções realizadas no sitio, e encerrando será discutido o papel da Estância enquanto um espaço memória e sua relação com o Cerro do Jarau, e as construções míticas e lendárias que foram construídas em torno dele.

No capítulo 3 a cultura material será o objeto de análise, os métodos de limpeza e conservação de metais existentes propostos por diversos autores, bem como também propõem um método que se adecue aos metais do sitio.

Também é neste capítulo que se tentará trazer a discussão sobre a cultura material - os metais, advindos das escavações, buscando uma visualização mesmo que parcial do cotidiano dos habitantes da Estância Velha do Jarau.

1- PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES: LEITURAS E A ARQUEOLOGIA HISTÓRICA COMO REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Revisão bibliográfica: Trabalhos sobre a Estância Velha do Jarau.

Uma análise crítica da historiografia produzida nos mostra que o conjunto das obras escritas sobre a história do Rio Grande do sul, e principalmente da região da fronteira oeste de país, tem na maioria das vezes como autores literatos, gerais, padres ou mesmo profissionais liberais, comprometidos com as formas de pensamento mais tradicionais e relacionados à manutenção dessas formas de se entender a formação do Rio Grande do Sul.

Mas, apenas recentemente, incrementou-se a produção historiográfica dos historiadores profissionais. Devido a isto, a maioria da produção ainda tende muitas vezes à falta de cientificidade e de objetividade, permeada por conceitos preconceituosos e que muitas frequentemente não passam de senso comum, em muitas vezes em decorrência desta escassez de fontes escritas menos comprometidas.

A documentação nem sempre é utilizada de maneira adequada. O ponto de vista do branco colonizador é uma constante e a ótica eurocêntrica predomina. Devido a isto, na maioria das obras que se apresentam como históricas, a ocupação do território somente tem início com a ocupação européia da terra. Imagina-se a região, erroneamente, como um território vazio e sem dono. Crônicas e descrições predominam, limitando as interpretações.

Nem sínteses nem obras de referência foram ainda publicadas, válidas para essa região. Algumas raras dissertações de mestrado como o trabalho de Flamarion Freire da Fontoura Gomes escreveu “Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1828-1905). Um estudo de Caso em Arqueologia Histórica Rural”, monografias como “A Estância Velha do Jarau e o Contexto Fronteiriço: Os Lugares e as Louças no Espaço Doméstico” de Grasiela Tebaldi Toledo, e alguns artigos.

A Estância Velha do Jarau, tema desta dissertação, além dos aspectos já mencionados, carrega também aspectos míticos e lendários e se mescla com a

história oficial e tradicional de personagens como o ambíguo brigadeiro Bento Manoel Ribeiro em decorrência de suas características específicas, e por ter uma série de aspectos únicos, tem sido objeto de estudo de alguns poucos trabalhos, todavia, a produção não é muito vasta.

Em 2001, Flamarion Freire da Fontoura Gomes escreveu “Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1828-1905). Um estudo de Caso em Arqueologia Histórica Rural”, uma dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 2008, Grasiela Tebaldi Toledo escreve como trabalho final de graduação, “A Estância Velha do Jarau e o Contexto Fronteiriço: Os Lugares e as Louças no Espaço Doméstico”, no curso de História da Universidade Federal de Santa Maria. Em comum entre esses dois trabalhos está a Estância Velha do Jarau, tema também deste trabalho.

Em 1983, Raul Pont, historiador, publica “Campos Realengos”, texto que objetiva a compreensão da formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul. Sobre a Estância Velha do Jarau, Raul Pont dedica uma parte de um capítulo que trata muito mais de Bento Manuel Ribeiro, e através dele, a Estância é apresentada.

Gomes (2001) inicia seu trabalho comentando sobre os aspectos físicos da região em que a estância se localiza, a Campanha¹, que segundo RAMBO (1994), pode ser determinada como o espaço compreendido entre os atuais municípios de Livramento, Uruguaiana, Alegrete, Rosário, São Gabriel e Quaraí, cidade que compreende o território atual do sítio arqueológico Estância Velha do Jarau.

É neste capítulo que Gomes (2001) apresenta a formação geológica da região, próxima ao sítio, salta aos olhos, o cerro do Jarau, uma elevação no terreno, que chama atenção por estar justamente localizado em uma paisagem relativamente plana, é nas imediações deste cerro que a Estância Velha do Jarau foi construída.

Segundo Gomes (2001, p. 20):

¹ A campanha é uma zona fisiográfica, com características político-geográficas, e até mesmo histórico-culturais, compreendida entre as cidades da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Com uma paisagem características de uma área relativamente plana e coberta por uma vegetação também plana, mas que também apresenta uma série de matas, coxilhas, cerros, rios e sangas. É neste espaço construído historicamente que encontraremos aspectos do cotidiano dos habitantes da região que serviram para a construção da cultura riograndense, incluindo-se aí a pecuária, a ligação com o gado cavalariço e a belicosidade conjugada a hospitalidade, características de um gaúcho ideal.

A paisagem da Campanha fica entendida como um mosaico de formações vegetais, onde predomina-se uma vegetação rasteira, bem como um relevo de altitudes baixas, formado por coxilhas. A vegetação rasteira contribui para uma impressão de uniformidade no relevo, tornando a paisagem da Campanha um enganoso “tapete de grama”.

No segundo capítulo de sua dissertação, o autor começa falando sobre os conceitos de Estância, segundo ele “o núcleo produtivo denominado Estância pode ser compreendido atualmente como um estabelecimento rural, voltado para uma economia de mercado com base na produção pecuarista” (GOMES, 2001, p.25). Todavia, como expõe em seguida, esta pode ser uma visão estritamente econômica, visto que diversos fatores políticos, históricos e sociais estão atrelados às estâncias. Segundo suas palavras, as estâncias, devem ser vistas como um estabelecimento que possui profundas raízes históricas, tendo em vista que o ato de “estânciar - se²” decorre de uma política que visava o estabelecimento efetivo da presença luso-brasileira nos territórios do sul, com a finalidade de manter estes territórios protegidos contra as tentativas de dominação do governo espanhol.

Gomes (2001) apresenta a Estância como à forma primeira de organização social do atual Rio Grande do Sul, estes estabelecimentos vão originar uma sociedade de classes, hierarquizada e militaresca, com uma produção específica, no caso a pecuária, e traz em si um processo de “sociabilização” de um território barbarizado pelas constantes guerras, pela caça ao gado selvagem, e pelo cotidiano violento da captura de indígenas.

Segundo Gomes (2001, p. 26):

Nas estâncias da Campanha rio-grandenses do século XIX, se organizam exércitos formados por peões e escravos, que tornaram-se soldados, e por estancieiros que incorporavam a função de comandantes. Mas entre guerras e revoluções a vida cotidiana decorria ao redor das casas, nos currais, nas mangueiras, nos galpões, nos campos, ou findava num cemitério, de onde se avistava da porta da casa sede.

Gomes (2001. P.27) também lembra da presença dos jesuítas na ocupação do território riograndense:

² Segundo Lessa e Cortes (1985), estânciar é o ato de permanecer, ficar, fixar-se em algum lugar.

São os padres jesuítas espanhóis que de fato iniciam o processo de ocupação humana ordenada nas terras rio-grandenses, lhe conferindo uma doutrina religiosa judaico-cristã, e organizando uma política e economia nos moldes da cultura européia.

Segundo, Gomes (2001), propõe que o século XIX vai ser o momento chave, quando os territórios se definem, e também se estabelecem as elites econômicas e políticas, acarretando no estado do Rio Grande do Sul, um momento de urbanização.

Em seguida, um levantamento histórico da Estância é apresentado, é neste trecho que Gomes (2001) propõe que, após um incêndio ocorrido entre 1905 ou 1907, uma segunda sede é construída, e segundo suas palavras:

A segunda estância será uma continuidade histórica da Estância Velha, como se fosse uma extensão material, cultural e cronológica da antiga estância, refletindo um novo momento dentro de um processo histórico que permanece em desenvolvimento, e que passa a conjugar elementos tradicionais com inovadores. (Gomes, 2001, p. 61)

Sobre as análises da cultura material, Gomes (2001) fala sobre as louças, todavia, o autor afirma que:

Verifica-se a carência de artefatos em metal que pudessem corresponder aos talheres necessários aos hábitos de mesa. Com esta ausência, pode-se estipular que a louça indica o hábito da mesa, mas não o refinamento nos modos, e o uso provável das mãos. Entretanto, no inventário de Olivério Pereira, aparece a referência de talheres, não especificando o tipo de metal nem o que seria garfo, faca ou colher. (2001, p. 122)

Entretanto, Gomes (2001) escreveu sua dissertação em 2001, a partir dessa data, foram realizadas novas intervenções arqueológicas no sítio, aonde a cultura material encontrada também era constituída de metais, inclusive garfos, facas e colheres, objetos estes que fazem parte do conjunto de peças analisadas no presente texto.

Gomes (2001) mostra a Estância através de uma visão espacial. Para ele, as estruturas, ou resquícios delas, são o objeto a ser analisado. A arqueologia da paisagem e a arqueologia espacial estão bem presentes em seu texto.

O autor tem uma preocupação em ver os espaços da Estância, ou seja, a dispersão das construções pelo terreno; é uma relação entre os espaços construídos e o espaço natural. O autor também lança um olhar sobre a louça advinda das escavações, a fim de realizar uma interpretação do espaço da escavação, relacionando-a com as estruturas circundantes a área escavada.

Toledo (2008) propôs uma revisão do trabalho de Gomes (2001), em decorrência das novas escavações ocorridas, além de lançar um olhar diferenciado a respeito da louça encontrada na Estância Velha do Jarau.

O trabalho de Toledo (2008) faz uma análise mais sistemática das escavações, diferente do trabalho de Gomes (2001), o primeiro texto possui a possibilidade da pesquisa com o material advindo das posteriores escavações, de 2001 e 2006.

No primeiro capítulo, Toledo (2008) apresenta os trabalhos de campo de 2001 e 2006, demonstrando os vestígios materiais da estância, definindo os lugares e suas funções, relacionando estas estruturas e os objetos encontrados. Gomes (2001), por sua vez, também fez algo semelhante, todavia, Toledo (2008), possuindo novos dados, ultrapassou o trabalho de Gomes (2001), principalmente em relação a função da Quinta e da senzala, apresentadas por Gomes (2001), já que a quinta, através dos objetos encontrados, possivelmente, foi utilizada para outras funções, além da quinta, quanto a senzala, escavações das estruturas mostraram a inexistência da continuidade da parede do que até então se entedia como senzala.

No segundo capítulo são apresentadas as louças de forma mais efetiva, juntamente com a revisão a cerca das unidades domésticas do século XIX, fazendo uma relação entre as duas.

No último capítulo, o terceiro, é apresentada uma contextualização das estâncias e da Estância Velha do Jarau, com a presença dos aspectos lendários que envolvem o sítio e seus personagens históricos.

Em outro viés, mais histórico e tradicional, Raul Pont, no livro, Campos Realengos - Formação da Fronteira Sudoeste do Rio Grande do Sul, de 1983, mostra a Estância a partir da figura de Bento Manoel Ribeiro, um dos proprietários, com uma linguagem que tende ao ufanismo.

A Estância é descrita como um “marco vivo de defesa, um baluarte da nacionalidade em formação” (PONT, 1983, P.178.179). É o local onde Bento Manoel, segundo proprietário da Estância e personagem da história, exercitava sua gente, seus soldados, por iniciativa própria, ensinava-os a guerrear, e para Raul Pont, onde Bento Manoel ensinava seus milicianos a defender a pátria brasileira.

O autor referia-se ao papel da Estância junto à estratégia luso-brasileira de estabelecimento de marcos representativos de posse na fronteira Brasil-Uruguai.

Ainda segundo Raul Pont, sobre a Estância Velha do Jarau:

Aquilo foi mais que uma estância, era um pequeno arsenal com as forjas resfolegando e a bigorna tangendo os golpes de habilidade do ferreiro crioulo, que forjava as ferramentas, os utensílios e as armas indispensáveis a sua defesa, naqueles quartéis do século XIX. (1983, p.178).

Ou seja, o autor propõe que os artefatos de metal utilizados na Estância, estariam sendo produzidos no local, fato esse que arqueologicamente ainda não foi constatado.

Sobre os metais, Raul Pont fala, principalmente sobre a prata:

Duas peças, especialmente, tomaram maior importância entre os utensílios do gaúcho, reclamando melhor labor do artífice prateiro: as esporas e a adaga ou a faca. (1983, p. 338 e 339).

Raul Pont também mostra a Estância como um verdadeiro aquartelamento, onde Bento Manoel mantinha seus soldados e usava-os para sua segurança. Além disso, faz uma preciosa descrição das mangueiras de pedra, das quais ainda há resquícios na Estância.

O texto do historiador Raul Pont é muito mais sobre Bento Manoel Ribeiro, do que sobre a Estância propriamente dita. Sendo assim, é possível observar que a bibliografia existente é esparsa, e, em muitos casos, comprometidas.

1.2 Arqueologia Histórica: considerações

Conceituar arqueologia histórica é uma tarefa em que se pode cair em contradições ou mesmo em definições preconceituosas. A divisão da arqueologia em histórica e pré-histórica, delimitação ainda corrente tem, em seu sentido tradicional, a noção de que, a primeira, na maioria das vezes deve ser entendida como a arqueologia dos povos com escrita, e a segunda, por conseguinte, como a arqueologia dos povos ágrafos, ou seja, sem escrita, entretanto, essa conceituação.

Segundo Pedro Paulo Albuquerque (1993) é uma “deficiência terminológica”, pois subentende que a pré-história, devido ao prefixo pré, indicaria uma negação da história dos povos ágrafos. Para ele:

Na atualidade, a Arqueologia Histórica representa uma nova abordagem da história, pela via da documentação material, ou visto de outra forma, o pós-contato representa mais um período a ser estudado pelo arqueólogo. (ALBUQUERQUE, 1993)

As definições mais tradicionais de arqueologia histórica sempre se vinculam a esta característica dos textos escritos, além disso, associar a arqueologia histórica ao colonizador é bastante comum. Segundo Pedro Paulo Funari (2005. p. 5.):

Tradicionalmente, a arqueologia histórica era entendida como o estudo arqueológico do período posterior à chegada dos europeus no continente americano, mas, hoje, essa definição tem sido posta à prova. Em parte, as mudanças têm sido o resultado das reflexões e propostas de arqueólogos brasileiros.

Sobre essa arqueologia histórica mais tradicional Charles Orser fala que:

(...) Definir la arqueología histórica como um tipo de arqueología que estudia sitios asociados a pueblos o lugares considerados de valor histórico. Definida de este modo, la arqueología histórica centra su atención en los colonizadores, dejando de lado los pueblos nativos contactados. Este abordaje lleva a que se estudien sitios vinculados a los miembros de

la elite de la sociedad, porque dentro de la ideología dominante de muchas sociedades esta gente es la que se considera de valor en la historia. (ORSER, p. 20 e 21, 2000)³.

Charles Orser Jr. (2000) propõe a Arqueologia Histórica como o estudo arqueológico dos aspectos materiais em termos históricos, culturais e sociais, e dos efeitos do mercantilismo e do capitalismo originados na Europa do século XV e que continua em ação na atualidade.

A Arqueologia Histórica possui um caráter ambíguo, os pressupostos teóricos, são comuns a todas as “diversas arqueologias”, porém, a Arqueologia Histórica, segundo Tânia Andrade Lima (2002) possui especificidades, por exemplo, a possibilidade do trabalho com documentos escritos, em decorrência destas características, sua conceituação é bastante complicada e complexa. Pois segundo Pedro Paulo Funari (2003. p. 5):

(...) parece-nos que se devem reconhecer as particularidades metodológicas do estudo das sociedades com escrita e com documentos, examinando os papéis históricos e singulares que escrita possui na comunicação, representação e na própria construção discursiva da disciplina Arqueologia. A presença de documentos caracteriza e define as sociedades em que diferentes sistemas de escrita são utilizados.

Diante da existência de fontes escritas, e da necessidade de caracterização da arqueologia histórica, pode-se cair em mesmo erro ocorrido no passado, quando havia uma maior preponderância do escrito sobre o material, sendo o material tratado apenas como ilustração ou comprovação dos dados escritos, observa-se uma forte tendência na atualidade da disciplina de valorizar apenas o registro material.

Todavia, o ideal seria um equilíbrio, uma vez que a natureza da evidência histórica e diferente da evidência arqueológica, quer dizer, as bases teóricas dos

³ (...) Definir a arqueologia histórica como um tipo de arqueología que estuda sítios associados a povos ou lugares considerados de valor histórico. Definida deste modo, a arqueología histórica centra sua atenção nos colonizadores, deixando de lado os povos nativos contatados. Esta abordagem leva a que se estudem sítios vinculados aos membros da elite da sociedade, porque dentro da ideologia dominante de muitas sociedades esta gente é a que se considera de valor na história.[tradução nossa]

trabalhos de história e arqueologia são diferentes, e como tal, possuem diferentes graus de resolução, a arqueologia histórica não pode eleger nem categorizar em termos de maior atenção esta ou outra fontes.

As pesquisas arqueológicas devem ser orientadas pelos registros materiais, e também, devem ser balizadas pelos conhecimentos históricos que possuímos através dos registros escritos.

Segundo Deagan 1988, p. 7 (apud DIAS 2005, p. 100):

A principal particularidade da arqueologia histórica é o acesso simultâneo a múltiplas categorias de evidências que dão conta dos mesmos processos e eventos do comportamento passado dos grupos humanos, e esse é o ponto importante para a caracterização da arqueologia histórica, afinal essa disciplina deve dar conta das evidências sem, entretanto, fazê-las competir entre si.

O termo arqueologia histórica surgiu a pouco mais de 30 anos, nos Estados Unidos, significando o estudo das sociedades letradas, ou seja, que registrar seus fatos históricos. Sobre a arqueologia histórica norte-americana Funari (2005 p. 1) diz:

De início, a arqueologia histórica americana centrou-se no estudo dos WASPs (anglo-saxões brancos e protestantes), considerados como os fundadores da pátria americana. Pouco a pouco, essa postura estreita e elitista foi sendo superada, com a inclusão, no campo de preocupações e atenção, dos espanhóis e franceses que colonizaram grandes partes do que viria a ser os Estados Unidos e, em seguida, também passou a estudar-se os afro-americanos e os indígenas em contato com a sociedade anglo-americana. Esse alargamento de horizontes foi importante para ultrapassar uma postura contemplativa e que estava preocupada, em grande parte, com a 'beleza' dos costumes burgueses. Passou-se a dar mais atenção às questões sociais, aos conflitos e à diversidade étnica e cultural dos Estados Unidos. No entanto, manteve-se a divisão entre arqueologia Pré-histórica, até 1492, e arqueologia histórica, posterior à chegada de Colombo.

Com isso se estabeleceu uma fronteira muito definida entre pré-história e história dentro da arqueologia norte-americana, segundo Funari: (1999, p.39):

The divide between an anthropological prehistoric archaeology on the one hand and a more ambiguous historical archaeology whose very definition stress the study of the pos-prehistoric period (...) and wich is considered to be a historical discipline (...) this traditional clear-cut division between the prehistoric and historic periods, so often reinstated by North American prehistorians and historical archaeologist alike, however, shrinking to scholars elsewhere.⁴

Assim, a arqueología histórica no modelo norte-americano seria o estudo da formação do mundo moderno, da expansão marítima europeia até a consolidação do capitalismo. Especificamente falando, esses estudos de arqueologia histórica referem-se às colônias inglesas na América do norte no século XVIII.

Os processos formativos da arqueologia histórica não podem ser dissociados da arqueologia como um todo. Segundo Funari:

A arqueologia, surgida no século XIX, na Europa, esteve preocupada com os vestígios materiais das sociedades que estavam nos fundamentos dos modernos estados nacionais, em particular, a Grécia Antiga e o mundo romano, seguido pelas civilizações médio-orientais (Egito, Mesopotâmia). A arqueologia, na Europa, era e continua sendo de caráter histórico, ligado à História, como estudo das raízes dos próprios europeus. O interesse pela pré-história mais recuada tardaria, para desenvolver-se apenas quando passou a ser importante conhecer o ser humano em geral, mesmo que não diretamente ancestral. Nos Estados Unidos a arqueologia seguiu caminho diverso. Ali, a arqueologia desenvolveu-se como parte da antropologia, como o estudo da cultura material do outro, dos povos ameríndios, em fins do século XIX. Foi apenas na década de 1960 que se surgiu a arqueologia histórica, com esse nome, nos Estados Unidos, para designar o estudo da cultura material dos europeus no Novo Mundo. (2005 p. 3)

A Arqueologia no continente europeu surgiu do interesse antiquário, do período do renascimento, passou para o âmbito da História da Arte, e acabou por se vincular também a filologia, sendo necessário também o estudo das línguas utilizadas nos documentos antigos, tais como latim e grego.

⁴ A divisão entre uma arqueología pré-histórica mais antropológica por um lado, e por outro, uma arqueologia histórica mais ambígua que se esforça para se definir como o estudo do período pós-pré-histórico, (...), e que é considerada uma disciplina histórica. (...). Esta tradicional divisão bem estabelecida entre os períodos pré-históricos e históricos, restabelecido tão frequentemente pelos arqueológicos pré-históricos históricos norte-americanos igualmente, todavia, atinge os acadêmicos por outra parte.[tradução nossa]

Resultando em diferentes especializações, como a própria arqueologia pré-histórica, clássica, medieval, pós-medieval e industrial, também bastante ligadas ao modo de produção vigente nos períodos históricos.

Diferentemente da Arqueologia Norte Americana, a arqueologia europeia não estabeleceu fronteiras estanques entre pré-história e história, os processos históricos das diversas ocupações e mudanças são compreendidas como contínuos, pertencentes a uma mesma história.

Na Europa, a Arqueologia Pós-Medieval, que corresponderia a Arqueologia Histórica na América Latina é considerada uma continuação da história, que se inicia desde os primeiros seres humanos no continente, faz parte de um processo contínuo da história europeia.

As populações europeias, via de regra, são descendentes destes primeiros homens europeus, o que não ocorre na América, que decorrente das intensas e diversas migrações, e principalmente, dos processos de aculturação e destruição das culturas autóctones, não possui uma continuidade das descendências diretas, possuindo assim, contextos diferentes, o que ajuda a definir uma diferenciação entre elas, como fala Charles Orser Jr. (2000, p.18):

En Inglaterra y en Europa en general, ámbito de la arqueología posmedieval, la situación histórica presenta diferencias a la del continente americano en la medida que pueblos actuales descenden de grupos prehistóricos. (...) los pueblos prehistóricos pueden ser relacionados sin grandes problemas con las poblaciones actuales (...).⁵

A Arqueologia Histórica na América não possui estas características, pelo contrário, as populações autóctones, de modo geral, ou foram dizimadas, ou aculturadas pelo processo colonizador, e essa aculturação, é um dos motivos pelos quais, apesar de que em um primeiro olhar seja possível, é discutível determinar pré-

⁵ Na Inglaterra e na Europa em geral, âmbito da arqueologia pós-medieval, a situação histórica apresenta diferenças á do continente americano, na medida em que os povos atuais descendem de grupos pré-históricos. (...) os povos pré-históricos podem ser relacionados aos povos atuais sem grandes problemas. [tradução nossa]

história e história na América, assim como os arqueólogos americanos já se propuseram a fazer ⁶.

A presença europeia mais antiga na América é difícil precisar, pois os relatos são raros e esses primeiros exploradores deixam poucos traços de sua presença, além disso, a presença de peças europeias dentro da cultura material indígena.

Isso poderia tanto indicar contato entre esses indígenas e europeus, como também pode ser uma peça que chegou até esta tribo pelas mãos qualquer outro indígena, enfim, as possibilidades são inúmeras, também contribui para essa imprecisão de períodos estabelecidos na arqueologia da América, como fala o arqueólogo Charles Orser Jr. (1999), o início de um período só pode ser estabelecido a nível regional, e de maneira imprecisa.

A arqueologia na América Latina é uma exceção, segundo Funari (1999, p. 43):

(...) the only regional school of archaeological theory in Latin America, the so-called Latin American Social Archaeology, considers archaeology to be a historical discipline (...) but not oppose prehistoric and historic periods (...)⁷.

A Arqueologia Social Latino-Americana, com fortes marcas marxistas que surgiu a partir da década de 1960, se aplicou bem as reconstruções das grandes civilizações pré-colombianas, como os Maias, os Incas e os Astecas, e está fortemente presente na base das modernas nacionalidades de países com forte presença indígena com o México e o Peru.

⁶Os arqueólogos norte-americanos definiram grandes cortes temporais, os períodos pré-históricos e o histórico, sendo que o primeiro se limitaria a partir de 10.000 a.C., as primeiras ocupações da América até a presença do colono europeu, e o segundo, a partir dessa presença. Mesmo sendo este processo comum a toda a América, e por esse motivo, considerado e freqüentemente utilizado pelos arqueólogos na América, ele não se deu da mesma forma em todo o continente americano, ocorreu em contextos diferentes, em períodos cronológicos diferentes, portanto, uma delimitação estagnada, fechada e cristalizada, não é adequada ao estudo dos processos históricos, arqueológicos, culturais da América.

⁷ A única escola regional de teoria arqueológica na América Latina, a assim chamada arqueologia social latino-americana, considera a arqueologia uma disciplina histórica (...) mas não coloca em oposição à pré-história e os períodos históricos (...).[tradução nossa]

Também no modelo Norte-Americano, a Arqueologia Histórica seria a arqueologia do Capitalismo⁸, das relações estabelecidas entre as pessoas após o advento do Mercantilismo nas Américas, entretanto, a formação histórica latino-americana é muito diversa da formação norte americana, que apresentou valores e características burguesas na sua formação,⁹ a América do sul, incluindo o Brasil, possui uma formação menos aristocrática. O arqueólogo Marcos Albuquerque (1993) fala que:

Os sujeitos sociais fragmentados da Arqueologia Histórica no Brasil são mais ambivalentes e contraditórios, a começar de uma elite patriarcal predatória e truculenta, pouco instruída, infensa a qualquer liberdade: pouco aristocrática e em nada burguesa, a despeito do uso de porcelana e perfumes que, alhures seriam sinal de uma coisa ou de outra. Do outro lado, os sujeitos são heterogêneos por definição: indígenas, negros, mulatos, libertos, pobres, caboclos, sertanejos, num elencar sem fim de lutadores que não eram tampouco indivíduos como seus congêneres dos centros hegemônicos americanos e europeus.

Segundo Pedro Paulo Funari (2005 p.):

Nos Estados Unidos, a Arqueologia constrói ou desconstrói um individualismo capitalista, na cultura material cotidiana de capitalistas ou de trabalhadores, à porcelana de aparato se opõe à cerâmica dos operários, a grande arquitetura erudita à construção vernacular. Uns falam da grandeza dos antepassados, outros ressaltam as lutas dos humildes trabalhadores. Na Europa, ao culto à tradição aristocrática, opõe-se o cotidiano de camponeses e trabalhadores. No Brasil, não há individualismo capitalista nem tradição aristocrática que resistam à escravidão e à exclusão social de amplas majorias, ademais heterogêneas ao extremo: de negros a indígenas, de pobres imigrantes a judeus errantes, de sertanejos a seringueiros.

⁸ Nova perspectiva admite a arqueologia histórica como arqueologia do capitalismo, porém dentro de uma visão mais crítica. Maiores informações em LIMA, Tânia Andrade. Os Marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. In: **Estudos Ibero-Americanos. V. XXVIII, n2.** Porto Alegre: PUCRS. p. 7-23.

⁹ A formação da sociedade norte-americana foi bem diversa da formação colonial latino-americana, ideais burgueses, advindos da própria Inglaterra, determinaram, em grande parte, a formação dessa sociedade, também, entre outros fatores, a prevalência de religiões não-católicas, tais como o protestantismo, luteranismo entre outras, também tiveram influência maiores informações podem ser obtidas em KARNAL, Leandro, **Estados Unidos: A Formação da Nação: da Colônia à Independência, Puritanos, Índios e Negros, a Ruptura e o Novo País.** São Paulo: Contexto. 2001.

A arqueologia histórica no Brasil e na América Latina possui, dessa forma, essas especificidades, esses agentes históricos ambíguos, personagens possuidores de identidades muito fragmentadas e volúveis, aonde seus papéis na construção histórica do Brasil e da América Latina transitaram e transmigram dentro das diversas esferas compositoras da sociedade latino-americana, e, portanto, na tentativa de alcançar essas pessoas. Nas palavras de Lima (2005, p. 43):

As caracterizações de Arqueologia Histórica, tanto americana quanto europeia, não conseguem sustentar o passado porque dão ênfase em grandes narrativas. No entanto, essa atitude trata apenas de uma parte do processo histórico, a dominante. De forma geral, a Arqueologia Histórica lucrará muito adotando uma postura que não se resume ao estudo da expansão europeia nem do capitalismo, e sim, ao desenvolvimento de abordagens multidisciplinares, enfatizando também a arqueologia dos marginalizados em diferentes contextos sociais.

A arqueologia histórica na América Latina e no Brasil, mais especificamente, necessita ser também específica, ou adaptando-se as condições presentes nos sítios, e fazendo-se uma “regionalização” dos pressupostos já existentes, ou construindo novas formas, métodos, teorias, enfim, que seriam adequados à situação que se apresenta à frente dos arqueólogos-historiadores no Brasil.

1.3 - Breve Histórico da Arqueologia Histórica No Brasil

A arqueologia histórica, enquanto ciência, é relativamente jovem no Brasil, na primeira década dos anos 30, têm-se registros de uma primeira pesquisa que pode ser considerada arqueológica ¹⁰, ocorrida no interior do sertão baiano, entretanto, não foram produzidos artigos científicos. Segundo Zanettini (2005, p.14):

¹⁰ No final da década de 30, Hermann Kruse, buscou a localização das chamadas “casas fortes”, do século XVI, construídas por Gabriel Soares de Souza, no sertão baiano. Os resultados nunca foram publicados. Maiores informações podem ser vistas em LIMA, Tânia Andrade: Arqueologia Histórica no Brasil: balanço Bibliográfico (1960-1991). in: **Anais do Museu Paulista História e Cultura Material**. Nova Série n.1 1993. São Paulo: USP 1993. p. 225 –262.

Nas suas origens, assume um caráter eminentemente ilustrativo, tendo sido vista como mera técnica a serviço da História, sobretudo para o estudo da cultura anglo-americana, mediante o emprego de métodos de escavação consagrados pela Arqueologia Pré-Histórica. Assim, as primeiras escavações ocorrem em monumentos e locais relevantes para a construção e validação das grandes narrativas que dão forma à identidade nacional, sendo escavados, por exemplo, o forte Necessity em 1953; James Town na Virginia, Williamnsburg colonial, e os fortes Frederica na Geórgia e Vancouver em Washington.

Será apenas no início da década de 60 que a arqueologia ganhará um respaldo mais científico, através do trabalho de arqueólogos pré-historiadores e da lei nº. 3.924, entrando em uma fase de desenvolvimento, entretanto, como afirma o arqueólogo Pedro Paulo Funari (2005):

No Brasil, a arqueologia histórica foi importada dos Estados Unidos, ainda durante a ditadura militar, e seguiu, nos seus primeiros passos, os caminhos trilhados na origem, com sua preocupação com os vestígios dos grandes monumentos dos colonizadores, como em nosso caso, as fortificações.

E a arqueologia histórica brasileira, influenciada por essa arqueologia histórica norte-americana¹¹, estava fortemente atrelada à ideologia vigente, e buscava, dentro de uma visão bem elitista, a cultura material das elites coloniais.

Tânia Andrade Lima (1993, p.228) coloca que essa arqueologia estava:

Profundamente comprometida com os trabalhos de restauração desses monumentos, em geral empreendidos pelos órgãos encarregados da preservação do patrimônio histórico e cultural da nação, enveredou-se por um caminho bastante atraente e sedutor, mas acabou por desviá-la, muitas vezes, de seu

¹¹ Trabalhos de arqueologia histórica nos Estados Unidos surgiram nos anos 60, de início, centraram-se nos estudos dos colonos considerados “fundadores da pátria americana”, postulou a divisão da arqueologia em pré-histórica até 1492 e a histórica após 1492, definição esta considerada artificial no contexto atual, mas que foi adotada pela arqueologia histórica brasileira no seu início, além disso, esses modelos norte-americanos partem do princípio de que as relações sociais foram sempre marcadas pelo domínio do capital, definição esta válida, talvez, para os Estados Unidos, que possuiu uma formação mais atrelada às ideais burgueses, mas que, todavia, não se aplica à formação histórica brasileira, muito mais paternalista e patriarcal que burguesa. No Brasil, a arqueologia histórica foi importada dos Estados Unidos, ainda durante a ditadura militar, e seguiu, nos seus primeiros passos, os caminhos trilhados na origem, com sua preocupação com os vestígios dos grandes monumentos dos colonizadores, como, em nosso caso, assim como a disciplina nos Estados Unidos estavam vinculados aos “grandes fundadores da pátria”.

compromisso maior: a explanação da emergência, da manutenção e da transformação das configurações culturais através dos tempos. Reduzida, na maioria dos casos, a técnica a serviço de outras áreas do conhecimento, como a história e a arquitetura, foi destituída de todo o seu vigor enquanto ciência social. (...). Negada, por muitos, como uma modalidade da Arqueologia, e desta forma vivendo uma “crise de identidade” viu-se relegada a um papel meramente coadjuvante.

Ou seja, a atividade de restauro dos grandes monumentos, acabava ou ainda acaba por tornar o trabalho do arqueólogo historiador uma simples técnica, uma ciência auxiliar da história e da arquitetura, tornando o arqueólogo historiador o que Tânia Andrade Lima chamou de “arqueógrafo”¹².

Inseridas no âmbito do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA)¹³, iniciam-se, as investigações no Rio Grande do Sul, ainda na década de 1960, nas missões jesuíticas, criando a primeira fase cultural histórica do estado, a chamada “fase missões”.

Nos anos 1970, surge em decorrência dos trabalhos nas missões, o estudo dos contatos interétnicos resultantes da colonização e como isso vai se refletir na cultura material, concomitantemente, no Nordeste brasileiro, começa-se a investigar as fortificações e as igrejas coloniais de Pernambuco, nos anos 1980, essa chamada “arqueologia de contato” vai se apresentar de uma forma muito mais desenvolvida, principalmente no sul do país.

Com o restabelecimento das liberdades civis, com o fim da ditadura em 1985, a arqueologia histórica, assim todas as áreas do conhecimento, passam a ter a possibilidade de acrescentar em si um caráter mais social e crítico.

¹² Tânia Andrade Lima, no trabalho: Arqueologia Histórica no Brasil: balanço Bibliográfico (1960-1991) entende como “arqueógrafos” arqueólogos que escrevem de forma descritiva e particularista, numa linha “arqueográfica”, ou seja, que simplesmente escrevem sobre, sem que se faça uma análise crítica dos dados, prática essa comum a alguns arqueólogos historiadores que trabalhavam ou ainda trabalham com restauro de monumentos dentro de uma perspectiva mais ultrapassa de se trabalhar com restauro. Atualmente, a prática do restauro de monumentos por arqueólogos historiadores tem se desenvolvido de forma mais comprometida com a análise crítica dos dados.

¹³ O PRONAPA foi um ambicioso programa que buscava uma primeira visão geral da pré-história brasileira, utilizando uma pesquisa integrada graças à utilização de uma metodologia única. O projeto foi falho por se utilizar de parâmetros estatísticos muitas vezes ultrapassados, e que não abarcavam a diversidade brasileira, mas que teve o aspecto positivo de incentivar a pesquisa arqueológica em áreas praticamente desconhecidas pela comunidade acadêmica. Maiores informações podem ser obtidas em PROUS, André, Arqueologia, Pré-História e História. In: **Pré-História da terra brasilis**. Org. Maria Cristina Tenório. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000; p. 19 a 32.

Em outubro de 1985, o então Núcleo de Arqueologia da Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Nacional Pró - memória (SPHAN/FNPM) organizou, no Rio de Janeiro, o primeiro Seminário de Arqueologia Histórica do país, este evento, mostrou o caráter pulverizado que a arqueologia histórica possuía, a produção resumia-se a estudos vinculados aos patrimônios arquitetônicos do nordeste e a arqueologia histórica missioneira e de contato no sul do país. Os demais trabalhos estavam isolados em si mesmos.

Além disso, grande e expressiva parte dos trabalhos apresentava problemas de inadequações metodológicas e técnicas, as soluções eram improvisações surgidas a partir da tentativa e erro.

Em decorrência destas deficiências, cientistas presentes no seminário, conscientes destas faltas, buscaram um maior entrosamento entre os pesquisadores, tentando dessa forma, tornar a arqueologia histórica mais coesa, e, por conseguinte, com o rigor científico e metodológico maior, dessa forma, a arqueologia histórica, que até então era tratada ou com desprezo ou com um sentimento paternalista pela própria arqueologia em geral, passou, a ser mais respeitada enquanto ciência.

A partir 1987, trabalhos de arqueologia histórica começaram a ser recebidos nas reuniões da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), com vários espaços para apresentação das pesquisas.

A arqueologia histórica, mesmo ainda fortemente atrelada aos monumentos, começou a se abrir para novas perspectivas mais científica e socialmente comprometidas.

1.4 – A Arqueologia Histórica Contemporânea: Novos Olhares

A Arqueologia histórica Brasileira até então, sempre esteve fortemente atrelada aos possuidores, aos detentores do patrimônio, no sentido de bem de valor, as pesquisas estavam vinculadas às elites escravistas, o que acabava por legitimar essa dominação. Segundo Pedro Paulo Funari (2005):

Na origem da Arqueologia Histórica no Brasil, está o patrimônio, bem material de alto valor monetário e o ipso símbolo da vitória da apropriação do trabalho alheio. Patrimônio é aquilo que poucos têm, é o cabedal a ser passado de pai para filho, de proprietário a proprietário, apanágio de poucos. Deste sentido jurídico de patrimônio deriva o uso cultural do termo. Trata-se, pois, de bens que demonstram a propriedade e não proprietários seu devido lugar na ordem social. Também em nosso meio, pois, a disciplina surge como reforço material de narrativas hegemônicas, ainda que os discursos dominantes sejam diversos daqueles prevaletentes nos Estados Unidos ou na Europa. Para uns o individualismo capitalista da América, para outros a tradição aristocrática européia, enquanto no Brasil as narrativas dominantes fundam-se no patriarcalismo escravista.

Todavia, atualmente, a arqueologia histórica brasileira tem passado por um momento de profundas mudanças, é o momento de submeter os trabalhos a uma profunda crítica, para Marcos Albuquerque (1993):

Esta proposta constitui-se em uma tarefa árdua, incômoda até, entretanto, me parece que se constitui na única alternativa que possamos produzir uma Arqueologia verdadeiramente científica. (...) Parece-nos que alguns passos constituíram-se em elementos catalisadores deste processo: a busca de uma coerência interna no bojo de uma teoria, aliada à consistência dos conceitos utilizadores e a aplicação de procedimentos estatísticos mais complexos, conseqüentemente de maior poder explicativo.

Por essa idéia, a arqueologia histórica está adquirindo um caráter bem mais científico, com os arqueólogos historiadores buscando revisitar seus trabalhos.

Ainda segundo o arqueólogo (1993):

O estudo de um sistema cultural através de subsistemas, constitui-se em uma promissora, porém difícil perspectiva para o avanço da arqueologia brasileira. Avanço no sentido da superação da descritividade e visando o real entendimento da sociedade em estudo.

Albuquerque vê na Teoria Geral dos Sistemas¹⁴, apesar das dificuldades, o futuro da arqueologia, não só da histórica, mas da ciência em geral, assim como

¹⁴ Segundo Marcos Albuquerque, através da Teoria Geral dos Sistemas, a mesma abordagem teórica poderá ser utilizada para o entendimento de uma sociedade de caçadores-coletores do pleistoceno

Bruce Trigger (2004), que diz que a elaboração de uma teoria de sistemas mundiais também pode indicar a falência dos sistemas tradicionais da pesquisa arqueológica.

Para Albuquerque (2003) “tem se propugnado que a Arqueologia Histórica abranja seja o estudo do mundo moderno, seja de todas as sociedades com escrita”, ou seja, uma arqueologia histórica mundial, sem dicotomias como moderno/ antigo, capitalistas/ não capitalistas, sendo dessa forma, possível evitar que sítios indígenas não sejam objeto de pesquisa da arqueologia histórica, por mais que sejam contemporâneos aos sítios históricos, pois, o capitalismo não consegue uniformizar a cultura material (FUNARI, 2003). Todavia, respeitando as particularidades de cada contexto.

Duas “novas arqueologias” têm se mostrado em evidência na arqueologia histórica, a chamada arqueologia social e a arqueologia pós-processual.

A primeira seria uma arqueologia que trata das relações sociais dos indivíduos, segundo Charles Orser (2000 p 57):

Un elemento central em esta perspectiva es considerar que la sociedad está compuesta no simplemente por individuos que interactúan, sino por redes complejas de relaciones sociales que forman y conforman la sociedad como resultado de su interacción¹⁵.

Nessa arqueologia, os arqueólogos sociais encaram a cultura material não apenas como uma mostra dos processos culturais, mas também como fontes de informação sobre as relações sociais daqueles que as produziram ou utilizaram.

Um conceito importante seria o de modo-de-produção, que seria segundo Orser (2000 apud, Eric R. Wolf, [196?] p. 57):

Un conjunto de relaciones sociales actuando históricamente, a través de las cuales el trabajo social es utilizado para retirar energía de la

ou de uma sociedade atual. Por exemplo, o estudo de um material de uma cozinha de uma fortificação, independente da matéria-prima, está associado ao subsistema alimentar, que por sua vez, não poderá ser desvinculado dos demais sistemas.

¹⁵ Um elemento central nesta perspectiva é considerar que a sociedade está composta não simplesmente por indivíduos que interagem, mas por redes complexas de relações sociais que formam e conformam a sociedade como resultado de sua interação. [tradução nossa]

naturaleza por medio de herramientas, habilidades, organizaciones y conocimientos.¹⁶

A produção, para estes arqueólogos, não é apenas a manufatura de objetos físicos, (aspectos tecnológicos) mas também a produção de poder (aspectos ideológicos).

Exemplos da atuação da arqueologia social podem ser vistos nos trabalhos de arqueologia histórica da escravidão, aonde existe um sistema de segregação que separava negros escravos e brancos¹⁷. Os trabalhos do arqueólogo Charles Orser¹⁸ nas plantações do sul dos Estados Unidos são exemplos de arqueologia histórica da escravidão.

A segunda chamada de Arqueologia pós-processual ou contextual ultrapassa todas as abordagens anteriores, passa a encarar os indivíduos como negociadores ativos das regras sociais. Para Orser (2000) os elementos essenciais da arqueologia posprocessual incorporam aspectos de ação, sentido, contexto e história, ou seja, consideram o contexto cultural e histórico de cada sítio.

A Arqueologia pós-processual surgiu no cenário arqueológico anglo-americano no início dos anos oitenta como uma resposta à ênfase extremada da Arqueologia processual no adaptacionismo, funcionalismo, positivismo e generalizações. Esse movimento tem por objetivo não apenas questionar e construir em cima daquilo que os arqueólogos processuais produziram, mas, também, trazer novamente à tona problemas que foram discutidos por uma geração mais antiga de arqueólogos “pré processuais” relacionados à escola histórico-cultural (TOCCHETTO, et alli, 2001).

Ian Hodder, um dos principais representantes desse pensamento, propõe que o indivíduo seja considerado ativo dentro de uma estrutura social de crenças,

¹⁶ Um conjunto de relações sociais atuando historicamente, através das quais o trabalho social é utilizado para retirar energia da natureza por meio de ferramentas, habilidades, organizações e conhecimentos. [tradução nossa]

¹⁷ Dentro desta perspectiva, pode-se dizer que existiam diversos antagonismos, varias “castas” dentro dos sistemas de segregação, por exemplo, pelas relações de trabalho, os negros vinham de diversas partes da África, possuíam diversas culturas, mas passavam a ser parte de uma única casta, a dos escravos.

¹⁸ Os textos "Historical Archaeology on Southern Plantations and Farms," Beneath the Material Surface of Things: Commodities, Artifacts, and Slave Plantations", e "Descendant Communities: Linking People in the Present with the Past" são alguns dos trabalhos de Charles Orser nesta área.

conceitos e disposições, sendo que os itens materiais adquirem significados simbólicos que podem variar conforme o contexto no qual estão inseridos.

Os processos cognitivos, a relativização do pensamento dos agentes históricos, a lingüística, e principalmente, a vinculação entre passado e presente são características marcantes dessa forma de pensar, que surgiu recentemente e tem se apresentado como mais uma perspectiva de utilização da informação arqueológica.

Zanetinni (2005) baseando-se em Hodder, Funari, Orser e vinculando-se á uma perspectiva também mais crítica e interpretativa, lembra que o conhecimento produzido pela arqueologia, está relacionado ao presente, ou seja, a suposta visão neutra da ciência passa a se tornar questionável, ou seja, interpretações mais contemporâneas de arqueologia como um todo, incluindo também a arqueologia histórica, já não se propõem mais como isentas, o contexto em que o pesquisador esta inserido passa a fazer parte da pesquisa científica de maneira consciente.

As novas perspectivas e as novas formas de pensamento abriram as possibilidades para novas fontes de pesquisas e diálogo com outras disciplinas, por exemplo, os aspectos construtivos e arquitetônicos de uma casa, podem sugerir novos questionamentos, através da análise de como os acessos, as portas, os corredores, podem mostrar a posição social de cada ocupante de cada cômodo. Para Najjar:

Os estudos em Arqueologia Histórica mostram o caráter multidisciplinar da Arqueologia como disciplina científica. O diálogo com outras áreas do conhecimento como a História, a Arquitetura e a Antropologia têm sido fundamental. A multiplicidade de informações relativas aos sítios históricos implica a necessidade do olhar de cada uma dessas áreas. Artefatos, documentos escritos, informação oral e a própria Arquitetura podem nos informar sobre as relações entre seus ocupantes e como estes se relacionavam com a sociedade. (p.71, 2005)

A arqueologia atual, “é uma ciência social, no sentido de que ela tenta explicar o aconteceu com grupos humanos específicos, no passado, e generalizar sobre os processos de mudança cultural.” (TRIGGER, 1990 apud FUNARI, 1998).

Enfim, este é o momento em que a arqueologia histórica realiza sua exegese, diversos trabalhos estão sendo reavaliados pelos arqueólogos que os produziram, além disso, vários sítios arqueológicos que até então não eram de interesse da arqueologia histórica até as últimas décadas, passaram a ser tomados como objetos

de pesquisas sérias e cientificamente comprometidas, locais como, quilombos, simples unidades domésticas, becos urbanos, quintais, cortiços, caminhos, pequenos povoados, fazendas, senzalas, tecnologias de processamento de determinados materiais, entre outros.

A arqueologia histórica é hoje uma ciência rica e multifacetada, que se conecta com correntes diversas com vários objetivos, que se complementam e não se excluem, “em condições de trabalhar com múltiplos passados, descobertos, interpretados, inventados ou recriados” (ZARANKIN; SENATORE, 2002, p. 12 apud ZANETTINI, 2005 p. 16).

A arqueologia, enquanto construção cultural está intrinsecamente ligada ao presente, ou seja, advém intimamente da posição que o arqueólogo ocupa dentro do seu contexto, dentro de seu espaço e seu tempo, seus pressupostos culturais, sua visão política, enfim, sua trajetória de vida. (ZANETTINI, 2005). Portanto, existe nesse processo uma grande carga de subjetividade, de maneira que a suposta “visão neutra” de ciência torna-se questionável.

Essa visão dinâmica e mais socialmente comprometida da arqueologia coloca o arqueólogo em uma posição de grande responsabilidade com a sociedade, em relação à forma com recupera e analisa os dados de sua pesquisa bem como os transmite esse conhecimento arqueológico aos diversos setores da sociedade. Com isso:

A prática da arqueologia, outrora relegada aos corredores silenciosos das universidades e aos empoeirados depósitos dos museus, foi transformada em uma disciplina com um engajamento significativo com o público (FUNARI; ORSER; SCHIAVETTO, 2005, p. 10 apud ZANETTINI, 2005, P. 17).

Para Pedro Paulo Funari (2005):

A arqueologia histórica tem crescido muito, em especial naquilo que pode oferecer de mais original, no estudo tanto das particularidades da cultura material brasileira, como ao agenciar pontos de vista próprios. Ao estarmos na encruzilhada de influências, podemos muitas vezes, propor interpretações originais e inovadoras. (...) As perspectivas para seu desenvolvimento são, portanto, as melhores e as novas gerações de estudiosos estão a demonstrar a sua vitalidade. A diversidade de

abordagens e sua inserção na ciência mundial atestam seu amadurecimento.

Esse amadurecimento tem propiciado que as temáticas de pesquisa sejam abordadas sobre novas formas de pensar, encarando os sujeitos históricos como indivíduos ativos em seus contextos, ou seja, as pessoas que viviam e sobreviviam na Estância Velha do Jarau, tema do presente trabalho, são encarados como agentes históricos formadores de seus contextos, estes são capazes de negociar, de se adaptar, de aceitar ou rechaçar o que lhe é imposto, oferecido ou mesmo construído por eles próprios. Através dos registros deixados por eles, vestígios de seu cotidiano, uma visualização, mesmo que parcial dessas suas ações cotidianas, pode ser inferida.

As novas abordagens que a arqueologia histórica tem adotado tem propiciado que aqueles sujeitos até então esquecidos pela disciplina tenham voz, desconstruindo um passado de grandes monumentos, ligado á uma elite possuidora, e trazendo a tona aqueles indivíduos que efetivamente construíram a história, e mesmo sem ter deixado documentos oficiais escritos, podem ser vistos e escutados através da arqueologia histórica.

1.5 – O Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas: O LEPA-UFSM

O Rio Grande do Sul possui diversos centros de pesquisas arqueológicas, entre ele, o LEPA é o responsável pelo projeto Salamanca, do qual esta dissertação faz parte.

Criado em 1982 pelo falecido professor Vitor Hugo da Silva, quando ocorrem diversas campanhas de campo, com varias intervenções arqueológicas e um grande trabalho de registro de sítios que constam nos catálogos do LEPA.

Com a aposentadoria do Professor Vitor Hugo no início dos anos 1990, assumiu a coordenação do LEPA o Professor .Mestre em Arqueologia Teófilo Torronteguy. Nesse período não foram desenvolvidas pesquisas de campo, porém através de diversos projetos foram conseguidos vários equipamentos de informática e lupas oculares.

Em 1994 assume o LEPA o professor Arqueólogo Saul E. Seiguer Milder, com isso inicia-se uma nova etapa. O LEPA passa então, a realizar novas escavações, ara isso se investe na compra de equipamentos necessários para essas atividades, já que anteriormente o laboratório, que não saia à campo, não possuía as ferramentas necessárias.

Em 1995 começa o projeto de arqueologia em São Martinho da Serra, entre outros sítios, foram escavados os sítios arqueológicos históricos Gláucia Cecchim e Casarão dos Mello. Este projeto durou 10 anos. O LEPA também escavou nas missões. Em 1997 inicia-se o projeto Salamanca, na cidade de Quaraí, com três sítios principais, o Areal, um sitio pré-histórico, e dois históricos, o Saladeiro e a Estância Velha do Jarau, varias pesquisas e intervenções foram desenvolvidas e continuam sendo realizados, como o presente trabalho.

No ano de 2000, o LEPA, que até então ficava localizado no prédio de Apoio do Antigo Hospital da UFSM, com uma área inicialmente de 30 m² que passa posteriormente para 67 m², passa para um local bem maior, já que cada vez mais se realizavam escavações e com isso a necessidade de um espaço adequado para a guarda responsável da cultura material advinda dos sítios. Atualmente o LEPA tem realizado pesquisas em sítios arqueológicos históricos na região da Quarta Colônia, além disso, foi acrescentado ao projeto Salamanca o sitio arqueologia histórico Fazenda Santa Clara. Neste período forma desenvolvidos muitos projetos em várias regiões do Brasil com o apoio da Fundação de Apoio a Tecnologia e Ciência-FATEC.

2. PAISAGEM E HISTÓRIA: O CONTEXTO DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU

2.1 As Estâncias na Formação histórica do Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul possui, entre outros vários, um caráter particular em relação aos demais estados, não se enquadrando nem dentro do caso da exploração colonial, tal como os processos de mineração, e nem em outras formas de produção agrícola, como o caso do açúcar, teve uma integração relativamente tardia ao Brasil colonial.

Com as missões jesuíticas, mais precisamente quando os padres da companhia de Jesus se vêem obrigados a se retirar, em torno de 1768, deixa nos campos o fundamento econômico básico do Rio Grande do Sul deste momento: a preia do gado xucro.

A tropeia deste gado fazia-se em termos de fornecimento de animais para o corte e para o transporte, na região de Minas, e, por isso, foi preciso adentrar na área platina. Com isso, formou-se um tipo social específico deste período e local: o tropeiro, chefe de um bando armado que conduzia estes rebanhos até seu destino.

Na terceira década do século XVIII, teve início o processo de distribuição de sesmarias. Com a posse de terra e gado, estabeleceu-se a estância. Estas sesmarias eram doadas pela Coroa para tropeiros que se sedentarizaram ou militares como retribuição a serviços militares prestados.

Essas estâncias se utilizaram quase que massivamente da mão-de-obra de peões, que foram elementos subalternos do antigo bando armado que tropeava gado ou índios vindos das missões jesuíticas.

Além de núcleo produtivo de gado, tanto para o consumo fora do estado, como também para o consumo interno. O estabelecimento de estâncias na fronteira

oeste do Rio Grande do Sul insere-se na estratégia imposta pela Coroa Luso-brasileira na fixação dos limites, com uma efetivação da posse do território segundo Santi (2004, p. 71):

Pode-se perceber que a maioria dos autores trata as estâncias como elementos que se tornaram uma forma eficaz de ocupação e povoamento desta parte do território riograndense (Fronteira Oeste). Assim, a relação dos possíveis proprietários com a terra em conquista se inicia pelo gerenciamento das potencialidades naturais, como áreas de captação de recursos, para o suprimento de necessidades básicas, estruturando as condições que permitam o desenvolvimento de uma economia produtiva, baseada na criação de gado.

O século XIX também foi marcado por diversas disputas territoriais, principalmente na região oeste do Rio Grande do Sul. Essas disputas buscavam a definição dos limites dos territórios nacionais.

Entende-se fronteira como um espaço altamente dinâmico, em constante construção e mudança. É o local das trocas, das passagens, de contato, é ao mesmo tempo, o local do entrelaçamento cultural, e da interdependência econômica, o que gera uma articulação regional baseada na zona de fronteira.

O Limite, baseando-se em Golin (2004) é um fator de separação, não importando a presença de características físico-geográficas ou cultural-sociais em comum.

Os conflitos resultantes da demarcação de limites eram constantes e implicavam necessariamente de um reforço militar na área. Mais do que nunca, a Coroa precisava de estancieiros com seus homens para a defesa das terras.

Com isso, as autoridades luso-brasileiras se viram obrigadas a outorgar poderes militares a estes estancieiros, distribuindo terra e cargos entre estes homens.

Freqüentemente, esses estancieiros exerceram seu poder na defesa de seus interesses privados, entrando em conflito com aqueles que representavam os interesses da Coroa Luso-Brasileira.

Todavia, estes verdadeiros oficiais militares, com suas tropas irregulares de peões-soldados, tinham uma importância muito grande na manutenção das fronteiras, que acabam por ter uma relativa liberdade, ora servindo a coroa, ora

agindo conforme seus interesses. Segundo Cláudio Moreira Bento 1983 (apud. SÁ), [196?] p. 125:

O caudilho gaúcho era um chefe militar na guerra e chefe civil na paz. Em torno dele agrupavam-se as tropas de guerra, mais tarde, os eleitores da paz. (...) Os homens lhe eram fieis até a morte e por ele e pela causa que ele encarnava, matavam ou se deixavam matar. (...).

A formação do Rio Grande do Sul traz em seus primórdios uma organização social e territorial bastante característica. O desenvolvimento de estabelecimentos denominados Estâncias – que surgem para ocupar e povoar essas terras que se encontram sob constante ameaça espanhola – acaba por delinear e firmar alguns padrões de relacionamento e conduta.

Dessa forma, as Estâncias contribuem para a formação de uma base econômica – a criação de gado – mas fundamentalmente, são ambientes cuja organização e complexas relações dão origem a um referencial cultural, a hábitos e costumes que posteriormente serão chamados de “gaúchos¹⁹”.

O sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, região denominada de Campanha, apresenta-se como uma área com especial importância histórica e arqueológica, aonde está localizada a cidade de Quaraí. Criada no dia 8 de abril de 1875 a partir do município de Alegrete.

Na paisagem de Quaraí, um aspecto salta aos olhos, o Cerro do Jarau, uma colina com 11 cerros, dos quais o mais elevado está a 310 metros do nível do mar e o menor a 280 metros, sendo que suas características geológicas evidenciam a sua formação a partir de um astroblema²⁰.

¹⁹Com o advento do tradicionalismo no Rio Grande do Sul, a partir de 1948 ano em que Barbosa Lessa e outros jovens fundaram o Centro de Tradições Gaúchas “35 CTG,” o termo gaúcho deixa de ser vinculado a uma forma depreciativa e passa a ser adotado como sinônimo de Sul Rio Grandense. O CTG, o centro de tradições gaúchas, se organiza como uma estância ideal, com patrão, capataz, sotocapataz, peão e prenda. O mito do herói formador se confunde com o latifúndio de criação de gado, o “gaúcho” é uma visão construída do que seria um peão, ou seja, a estância esta intimamente ligada à chamada identidade gaúcha. Maiores informações em GUTFREIND, Ieda. A historiografia sul-rio-grandense e o mito do gaúcho brasileiro. In: FISCHER, Luís Augusto; GONZAGA, Sergius (orgs.). **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p. 148-152 e FLORES, Moacyr. **Historiografia – estudos**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.

²⁰ Crateras formadas pelo impacto de corpos celestes (meteoritos, asteróides ou cometas) contra a superfície da Terra. São feições raras, sendo conhecidas mais de 170 delas em todo o planeta. Até recentemente, apenas 5 estruturas dessa natureza eram conhecidas no Brasil. A feição circular



Figura 1: Rio Grande do Sul, em Vermelho, região da campanha, na seta azul, cidade de Quaraí. Fonte: Acervo Pessoal.

Em relação à Estância Velha do Jarau, ela servia como um grande e privilegiado ponto de observação, segundo Gomes (2001, p.22):

denominada Cerro do Jarau, revelou recentemente características diagnósticas de fenômenos de impacto meteorítico, passando assim a ser a sexta estrutura de impacto em território brasileiro. Trata-se de uma estrutura em avançado estado de erosão (astroblema), com diâmetro de cerca de 13 km, formada sobre rochas basálticas e areníticas das formações Guará, Botucatu e Serra Geral, da Bacia do Paraná.

A contribuição do cerro no aspecto da segurança da propriedade corresponde a sua possibilidade de oferecer uma privilegiada visão das áreas próximas, servindo de ponto de observação das movimentações de tropas de gado e hordas castelhanas pelos terrenos.

Localizado próximo à estância, seu acesso era muito fácil para os moradores do local. Segundo Fernandes (1961 apud. GOMES 2001):

Estes serros servem na Capitania de distinguir as diversas partes dela e de fazer conhecer os sítios particulares de cada uma. Alguns deles têm servido as vigias em tempos de guerra, por descobrirem o campo até grandes distâncias.

2. 2 O Rio Grande do Sul do século XIX através de fragmentos de relatos de viajantes: Os Objetos e as Pessoas.

Desde de o período da colonização o Brasil foi objeto de observação e pesquisa para vários viajantes europeus de diversas nacionalidades, a partir do século XVIII passaram a percorrer o território nacional de forma efetiva e científica²¹. Esses textos produzidos em decorrência dessas inúmeras expedições, foram publicados na Europa, para um público ávido de notícias sobre um país exótico como o Brasil.

Os viajantes passaram a visitar cidades e vilas, fazendas e áreas rurais, mas também chegavam a lugares ainda sem ocupação: matas até então intocadas pela civilização, rios de curso não delimitado e grandes extensões ainda não mapeadas.

É preciso que se leve em consideração os aspectos subjetivos destes relatos, esses indivíduos que produziram esses textos, eram europeus inseridos em uma forma de pensamento cientificista e européia.

²¹ A atividade exploradora na América, do século XVIII em diante, caracterizou-se por um marcado caráter científico. Era a época do racionalismo e do cientificismo, que buscavam o conhecimento da realidade através da observação do empírico, da natureza. A elaboração do texto e a forma como foram apresentadas as representações também estiveram influenciados pelo movimento romântico que se estruturava no período. A noção de natureza e seus corolários – a bondade natural, a pureza da vida em natureza, a superioridade da inspiração natural, primitiva, popular – estão presentes nas representações construídas pelos viajantes.

Os textos, mesmo com este caráter científico inserido, estão permeados de reflexões pessoais e preconceituosas por parte de seus escritores, além disso, esses escritores colocaram suas impressões, ou seja, grande parte dos seus relatos, passou pelo campo da emoção, são representações.

Segundo Chartier (1990), as representações são produtos de vivências sociais, as quais geram o contexto em que as imagens são produzidas. Nesta linha de raciocínio, ele indica o caminho para decifrar a construção de um sentido num processo determinado: o cruzamento entre práticas sociais e historicamente diferenciadas com as representações feitas.

Como bem acentua o autor, as clivagens culturais não se organizam só através do recorte social, ocorrendo também configurações derivadas dos fatores sexo, idade, tradição cultural, época etc.

Os textos utilizados para a construção deste sub-capítulo, se constituem de representações, *reinvenções de realidades*, produzidas a partir da visão de um sujeito. São imagens que se constituem em representações do real, elaboradas a partir de componentes ideológicos de pessoas dotadas de equipamentos culturais próprios e que trazem um patrimônio anterior que condiciona o modo de observar e entender o empírico.

Dessa forma, é preciso que se leve em consideração essas características no sentido de negar qualquer atribuição de verdade absoluta a esses textos, pelo contrário, são construções elaboradas a partir de um contexto em que esses autores estavam inseridos.

Mas entretanto, não negam seu valor enquanto fonte histórica, já que apresentam informações a respeito tanto do que os autores se propõem a relatar, quando de suas impressões e emoções à respeito disso, que nos mostra a bagagem cultural desses indivíduos.

As referências expostas no presente texto, que dizem respeito tanto a regiões específicas do Rio Grande do Sul, quanto do estado em geral, foram selecionadas no sentido de trazerem aspectos da sociedade sul riograndense que possam ser observados através da sua cultura material.

A violência e a beligerância têm sido mostradas como constituinte de uma identidade gaúcha, a constância dos conflitos e a proximidade de uma fronteira em constante movimento acabam por trazer a beligerância para dentro da sociedade e tornando uma cultura material relacionada á ela muito comum.

Em Capão do Leão, em 1829, Carl Sidler, na ocasião da passagem por uma hospedaria, assusta - se com um rapaz, armado com duas pistolas e uma grande espada. (BRUNO, 2001)

Robert Ave-Lallemant, em São Miguel das Missões, no ano de 1858, chama atenção para esses homens com facas sempre na cintura, e que facilmente retiraram suas lâminas das bainhas. (BRUNO, 2001).

Em Piratini, Carl Seidler, no ano de 1829, vê moças, filhas do estancieiro, montando e caçando junto aos homens, demonstrando muita destreza na utilização de uma espingarda. (BRUNO, 2001).

O cavalo, através da cultura material relacionada a ele, é bastante freqüente na coleção da Estância Velha do Jarau, seja através de suas ferraduras, seja pelos objetos utilizados pelos peões na sua montaria.

Além disso, é montada sobre esse animal, que boa parte do trabalho de uma estância é realizado, devido a isso, é atribuído ao cavalo uma grande importância.

Sobre os objetos de trabalho, na região de Pedras Altas, em 1882, Herbert H. Smith vê uma série de laços, ferros de ferrar e utensílios de trabalho dos peões pendurados nas paredes (BRUNO 2001), hábito este comum até nos dias atuais.

Nicolau Dreys, em 1817/1837 observa a presença do laço e das boleadeiras entre os equipamentos peões, John Luccock, em Rio Grande, entre os anos de 1809 e 1813, também chama a atenção para o uso freqüente do laço, assim como Carl Sidler, que na ocasião de se encontrar na cidade de Piratini, no ano de 1828, a utilização do laço também chama sua atenção. (BRUNO, 2001).

Daniel Parish Kidder, nos anos de 1837 a 1840, se surpreende com o fato de que as crianças no Rio Grande do Sul montam desde cedo, além de usar o laço e a boleadeira, tanto as meninos quanto as meninas. (BRUNO, 2001).

John Luccock, em 1809, faz uma minuciosa descrição dos arreios dos cavalos do habitante do Rio Grande do Sul. (BRUNO, 2001). Jean Baptista Debret, em um período entre 1816 a 1831, observou a importância que os gaúchos dão aos seus arreios, tanto os indígenas, na figura de um guarani, que utiliza em sua montaria arreios guarnecidos de prata. (BRUNO, 2001), quanto, até mesmo senhoras, que utilizam longas esporas de prata.

Sobre mulheres montando, Robert Ave-Lallemant, fala a respeito de moças montadas de lado, na cidade de São Leopoldo, em 1858, na ocasião de um passeio no Domingo. (BRUNO, 2001).

Em Santa Maria, Robert Ave-Lallemant, no ano de 1858, observa que a grande maioria da população, raramente tira suas esporas e seu poncho. (BRUNO, 2001).

Robert Ave-Lallemant, em 1858, na região de Uruguaiana vê a forte presença das gigantes esporas de prata, com rosetas grandes, as chilenas. (BRUNO, 2001)

Durante sua passagem pela cidade de Rio Grande, entre os anos de 1809 e 1813, John Luccock, nota que os arreios e acessórios de um cavalo de um habitante do Rio Grande do Sul, poderiam custar mais que o próprio cavalo. (BRUNO, 2001).

Nicolau Dreys, no período de 1817 a 1837, na ocasião de sua passagem pelo Rio Grande do Sul, nota a existência de um tipo de estribo diferente, um estribo de pau, um pequeno rolinho de madeira, aonde se coloca apenas o dedo maior do pé. (BRUNO, 2001).

Em 1821, August Saint Hilaire, nos arredores do rio Ibicui, percebe que os arreios são utilizados como camas pelos indivíduos que o acompanham, e que esse é um hábito comum. Já cidade de Rio Pardo, durante o mesmo ano, o pesquisador francês propõem que o luxo e a riqueza dos gaúchos são mostradas através dos arreios de prata de seus cavalos. (BRUNO, 2001).

Em 1858, na cidade de Uruguaiana, Robert Ave-Lallemant, observou uma serie de selas para senhoras, ricamente decoradas e muito elegantes, todavia, ele não viu necessidade tampouco utilidade para essas selas em um lugar com Uruguaiana. (BRUNO, 2001).

Em Pelotas, nos anos entre 1817 e 1837, Nicolau Dreys descreve as selas usadas por senhoras como sendo do mesmo nível das de Paris, com muitos bordados e decorações. (BRUNO, 2001).

Herbert H. Smith, em 1882, achou a sela sul riograndense grosseira, porém mais leve que a sela inglesa comum. E que, além disso, essa sela serve como cama, à noite.

August de Saint Hilaire, em 1820, nos arredores do Rio Chuí, e em uma Estância próxima a Lagoa Mirim, fala sobre as plantações de milho, mas especificamente da forma com que é colhido, utilizando-se foices pequenas. (BRUNO, 2001).

Em 1821, August de Saint Hilaire, observou um galpão na área rural do Rio Grande do Sul, lhe chamou a atenção à presença de um grande saco, ou um surrão,

um saco feito de couro inteiro costurado, e dentro deles, trigo, colhido na propriedade. (BRUNO, 2001).

Nicolau Dreys, no período de 1817/1837, coloca que a riqueza de um gaúcho se mede através dos aperos dos cavalos, já que o indivíduo se veste de forma muito simples, quase pobre. (BRUNO, 2001).

Robert Ave Lallemant, na região de São Lorenço das Missões, em 1858, observou um indígena, vestindo poncho, e também grandes esporas de prata. (BRUNO, 2001).

O hábito da utilização de talheres só se generalizou no Brasil em meados do século XIX, utilizado apenas em situações muito especiais, todavia John Luccock, em 1809, na cidade de Rio Grande vê que os camponeses, mesmo os mais pobres, trazem sempre consigo talheres de prata. (BRUNO, 2001)

Em Porto Alegre, Herbert H. Smith, no ano de 1882, encontra talheres de ferro na casa de um pobre pescador. (BRUNO, 2001).

Através dos relatos dos viajantes, podemos observar referências na cultura material resgatada do sítio Estância Velha do Jarau. Todavia, certos hábitos ou costumes das populações do Rio Grande do Sul no século XIX relatados por estes estrangeiros não encontram referências na cultura material do sítio, além disso, certos aspectos desta mesma cultura material não são encontrados nestes textos.

2. 3 Formação histórica da Estância Velha do Jarau

A Estância Velha do Jarau, que tem suas primeiras estruturas construídas por volta de 1817 em meio a lutas que visam definir os limites territoriais nacionais, e alternando-se seus proprietários, vai, gradualmente, adquirindo proporções imponentes - é estabelecimento produtivo e lócus residencial- e até 1907, quando é abandonada em função de um incêndio.

A primeira ocupação é atribuída a Maneco Pedroso²², que teria dado início em parte das primeiras cercas de pedras e mantinha e comandava um pequeno

²² Maneco dos Santos Pedroso foi um poderoso militar, foi ele que, em 1801, tomou as Missões jesuíticas quebrando o Tratado de Santo Idelfonso (1777). Maneco teria se arranchado aos pés do

regimento, para defender a fronteira dos ataques de Artigas, Sotel e outros, em um período anterior á 1820.

Entretanto a fundação da Estância é atribuída a Bento Manuel Ribeiro, que teria adquirido a estância em 1828, sendo que, Maneco teria morrido em 1816, havendo assim uma lacuna entre esses dois proprietários da Estância, tampouco existem informações mais relevantes sobre esse período de tempo de passagem entre Maneco Pedroso e Bento Manuel.

Todavia, é Bento Manoel Ribeiro que começa a ocupação efetiva da Estância, iniciando a criação de gado, além disso, ao contrário de seus antecessores, a documentação sobre ele é vasta.

Bento Manoel Ribeiro nasceu em Sorocaba, São Paulo, em 1783, era irmão de Gabriel Ribeiro de Almeida, que junto a Borges do Canto e Manoel dos Santos Pedroso conquistaram as missões²³, e veio para o Rio Grande do sul junto dele.

Ainda na juventude se alistou com soldado no regimento de milícias de Rio Pardo, em 1808 já era alferes e em 1813 foi promovido a tenente, possuía grandes qualidades enquanto militar, e em 1818, já era capitão e foi promovido a major. Em 1923 já era coronel.

Em 1828 comprou o espaço que viria a ser a Estância Velha do Jarau, entre o Guarupá e o Quarai-Mirim, e foi o primeiro proprietário a ocupar a área de forma

Cerro do Jarau em meados de 1820, protegendo e avançado na fronteira que ora ia até o Arapeí ora ia até o Ibicuí. Documentos falam de uma certa Guarda do Jarau, pode-se entender essa Guarda como esse conjunto de homens acampados na região sob ordem de Maneco Pedroso.

²³ Após a assinatura do Tratado de Madri, em 1750, Portugal deveria ceder a Colônia do Sacramento, e em contrapartida receberia os atuais estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (território das missões jesuíticas espanholas), o atual Mato Grosso do Sul, a imensa zona compreendida entre o Alto-Paraguai, o Guaporé e o Madeira de um lado e o Tapajós e Tocantins do outro, regiões estas desabitadas e que não pertenceriam aos portugueses se não fossem as negociações do tratado. No território das missões espanholas, os indígenas reduzidos se recusam a deixar suas terras no território do Rio Grande do Sul e se transferir para o outro lado do rio Uruguai, conforme avia sido acertado no acordo de limites entre Portugal e Espanha. Com o apoio parcial dos jesuítas, no início de 1753 os índios guaranis missioneiros começam a impedir os trabalhos de demarcação da fronteira e anunciam a decisão de não sair da região dos Sete Povos. Em resposta, as autoridades enviam tropas contra os nativos, e a guerra eclode em 1754. Os castelhanos, vindos de Buenos Aires e Montevideú, atacam pelo sul, e os portugueses, enviados do Rio de Janeiro sob o comando do general Gomes Freire, entram pelo rio Jacuí. Juntando depois as tropas na fronteira com o Uruguai, os dois exércitos sobem e atacam frontalmente os batalhões indígenas, dominando Sete Povos em maio de 1756. Chega ao fim a resistência guarani.

efetiva, constrói as primeiras edificações e estabelece a criação de gado e cavalos, principalmente.

Bento Manoel Ribeiro é tido como um homem muito rico, além de ser um grande estrategista militar, essas características aliadas à presença da lenda da Salamanca do Jarau, faz com que o militar adquira “um certo ar mítico”, dizia-se que havia feito um pacto com a Teiniaguá e que possuía uma lança que fora enfeitiçada por este ser mítico que morava na Salamanca do Jarau, e lhe dava todos esses poderes e riquezas.

Os proprietários da Estância Velha do Jarau, inclusive Bento Manoel Ribeiro, foram grandes chefes, reconhecidos por seus peões, que também eram seus soldados, como comandantes.

O recebimento das patentes militares apenas conferia legitimidade a esse poder, pois a própria necessidade de defesa contra os ataques dos “castelhanos”, dos indígenas e de todas as diversas formas de violência comuns a esse conturbado período e local.

Este contexto de fronteira em marcação, fez das estâncias verdadeiros fortes de defesa, sem que fosse necessária uma legalização deste poder militar dos estancieiros. Segundo Gomes (2001, p. 68):

As responsabilidades de Bento Manoel sobre a proteção da Fronteira sudoeste riograndense, por volta de 1826, o fizeram ter sob seu comando uma Brigada e Cavalaria Ligeira. A composição de suas tropas, que tinham por missão conter incursões estrangeiras no Rio Quarai. Além de estender a vigilância até o Rio Arapeí, seriam formadas por cinco Regimentos de Milícias.

Além de marco nos conflitos, a estância foi um grande estabelecimento produtor de gado e cavalos, segundo Pont (1983, p. 175) “diziam que nela cabiam mil cavalos de uma só vez”.

Tendo, a estância, dentro deste aspecto, uma grande contribuição para o setor econômico em que estava inserida, principalmente para as Charqueadas em

pleno desenvolvimento, além disso, era função de Bento Manoel Ribeiro fornecer cavalhadas.

Fornecia também outros gêneros, tais como armamento, munição e mantimentos trazidos da banda oriental, para as campanhas militares, fato esse que contribuiu muito para o crescimento de seu poder militar e econômico frente à sociedade em que estava inserido. É justamente na segunda metade do século XIX que a Estância vive seu apogeu econômico e social.

Bento Manoel falece em 1855, o próximo proprietário seria Olivério Francisco Pereira que teria adquirido a Estância entre 1864 e 1870, correspondente a Guerra do Paraguai, existindo então, outra lacuna entre dois proprietários da Estância.

Novamente inexitem documentos que expliquem esse processo de passagem da propriedade entre os dois. Especula-se que quem negociou essa venda teria sido os filhos de Bento, ou Severino Ribeiro, ou Bento Ribeiro.

Manoel Velloso Rebello, vindo do Rio de Janeiro em 1841, teria se interessado na Estância, entretanto descobriu-se que era um agente da Corte, interessado em subornar Bento Ribeiro, e dessa forma a negociação não se realizou. (SANMARTIN, 1935).

Olivério Francisco Pereira tem um relacionamento com uma índia, chamada “bugra”, que seria ou uma remanescente de guaranis missioneiros ou teria sido trazida por ele durante uma das campanhas da Guerra do Paraguai (1864-1870). Desse relacionamento nascem dois filhos Josephina e Davi, que são entregues à Davi Canabarro, aos dez anos, quando Olivério morre, na própria Estância. (GOMES, 2001)

Quando se tornam maiores de idade, tomam suas partes na herança de Olivério, dividindo a Estância. Davi fica com a parte Norte, atual fazenda Santo Onofre, e Josephina fica com o território correspondente a Estância Velha do Jarau.

A filha de Olivério casa-se com um italiano proprietário de uma casa de secos e molhados, no Caty, Olympio Giudice, e passam a viver na Estância. Com ele, Josephina tem um filho chamado Aldo Pereira Giudice.

O abandono da Estância Velha do Jarau se dá entre 1905 e 1907, devido à abertura de uma estrada muito próxima, além disso, um incêndio, que teria destruído a Estância é o principal motivo para Josephina e sua família deixarem o local.

Entretanto, segundo relatos, a “bugra” teria continuado a viver no que restou da Estância, num local incerto, chamado de “o buraco da bugra”. (GOMES, 2001)

É construída, então, a Estância Nova do Jarau, aproveitando-se de restos da Estância Velha, a cerca de 5 km uma da outra.

Após o abandono a Estância é apropriada pela comunidade de diversas formas, até os anos 80 tropas do exército de Uruguaiana executaram exercícios militares no local, deixando para trás diversos vestígios de sua presença.

Outra perturbação ocorrida foi à presença de diversos CTG's, Centros de Tradições Gauchescas, que realizavam atividades variadas na Estância, por entender - lá como local propício para a valorização das "tradições gauchescas", outro fenômeno comum em sítios históricos é a presença do "caçador de tesouros" que escava e vasculha o sítio atrás de objetos de valor.

2.4: As intervenções arqueológicas no sítio Estância Velha do Jarau:

No período de 26 de abril a 1º de maio de 1997, foi desenvolvida a primeira intervenção ao sítio histórico Estância Velha do Jarau pelo LEPA-UFSM, foram abertas trilhas na vegetação que tomava conta da estância para facilitar a passagem das linhas de quadriculamento, em uma área de 30m x 30m, dividida por quadriculas de 10 x 10, onde foram realizados cortes estratigráficos.

Esses referidos cortes estratigráficos mediram 1m x 1m, foram abertos os poços testes, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14 e 15, os sete primeiros poços teste foram orientados L/O seguindo o contorno da parede central e os demais poços testes foram orientados por N/S.

Os poços testes mostraram a estratigrafia do sítio, que se apresenta muito confusa, no poço teste 05 aparecem pedras grandes e pequenos cascotes, no corte 04 a ordem é anárquica, mas apresenta objetos de metal, no poço 06 ocorreu louça, vidro, telhas grandes, e algumas pedras que podem indicar uma possível parede.

No corte 07, apareceram telhas, ladrilhos, metais, vidro e uma pederneira, no poço 08 apareceu um fragmento de grês, cravos e pregos.

Em sua quase totalidade a ordem das camadas pode ser indicada por uma composição de humos e areia (evidências atuais), humos, areia e argila, (evidências da ocupação secundária e primária).

As camadas litoestratigráficas são permeadas com blocos de rocha local, geralmente escombros das paredes, blocos laminares ordenadamente colocados com sobreposição de argamassa de areia e cal onde foram assentados ladrilhos pouco cosidos com piso. Acima destes ladrilhos ocorre uma camada de fragmentos de telhas, louça, ossos, metais, vidros e tijolos. Entre os vestígios aparecem possíveis ossos de caça, ave e mamíferos.

As escavações de 1999 visitaram os dados obtidos nas escavações de 1997, utilizando-se dos croquis já desenhados anteriormente como base para as medições do sítio, ao final dos trabalhos de medição, o croqui anterior foi corrigido por estar incompleto e com erros de orientação e medição. O ponto zero das escavações foi estabelecido em uma parede central que possui resquícios de reboco, sendo a única com essas características.

Foi traçada uma malha de quadriculamento para controle da escavação, essa malha dividiu a área de escavação em seis quadrantes de 5 x 3,25 m, nomeados I, II, III, IV, V, e VI. Inicialmente a área de escavação foi atacada através de decapagem sistêmica com ferramentas mais delicadas, inclusive sendo realizada a plotagem X, Y e Z do material encontrado, entretanto, a equipe chegou à conclusão de que essa primeira camada era contemporânea, e passou a ataca - lá de forma mais pesada, até chegar a uma camada arqueológica propriamente dita.

Uma trincheira foi aberta, partindo do setor VI no sentido oeste-leste e a parede do forno na busca de um piso ou alicerce, que não foi encontrado.

As escavações desenvolvidas passaram sobre a área aonde anteriormente foram feitos os primeiros poços testes aonde foi possível observar uma estratigrafia altamente perturbada e complexa.

A cultura material obtida nesta escavação foi muito variada, com uma grande quantidade de ossos e material lítico entre as camadas estratigráficas.

Neste ano também, foi escavado "o forno" referido por Raul Pont (1983), sendo que a equipe obteve uma cultura material muito misturada, metais, vidros e louça muito fragmentada e escassa.

As áreas escolhidas para escavação no ano de 2001 foram determinadas por conhecimentos prévios baseados em antecedentes de prospecções. A área de escavação principal localiza-se na unidade de análise casa 1 (sede), segundo Flamarion 2001. E a escavação secundária localiza-se na Quinta.

A escavação principal foi iniciada com a limpeza da área, já que a mesma possuía diversas árvores em seu interior, bem como escombros, provavelmente da parede norte. Os limites da área foram determinados pela extensão e largura das evidências arquitetônicas. Foram demarcadas duas quadrículas de 4m x 4m, separados por uma berma de 1m, totalizando assim uma área total de 9m x 4m, ou seja, 36 m². As quadrículas foram divididas em A e B, sendo cada uma delas dividida em quatro setores, I, II, III, e IV.

Além das escavações nessa área interna, foram abertas duas trincheiras na área externa com a finalidade de se verificar a estratigrafia, o sistema construtivo e a existência de possíveis pisos. Além de um poço de controle estratigráfico nos limites dos setores II e IV da quadrícula A.

Na escavação secundária, que é uma área dominada por vegetação de grande porte e afloramentos de arenitos, foram realizados sete cortes sendo que as camadas da sua estratigrafia são pouco profundas.

Os fragmentos de telhas em variados tamanhos são predominantes no setor, alguns ainda justapostos o que pode indicar a presença de um prédio ou de um telhado.

Na área externa das paredes da sala I foram realizadas duas trincheiras, que recebeu o nome de avarandado. As mesmas tinham por finalidade verificar a estratigrafia, o sistema construtivo e a existência de pisos ou avarandados.

Toda área escavada sofreu grandes perturbações nas suas camadas estratigráficas devido à presença de um grande número de raízes. Essa ação bioperturbadora comprometeu a horizontalidade e a verticalidade do registro arqueológico.

Em fevereiro de 2003 efetivou-se a quarta escavação, com a participação de diversas instituições como o LEPA-UFSM, UFPEL, MAE-USP, UNOCHAPECÓ-CEOM e UNIVATES-MCN/SE nesta campanha a região de intervenção direta foi dividida em duas áreas principais: o setor I e setor II.

O setor I com dimensões de 6,4x4 m possuía como limite duas paredes. Nele foram abertos três poços testes, que mostraram uma estratigrafia idêntica em todo o setor, composta por seis níveis estratigráficos, que revelaram em seu nível

mais profundo um possível aterro e em seu nível superior a estruturação de uma construção formada por um piso de ladrilho-bastante semelhante a tijolos-e uma cobertura de telhas.

Entre o setor II foi demarcado em 4 x4m. Sendo sua escavação feita a um nível quase superficial, já que foi evidenciada uma importante estrutura de lajes de arenito praticamente ao longo de todo o centro do setor. Sendo assim o setor ampliado com uma trincheira de 0,60cm x 0,70 cm em toda a sua extensão, exceto na parede.

Além dos setores I e II foram evidenciados nesta escavação três "cubículos" assim denominados por tratar-se de pequenos compartimentos com dimensões aproximadas de 3m x 4m cuja função ainda se especula como pequenos quartos para peões, aonde se guardavam as tralhas de trabalho e passava-se a noite.

A intervenção ocorrida entre os dias 07 e 09 de setembro de 2006 objetivaram compreender a função da Quinta, e explorar uma nova área ainda não escavada. Para isso foi feita uma prospecção através de pequenos poços testes, um *full Coverage Survey*.

A área da Quinta foi medida inicialmente, a parede sul mede 30 metros e ao norte 32,40m, as laterais medem 65,5m, a seguir foram traçadas onze linhas perpendiculares à parede sul, e, inicialmente, foram feitos poços-testes de 3 em 3 metros e posteriormente de 6 em 6 metros. O material encontrado, tais como fragmentos de louça, vidros e materiais construtivos, como pregos, não correspondiam ao uma ocupação do local como uma quinta ou pomar.

Na área nordeste, até então sem sofrer intervenção arqueológica foi marcada uma linha de 50 metros de comprimento, no sentido oeste-leste, o ponto de origem foi marcado a oeste da parede da casa – sede. Foram marcados pontos a cada 5 metros, a partir dos quais foram traçadas 10 linhas na orientação sul-norte, os poços – testes foram realizados de 3 em 3 metros. O material encontrado foi bastante diversificado, como louça, metais, carvão, piso de tijolos e barro socado. Neste área, através de dois *uprooting* (desenterramento natural de material arqueológico junto as raízes de árvores após a sua queda) foi possível observar a estratigrafia de forma privilegiada. Essa estratigrafia é muito semelhante a que já foi observada em outras escavações.

É possível observar que as técnicas de escavação aplicadas nas intervenções arqueológicas desenvolvidas na Estância Velha do Jarau foram

diversas, no ano de 1997, foram abertos 12 poços testes, que mostraram a estratigrafia do sítio e serviram para dar base para as atividades posteriores.

Entretanto este é uma abordagem que tende a observar o sítio de uma maneira vertical, dando uma perspectiva cronológica da disposição da cultura material, mas não vislumbra a organização e distribuição do material no sítio, a partir de 1999, aonde foi feito um quadriculamento da área de escavação, passou a utilizar a decapagem por níveis naturais, além disso, também se começou a fazer a plotagem do material, ou seja, seu posicionamento em largura, comprimento e profundidade no sítio.

Em 2001, além dos quadriculamento e da decapagem em níveis naturais, a equipe se utilizou do método Wheeler, com bernas e trincheiras, ou seja, uniu a maneira horizontal das *openarea* com a vertical de visualizar o sítio. Em 2003, também se repetiu essa forma de escavar, durante este sítio escola, a equipe se utilizou das diversas formas de escavar. Em 2006 foi utilizada a técnica do *full coverage survey*, além disso, a presença de uma perturbação natural, como o *uprooting*, trouxe a necessidade de adaptação da metodologia de escavação.

Todas as escavações e intervenções no sítio foram documentadas através de croquis, desenhos e registros fotográficos, as estruturas foram mapeadas pelo GPS, sendo assim, pode-se dizer que o sítio Estância Velha do Jarau apresenta um grande número de dados das escavações realizadas, sendo que estes dados foram obtidos através de diversas técnicas arqueológicas embasadas nas também diversos pressupostos teóricos que existem na arqueologia.

Escavar um sítio histórico como a Estância Velha do Jarau, pressupõe diversas questões que diferem da escavação de um sítio pré-histórico, as estratigrafias são bem mais finas, pois os arqueólogos historiadores trabalham com períodos de tempo menores do que os da pré-história, segundo Charles Orser (2000, p. 69):

El problema de la arqueología histórica es que los niveles, em sítios históricos, aparecen como microniveles estratigráficos o camadas extremadamente finas. (...) la arqueología histórica trabaja casi siempre com microestratos.²⁴

²⁴ O problema da arqueologia histórica é que os níveis, em sítios históricos, aparecem como microniveis estratigráficos ou camadas extremadamente finas (...) a arqueologia histórica trabalha quase sempre com microestratos. [tradução nossa]

Além disso, a própria perturbação do sítio, as ocupações posteriores, podem ser ignoradas pelo arqueólogo pré-historiador, já para o arqueólogo historiador esta perturbação é propriamente o sítio arqueológico, segundo Orser (2000, p.69):

Outro problema que complica la excavacion de sítios históricos es que em muchas oportuñidades las técnicas de construcción utilizadas por pueblos históricos implican la destrucción de evidencias de ocupaciones anteriores. (...) Mientras que um prehistoriador puede dejar de lado las perturbaciones históricas de su sítio, el historiador debe estudiarlas, ya que representan parte de la trama del sítio.²⁵

Todo e qualquer sítio arqueológico necessita de técnicas de pesquisa específicas para suas características geológicas, seu nível de perturbação e sua história, ou seja, junto com os pressupostos teóricos, que também determinam a forma de escavar e analisar um sítio, o contexto formador da área, a ser escavada possui uma grande importância neste processo de construção e aplicação de técnicas de escavação

Cada sítio é um sítio, com um solo específico, um nível de perturbação específico, um período específico e principalmente com agentes históricos específicos, a serem visualizados pela análise de sua cultura material.

2.5 - A Paisagem da Estância Velha do Jarau

As ruínas da antiga estância, conforme Figura 2, encontram-se na base do Cerro do Jarau, trata-se de uma área com especial importância histórica e arqueológica: fronteiras, lutas, gado, estâncias, que nos instigam pesquisas que nos levam a compreender a complexa organização da antiga estância.

²⁵ Outro problema que complica a escavações de sítios históricos é que em muitas oportunidades as técnicas de construção utilizadas por povos históricos implicam na destruição das evidências das ocupações anteriores. (...) enquanto que um pré-historiador pode deixar de lado as perturbações históricas de seu sítio, o historiador deve estudar-las, já que representam parte da trama do sítio. [tradução nossa]



Figura 2: Ruínas da Estância. Acervo Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas-LEPA.

A Estância Velha do Jarau, que tem suas primeiras estruturas construídas por volta de 1817 em meio a lutas que visam definir os limites territoriais nacionais, e alternando-se seus proprietários, vai, gradualmente, adquirindo proporções imponentes - é estabelecimento produtivo e locus residencial até 1907, quando é abandonada em função de um incêndio.

Em relação à Estância Velha do Jarau, o cerro servia como um grande e privilegiado ponto de observação, segundo Gomes (2000, p. 22.):

A contribuição do cerro no aspecto da segurança da propriedade corresponde a sua possibilidade de oferecer uma privilegiada visão das áreas próximas, servindo de ponto de observação das movimentações de tropas de gado e hordas castelhanas pelos terrenos.

O espaço da região da campanha se apresenta de maneira bem específica, com grandes áreas abertas, com uma certa monotonia na paisagem, segundo Rambo (2000, p. 135):

Da composição e interferência dos elementos citados resulta o caráter geral das paisagens: espaços muito extensos e abertos, destituídos de moldura natural; linhas do *horizonte uniformes*, quebradas aqui e acolá por algum tabuleiro, linhas de altitudes verticais, curtas e pesadas; linhas de superfície dispostas em rede potamográfica orientada segundo os quatro pontos cardeais. Na impressão total da paisagem, a *horizontalidade aparece encurtada pelas formas pesadas dos tabuleiros*; a variação introduzida pelos cursos de água ora dirigidos de sul a norte, ora de norte a sul impõe-se mais no mapa do que na realidade, por insignificante altitude dos divisores da água; enfim, uma sensível tendência de se derramar lentamente no Uruguai ainda hoje caracteriza essa região, expressão fisionômica de sua formação geológica. (grifos meus)



Figura 3 : Cerro do Jarau: Acervo Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas-LEPA.

O cerro do Jarau é visualmente perceptível na paisagem, pois, segundo Rambo (2000, p.133):

Levanta-se do meio da vegetação mais alta, graminácea, quase branca como a espuma da ressaca, seus cerros brilham ao sol como ilhotes de granito no mar. Mesmo de longe ressaltam as arestas de arenito metamórfico conglutinados neste serrote mais ocidental do Rio Grande do Sul, figurando monstros petrificados de eras que já vão longes.



Figura 4 : Paisagem típica da fronteira oeste do rio grande do sul. Acervo: Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas - LEPA



Figura 5 : Vista da paisagem pelo cerro. Acervo: Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas - LEPA

Mesmo com esta continuidade na paisagem, o espaço em que a Estância Velha do Jarau está inserido apresenta especificidades que saltam aos olhos daqueles que passam.

Quem viaja utilizando-se da BR-290, indo de Uruguaiana ou vindo de Alegrete para o sul, das alturas do Carumbé, á distância, lá nas fimbrias do horizonte, deslumbra a visão com o vulto fantástico do Cerro do jarau. Não é apenas o fundo difuso de um cenário pampeano. É cerro da Salamanca encantada, que fez da fronteira Sudoeste e suas imensas coxilhas o repositório de mais linda lenda brasileira. De suas furnas encantadas emerge Blau Nunes, o protótipo da Raça. (PONT, 1983 p.99)

2. 6 Estância Velha do Jarau: Um espaço memória

2.6.1 História e Memória

Um dos grandes debates teóricos que tem atravessado gerações de historiadores é a discussão entre História e memória; atualmente, a memória não tem sido mais considerada como um simples ato de lembrar coisas do passado, em um processo parcial e limitado, de importância secundária para as ciências humanas, entretanto é preciso que se tenha na consciência uma série de diferenças com relação a como considerar a memória para a construção de uma interpretação histórica.

Pesquisas históricas envolvendo a memória já foram desenvolvidas, a exemplo de Michelet, no século XVIII, que fez uma pesquisa sobre a revolução francesa com os próprios franceses.

A partir do século XVIII, quando a história passa a adquirir um status de ciência acadêmica, os relatos orais passam a ser desconsiderados como fontes históricas diante do ideário iluminista, cientificista que propunha a ciência como a única forma de conhecimento, e como tal, produz verdades absolutas, únicas e objetivas. O historiador deveria então, utilizar apenas documentos oficiais escritos, sendo que qualquer outra fonte seria considerada não confiável.

Até a primeira metade do século XX, a história foi metódica e factual, centrada em grandes “eventos históricos” e “grandes personalidades”. Nos anos 20, com o surgimento da *escola dos Annales*, Marc Block e Lucien Febvre propuseram a diversificação de temas, voltando-se para “pessoas comuns”. Inspirados em pensadores de outras ciências sociais, os integrantes da *escola dos Annales*, começam a pensar em um tempo de longa duração, diferentemente da noção tempo vigente até então, que se encerrava em recorte cronológico imposto.

Todavia, é apenas nos anos 80 e 90 que vamos observar uma maior utilização das fontes orais no trabalho do historiador e também o reconhecimento destas enquanto fontes de pesquisa de grande importância. Isso ocorreu, em parte, devido a popularização do recurso tecnológico do gravador, nos anos 50, tendo início então, a história oral.

A História oral deve ser encarada como uma disciplina que não se encerra na coleta de depoimentos, mas sim se trata de uma série de procedimentos que

objetivam produzir esses depoimentos, ou seja, é uma análise e um confronto de fontes e não apenas a publicação de uma entrevista.

É preciso lembrar que depoimentos estão cercados de esquecimentos, distorções e omissões, sendo necessário que a pesquisa histórica caminhe também pelo terreno de outras fontes, ou seja, não se encerre apenas nos depoimentos.

As relações entre História e memória, tem sido discutidas por diversos pesquisadores. O fato da memória ser considerada fonte, advém de mudanças historiográficas que estão em constante mutação e a própria inserção dos estudos da memória e de outras fontes não oficiais, é um forte vetor dessas mudanças.

As dicotomias entre História e memória ocorrem, no sentido em que conceitualmente é impossível precisar onde começa a História e onde termina a memória, nem onde começa a memória e onde termina a História. A distinção dos dois conceitos depende da articulação e das escolhas do historiador.

2.6. 2 Memória, identidade e Cultura Material.

O mundo globalizado traz dois fenômenos distintos, no que diz respeito às memórias coletivas, a rarefação e a reafirmação (LE GOFF, 2003). O primeiro fenômeno se dá mediante as fronteiras nacionais, economicamente estabelecidas; o segundo trata-se, então, do movimento de retomada as identidades culturais locais desfeitas pela rarefação, e a memória coletiva tem um papel importantíssimo nesse processo.

Entende-se por memória o conjunto de fatos, eventos e personagens, que através do seu passado, podem estabelecer relações com o próprio passado e com a contemporaneidade. Para Astor Diehl (2002, p. 116):

A memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente [...] é uma representação produzida através da experiência. Constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos – como canais de comunicação entre dimensões temporais -, ao invés de rastros e restos como no caso da lembrança. [...] A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos, fazendo parte da perspectiva de futuro, de utopias, de consciências do passado e de sofrimento. Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para consciência

histórica e cultura, uma vez que pode abranger a totalidade do passado, num determinado corte temporal.

As identidades podem ser estreitamente relacionadas com o conceito de identificação, no sentido em que podem ser consideradas:

[...] identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural [...] esta identidade resulta unicamente das interações entre grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações. (Cucho, 2002, p.182)

A cultura material pode ser encarada como um referente de vínculos de identidade e se desloca no tempo em forma de memória, através da postura da arqueologia em relação a esta forma de representação.

A *New Archaeology* começou a dar destaque às questões de representação, passando das meras descrições para a constatação de que a cultura material resulta de comportamentos humanos.

Todavia, é no surgimento de uma arqueologia mais social que o registro arqueológico passa então a ser visto como um testemunho que representa os comportamentos culturais do passado; para tal, visualiza-se esse registro como um sistema simbólico.

Sendo assim, os artefatos, podem ser considerados signos de condutas, regras, enfim, de ações de grupos humanos vivendo em sociedade.

As análises da cultura material atualmente desenvolvidas, advindas de sítios arqueológicos, têm como principal objetivo alcançar outro nível de informação que, além de relacionar, classificar, identificar e interagir em diferentes esferas da vida de seus produtores, também procuram atingir as facetas sócio-culturais, produtoras destes “*discursos*”.

Assim, esse discurso, enquanto reconstituição dos marcos culturais de um passado remoto assume duas abordagens diferenciadas: a primeira se relaciona aos marcos que constituem a referência direta dos que nos precederam no tempo e por

isso constituem nosso marco de identidade; cria-se então uma memória coletiva mais específica identificada com um determinado grupo humano que coexistiu em um determinado tempo e/ou espaço; e a outra se remete aos registros de povos que não tem um passado comum com o do observador, mas dividiram o mesmo espaço e tempos históricos na constituição de um marco identitário maior, que ultrapassa os limites étnicos, surgindo dessa forma, uma memória mais ampla e aglutinadora.

2.6.3 A Estância Velha do Jarau como espaço memória: o imaginário coletivo popular

As ruínas que se encontram na base do Cerro do Jarau (Quaraí), da Estância Velha do Jarau, instigam pesquisas que nos levam a compreender a complexa organização da antiga estância.

A Estância Velha do Jarau, que tem suas primeiras estruturas construídas por volta de 1817 em meio a lutas que visavam definir os limites territoriais nacionais, e alternando-se seus proprietários, vai, gradualmente, adquirindo proporções imponentes - é estabelecimento produtivo e locus residencial- até 1907, quando é abandonada em função de um incêndio.

Em relação à Estância Velha do Jarau, o Cerro servia como um grande e privilegiado ponto de observação, segundo Gomes (2000, p. 22.):

A contribuição do cerro no aspecto da segurança da propriedade corresponde a sua possibilidade de oferecer uma privilegiada visão das áreas próximas, servindo de ponto de observação das movimentações de tropas de gado e hordas castelhanas pelos terrenos.

Na sua formação geológica, o Cerro do Jarau apresenta diversas formações como grutas e fendas, além de uma suposta atividade vulcânica (PONT, 1983), que todavia não possui evidências, que serviram para a criação de lendas e mitos envolvendo o cerro em históricas míticas e místicas.

Segundo as lendas (NETO, 1998), em uma gruta do Cerro Jarau, viveria um ser mítico, a Teiniaguá, uma princesa moura encantada que possuiria diversos poderes e teria ligação com o diabo-vermelho, ou o Anhangá-Pitã, e esta gruta em que mora

seria uma fumaça, da onde rolos de fumaça e fogo saíam de tempos em tempos; a esta gruta chama-se Salamanca do Jarau.

A presença lendária da Teiniaguá no Jarau vai ter uma forte influência sobre a história da Estância Velha do Jarau, bem como da própria história de Bento Manuel Ribeiro, um dos proprietários da estância que, segundo consta teria feito um pacto em que trocou sua alma por riqueza, poder e sucesso nas campanhas militares.

O espaço da região da campanha se apresenta de maneira bem específica, em grandes áreas abertas, com uma certa monotonia na paisagem, segundo Rambo (2000, p. 135):

Da composição e interferência dos elementos citados resulta o caráter geral das paisagens: espaços muito extensos e abertos, destituídos de moldura natural; linhas do *horizonte uniformes*, quebradas aqui e acolá por algum tabuleiro, linhas de altitudes verticais, curtas e pesadas; linhas de superfície dispostas em rede potamográfica orientada segundo os quatro pontos cardeais. Na impressão total da paisagem, *a horizontalidade aparece encurtada pelas formas pesadas dos tabuleiros*; a variação introduzida pelos cursos de água ora dirigidos de sul a norte, ora de norte a sul impõe-se mais no mapa do que na realidade, por insignificante altitude dos divisores da água; enfim, uma sensível tendência de se derramar lentamente no Uruguai ainda hoje caracteriza essa região, expressão fisionômica de sua formação geológica. (grifos da autora)

São locais caracterizados pelas grandes criações de gado; segundo Rambo (2000) a campanha é um oceano, não de água, mas de grama. Para Martínez (2006):

Los paisajes rurales (...) um potencial ecológico, la plasmación de una economía rural y un legado del pasado. Este legado es un constituyente de valor cultural que integra formas de la organización tradicional del espacio -pasajeras o vigentes- en la figura actual del territorio. Corresponden, pues, a una civilización acumulativa, al espacio-memoria. Ciertamente, su consideración pragmática como arcaísmo o como estorbo funcional produce su extensa transformación, pese al alto papel significativo de los paisajes agrarios y ganaderos; y su falta de monumentalidad, añadida a su claro sentido productivo, no facilitan su conservación. No obstante, pese a ello, los paisajes rurales poseen contenidos culturales con significado en la misma identidad regional, como referencias de sus sentidos geográficos e históricos de las que surgió la comarcalización tradicional, que definió las unidades

básicas del territorio y constituyó las señas de identidad del país²⁶.

O Cerro do Jarau é visualmente perceptível na paisagem, pois, segundo Rambo (2000, p.133):

Levanta-se do meio da vegetação mais alta, graminácea, quase branca como a espuma da ressaca, seus cerros brilham ao sol como ilhotes de granito no mar. Mesmo de longe ressaltam as arestas de arenito metamórfico conglutinados neste serrote mais ocidental do Rio Grande do Sul, figurando monstros petrificados de eras que já vão longes.

Mesmo com esta continuidade na paisagem, o espaço em que a Estância Velha do Jarau está inserido apresenta especificidades que saltam aos olhos daqueles que passam.

Quem viaja utilizando-se da BR-290, indo de Uruguaiana ou vindo de Alegrete para o sul, das alturas do Carumbé, à distância, lá nas fimbrias do horizonte, deslumbra a visão com o vulto fantástico do Cerro do Jarau. Não é apenas o fundo difuso de um cenário pampeano. É cerro da Salamanca encantada, que fez da fronteira sudoeste e suas imensas coxilhas o repositório da mais linda lenda brasileira. De suas furnas encantadas emerge Blau Nunes, o protótipo da raça. (PONT, 1983 p.99)

O Cerro do Jarau se apresenta como local de desenvolvimento de uma história lendária, é o “espaço-memória”, ou seja, é o centro representativo da lenda, que serve como símbolo, sendo um marco tradicional, um cenário para a passagem da lenda para as novas gerações.

²⁶ As paisagens rurais (...) um potencial ecológico, a cristalização de uma economia rural e o legado do passado. Este legado é um constituinte de valor cultural que integra formas da organização tradicional do espaço- passageiros ou vigentes - na figura atual do território. Correspondem, pois, a uma civilização acumulativa, ao espaço-memória. Certamente, sua consideração pragmática como arcaísmo ou estorvo funcional produz sua grande transformação, o alto papel significativo das paisagens agrárias e pastoris e sua falta de monumental idade, acrescido de seu claro sentido produtivo, não facilitam sua conservação. Apesar de, as paisagens rurais possuem conteúdos culturais com significado na sua identidade regional, como referencias de seus sentidos geográficos e históricos e delas surgiu a comercialização tradicional, que definiu as unidades básicas do território e constituiu os sinais de identidade do país. [tradução nossa]

É um local atualmente visitado por curiosos e esotéricos, além de ser temido por muitos, pela presença fantasmagórica da Teiniaguá.

O cerro acaba por tornar todo o espaço a sua volta místico e multiplicador de mitos. Blau Nunes, lendário personagem arquétipo do gaúcho, teria entrado nas furnas e encontrado a Teiniaguá encantada, mas que, por não aceitar os sete desejos oferecidos por ela, e por devolver uma onça encantada, uma moeda oferecida pelo sacristão, jesuíta que fora seduzido pela Teiniaguá e que vivia também nos arredores do cerro do Jarau, acabou por quebrar o encantamento.

Bento Manoel Ribeiro, personagem histórica da Revolução Farroupilha, tendo sido um dos proprietários e fundador da Estância, também recebeu um ar mítico; segundo Raul Pont (1983) ele teria entrado na furna, recebido um lança enfeitiçada pela Teiniaguá que lhe deu sorte em todas as batalhas, e que seria a fonte de toda sua riqueza, sucesso e poder.

Bento Manoel era um grande estrategista militar e possuía grandes cavalcadas que serviam as tropas farroupilhas; sobre ele é ainda Raul Pont (1983, p 178) que fala:

Bento Manoel escolheu justamente esse lugar estratégico da fronteira sob a fralda da serra, nas encostas do último cerro do Jarau, aí implantando sua Estância e seu Quartel, para tornar-se um marco vivo de defesa, um baluarte da nacionalidade em formação. Nossos limites ora iam ao Arapey, ora recuavam as margens do Ibirapuitã ou do Ibicuí.

Além de mítico, o Cerro do Jarau e a paisagem em que se insere, tem função estratégica, segundo Gomes (2001, p. 21):

O cerro do Jarau possui uma bacia hidrográfica própria, localizada no interior das formações rochosas que delineiam um semicírculo, retendo uma grande concentração de água, que manifestam-se sob forma de dezenas de fontes naturais, que terminam por desaguar na sanga do Nhanduvaí.

Dentro de um contexto de constantes conflitos, com uma belicosidade sempre presente no cotidiano, os habitantes da Estância vêem na paisagem do Cerro do Jarau uma grande possibilidade estratégica.

Do Cerro é possível observar tanto o lado uruguaio quanto o lado brasileiro, ou seja, é possível visualizar tropas se movimentando pelo terreno, sendo assim possível se proteger e se preparar para invasões de inimigos de forma mais adiantada. Localizado próximo à estância, seu acesso era muito fácil para os moradores do local.

Para Gomes (2001, p. 22.):

A descrição da região do sítio arqueológico, apresentada de acordo com as condições físicas, geográficas, indica que a instalação das estruturas da estância que outrora ali estabelecera-se, foi baseada primordialmente nestes aspectos para a escolha do local. Pode-se considerar que a localização da Estância Velha do Jarau situa-se em um ponto estratégico, seja no sentido de melhores condições para a captação de recursos naturais, seja no item da segurança.

Ou seja, a escolha de instalar-se aos pés do Cerro do Jarau, não foi aleatória, a segurança e os recursos naturais que o espaço proporciona foram preponderantes para a escolha. O caráter estratégico do Cerro além do ar mítico em que está envolto foram apreendidos pela população, esta noção de espacialidade é que vai constituir a paisagem da Estância Velha do Jarau.

3-VESTÍGIOS MATERIAIS DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU: A CULTURA MATERIAL

3.1- A CULTURA MATERIAL:

Os elementos materiais de um grupo humano do passado podem apresentar-se como uma fonte que não pode ser distorcida segundo os interesses e valores das pessoas que a produziram.

As evidências recuperadas nas pesquisas arqueológicas possibilitam a reconstituição de um quadro mais amplo sobre os modos de vida e o cotidiano de grupos domésticos do passado.

O estudo dos artefatos²⁷ coletados de uma unidade residencial e de seu entorno recupera o comportamento combinado de aquisição e deposição de todos os moradores da casa e, eventualmente o comportamento dos mesmos.

Nesse sentido, a análise adentra num campo onde é possível relacionar as informações retiradas das fontes documentais e as fontes materiais.

As evidências arqueológicas coletadas em uma casa são evidências de atividades cotidianas de um determinado grupo social em sua interação com um grupo maior.

Conforme Symanski (1998), para compreendermos essas atividades, ligadas à produção e reprodução social, consumo e socialização, a partir dos elementos materiais da cultura, consideramos a existência de uma interação entre esses elementos e os grupos domésticos a eles relacionados. Ainda nesse ponto, os artefatos são imbuídos de significados que o arqueólogo busca compreender através de hipóteses e inferências que possibilitem relações que se adequem aos dados levantados nas pesquisas.

²⁷ Artefato em arqueologia, é qualquer objeto feito ou modificado por um humano numa cultura arqueológica, que dê evidência da atividade e da vida do homem. É o objeto a ser analisado pela arqueologia.

A Estância Velha do Jarau é uma estância na campanha do século XIX, que, a partir de uma controlada incursão arqueológica, passa a ser incorporada também sua cultura material, que contextualizada ao sítio e relacionada com estruturas específicas, possibilita a reconstituição de um quadro mais amplo sobre os modos de vida e o cotidiano desse grupo, ou seja, atinge-se a esfera das relações humanas, seja em seu caráter social, político, econômico ou cultural.

Para realizar as análises dos metais advindos das escavações realizadas na Estância, é feita uma primeira seleção das peças que estejam em um bom estado de preservação e que possam ser identificadas.

Em um segundo momento, as peças foram divididas por “tralhas” como proposto por Gomes (1997 p.12) “A designação “tralhas”, na abordagem sobre os metais, refere-se a objetos que não possuem mais um valor utilitário, mas quando recuperados em escavações retornam à sociedade como documento arqueológico”.

3.2 - OS METAIS NA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

3.2.1 Os métodos de limpeza e preservação de metais na arqueologia brasileira:

Na arqueologia histórica a cultura material advinda das intervenções arqueológicas é bem diversificada, no caso da Estância Velha do Jarau, é possível observar louça, ossos, vidros e, materiais construtivos como telhas e tijolos, material lítico e metais.

Os metais possuem também suas especificidades, visto que na grande maioria das vezes, sempre apresenta a necessidade de um processo e limpeza e preservação diferente e mais aprimorado que os outros materiais.

O metal dentro do solo arqueológico passa por diversos processos degradativos, os mais comuns são os efeitos causados pelo solo ácido e/ou úmido. Quando esse material é retirado do solo passa a sofrer os efeitos do oxigênio, a oxidação. Para Albuquerque (2007):

A oxidação nos metais ocorre pelo fato deste grupo de elementos apresentar condição instável. Sob condições naturais, os metais tendem a assumir uma estabilidade que se dá através da formação de óxidos, hidróxidos, sais, etc.. Na maioria dos metais não ferrosos, a oxidação da superfície forma uma película quase sempre não perceptível, contínua, impermeável e insolúvel no próprio meio em que se deu a oxidação. Esta película de oxidação representa para estes metais, uma proteção contra o processo de corrosão. Praticamente o isola do ambiente que permite a oxidação. Tais metais são, portanto, considerados como tendo boa resistência à corrosão. No caso do ferro, a camada de oxidação que se forma em sua superfície, apresenta características inteiramente distintas daquelas dos não ferrosos. Nos metais ferrosos, desde o início a oxidação é bastante evidente, descontínua, permeável e solúvel. Inversamente ao que ocorre com a maioria dos metais não ferrosos, a oxidação dos ferrosos não protege contra a corrosão. O processo tende a continuar, até a completa estabilização do metal, o que representa a sua integral oxidação.

Devido a essas características especiais, diversos métodos de limpeza e preservação são aplicados em coleções arqueológicas metálicas. Gomes (1997) propõem a decapagem ácida, como processo de limpeza para peças de metal ferroso e em estado de preservação razoável, visto que esse procedimento tem por objetivo retirar a camada de oxidação da peça, portanto, peças muito degradadas não devem ser submetidas a essa limpeza. Segundo Cezar et alli (1997, p.8) “a ferrugem aderida à peça pode lhe servir de sustentação, pois o metal da peça pode estar reduzido a um frágil filete sem capacidade de suportar a estrutura do objeto.”.

A decapagem ácida é a utilização do ácido nítrico para limpeza das peças, que pode se dar da seguinte maneira: 1- pincelamento da peça com o ácido, a fim de retirar uma camada fina de oxidação e/ou de determinada área do objeto, 2- imersão por um minuto, para decapagem uniforme e 3 - imersão por até uma hora, para camadas mais espessas de oxidação.

Após o material é submerso em água, para diluição do ácido, em seguida, com o material seco, uma camada de ácido fosfórico para barrar a

ação do ácido nítrico é aplicado, o que resulta é um pó que pode ser retirado com um pincel de cerdas macias, para finalizar, recomendam a aplicação de uma camada de óleo lubrificante.

Em contrapartida, os autores propõem a limpeza mecânica, aplicável a qualquer peça, independente da matéria-prima e estado de conservação.

Para Albuquerque (2007) a decapagem ácida é feita com ácido clorídrico a 30%, e para isso, se faz necessário uma capela de exaustão dos gases que a reação libera e a neutralização é feita com hidróxido de sódio a 5%.

Também para esse pesquisador, é possível realizar a decapagem alcalina, em suas palavras:

A decapagem alcalina, no caso dos metais pesados, tem seu emprego limitado, em virtude destes metais não serem atacados pelas bases empregadas. Sua utilização no tratamento de metais pesados, envolve o emprego de ácidos orgânicos que em meio alcalino formam compostos com os metais pesados - quelatos. Outro fator que limita o uso da decapagem alcalina, é a necessidade de emprego de altas temperaturas para as reações. Entretanto, do ponto de vista de seu emprego em peças arqueológicas, este processo, sobretudo para peças frágeis, apresenta a conveniência de desenvolver uma reação lenta, envolvendo menores riscos para as peças. Outro aspecto a ser ressaltado, é a conveniência de seu emprego, ainda para o caso de peças frágeis, sobretudo naquelas cujo metal não é atacado pelos álcalis. Este processo pode ainda ser utilizado na remoção seletiva de óxidos superficiais das peças frágeis. (Albuquerque, 2007)

Para peças não oxidadas, propõe os processos de detergência e solubilidade. São utilizadas substâncias alcalinas, com o pH entre 11,2 a 12,4 - detergentes ou agentes tenso-ativos, sabões de ácido graxo, e empregam-se solventes tais como acetona, álcool e fenóis, que removem óleos e graxas, respectivamente. Para conservação, Albuquerque, usa verniz naval, que, se necessário, poderá ser retirado com solvente.

Já Costa (1991), propõe cinco processos distintos de limpeza de metais, primeiro, a limpeza mecânica, o método de limpeza de metais mais comum, fácil e controlável, o segundo, é a decapagem ácida, da mesma forma que Cezár, et allí (1997), em terceiro, a decapagem alcalina, uma limpeza eletro-química, onde a peça é submersa em uma solução alcalina, onde através, da

passagem de uma corrente elétrica, faz a crosta se desprender, é um processo lento, dispendioso, visto que só pode ser feito em uma peça de cada vez, e necessita de equipamentos específicos.

A eletrólise por ânodo, quarto método proposto por Costa (1991), consiste em uma limpeza eletro-química, sem corrente elétrica, da mesma forma que a decapagem alcalina, a peça é submersa em substância alcalina, em um recipiente ligado através de um fio ao zinco, formando um pilha, fazendo com que o hidrogênio se despenda em formas de bolhas, que limpam a crosta da peça. Mas também é um processo dispendioso, além de ser mais lento ainda.

O ultra-som, quinto método, resume-se na imersão da peça em uma cuba com líquido dentro de um aparelho que vibra, formando ondas de choque que provocam o desprendimento da crosta de oxidação e sujeira da peça, entretanto, é mais um método de limpeza que precisa de equipamentos e infra-estruturas não comuns e tampouco de baixo custo, além de só poder ser utilizado em objetos integros e sem fissuras, o que só possível precisar através da análise em microscópios eletrônicos de alta precisão, outro equipamento bastante oneroso de se adquirir.

3.2.2 A Arqueometalurgia:

Os metais tem sido objeto de pesquisa arqueológica, todavia, as pesquisas até então eram um tanto quanto incipientes²⁸, mas nestes últimos anos, vários países da América latina e da Europa têm desenvolvido uma nova derivação da arqueologia, que se ocupa da análise dos metais arqueológicos, a chamada arqueometalurgia.

A pesquisa arqueometalúrgica se utiliza de métodos da metalurgia industrial, o que diferencia uma de outra, é que a primeira parte da peça acabada aos minerais da onde o metal foi extraído e os possíveis meios de produção. Sobre a interdisciplinaridade Perea et alli (2008, p. 129) diz:

²⁸ As pesquisas arqueológicas envolvendo metais como objeto de estudo de um ponto de vista mais analítico tem ocorrido desde os anos 50, entretanto, as pesquisas arqueometalúrgicas tem seu incremento nos anos 90, aliados ao uso do microscópio eletrônico de varredura.

Desde el punto científico, podemos destacar una tendencia que va adquiriendo mayor peso: la interdisciplinariedad, un reto ineludible para cualquier planteamiento científico de éxito. El arqueólogo ya no trabaja aisladamente sino que tiene que entenderse y coordinarse con todo tipo de especialistas y especialidades; este hecho produce un efecto positivo, no solamente desde el punto de vista metodológico, sino teórico, al ampliarse las perspectivas de un trabajo en equipo.²⁹

O pesquisador arqueometalúrgico dispõe do produto final e trata de determinar como se chegou a ele, mas leva em conta a diversidade de técnicas e processos que podem ter sido usados na produção do objeto. Não apenas os objetos acabados servem para a investigação metalúrgica, os minerais³⁰, as escórias³¹ podem trazer a tona informações valiosas.

Os minerais, o material primário, podem trazer a tona a identificação dos lugares de sua extração, sendo assim, possível estabelecer uma relação entre esses lugares de extração de minérios³² e os sítios arqueológicos. As escórias nos mostram o processo de transformação do mineral em metal, essas sobras podem mostrar dados mineralógicos, as temperaturas utilizadas, o tipo de forno, o rendimento da matéria-prima, enfim, as técnicas empregadas na manufatura do metal.

Os fornos, bem como as oficinas de trabalho são dados importantíssimos, geralmente caracterizadas pela presença de chaminés, escórias, e camadas de cinzas. Lingotes de metal, e demais produtos intermediários de fundição, produzidos a partir do metal bruto, com o qual se produzem os objetos finais, também são de interesse da arqueometalurgia.

²⁹ Desde o ponto científico, podemos sublinhar uma tendência que adquire maior peso: a interdisciplinaridade, um desafio inegável para qualquer abordagem científica de sucesso. O arqueólogo já não trabalha isoladamente sem que tenha que compreender e coordenar qualquer tipo de especialistas e de especialidades; este fato produz um efeito positivo, não somente do ponto de vista metodológico, mas teórico, ao estender as perspectivas de um trabalho em equipe. [tradução nossa]

³⁰ Os minerais são corpos naturais sólidos e cristalinos formados em resultado da interação de processos físico-químicos em ambientes geológicos, para as análises arqueometalúrgicas podemos considerar minerais as rochas onde se encontram os minérios.

³¹ Escórias são as sobras do processo de fundição, quase sempre é um material composto das impurezas do minério, como carbono, sílica e outros metais além do ferro ou do metal com que se deseja trabalhar.

³² Minérios são substâncias que compõem as rochas. No caso da arqueometalurgia, são os metais extraídos das rochas minerais, como, por exemplo, no caso da hematita da onde se retira o minério de ferro, ou da bauxita, o minério de alumínio. .

Moldes, cadinhos, cerâmicas com aderências metálicas, e os revestimentos dos fornos podem mostrar de maneira os possíveis problemas das peças se efetivaram, como: a alimentação do molde, o escape de gases durante a modelagem.

As peças terminadas, o resultado final da atividade metalúrgica, são consideradas pela arqueometalurgia com um compêndio da tecnologia que as constituiu, e que, cujas técnicas são analisadas e busca-se estabelecer uma relação a sua funcionalidade.

A arqueometalurgia se utiliza de técnicas cada vez mais sofisticadas, deixando de se resumir a uma análise funcional dos objetos, para buscar também características químico-estruturais dos objetos. Para isso é necessária uma cada vez maior transferência de conhecimentos e metodologias de diversas áreas.

Os métodos de análise laboratórios, que se utiliza de princípios físicos e químicos, que, em um primeiro olhar, não fazem parte da compreensão da grande maioria dos arqueólogos, tornaram-se de grande ajuda para a produção de conhecimento e verificação de hipóteses formuladas a partir de análises tipológicas e funcionais.

Esses métodos de análise laboratoriais podem ser divididos em métodos não destrutivos, paradesrutivos e microestruturas.

Os métodos não destrutivos se caracterizam por não abalarem a estrutura da peça, como a inspeção visual, a endoscopia, estereomicroscopia, a microscopia de fibra óptica, a fotografia infravermelha e ultravioleta a holografia ótica e acústica, o raio X, os ultra-sons, a emissão acústica, os testes magnéticos e dos magnetoscópicos, as correntes induzidas, e a espectrometria da fluorescência de raios X (XRFS). O princípio dessas técnicas é o de que cada elemento químico formador do objeto analisado, irá reagir de determinada forma á determinado estímulo externo, técnicas essas da engenharia de matérias e da metalurgia industrial que medem os resultados obtidos nestes processos.

Os métodos chamados de paradesrutivos afetam a patina superficial da peça, mas não a integridade do material, como a microscopia óptica não destrutiva, onde uma pequena amostra da peça, obtida a partir da raspagem de uma pequena parte da superfície, é observada no microscópio, as réplicas

metalográficas, procedimento que consiste no desbaste e lixamento inicial da superfície, feito com esmerilhadeira elétrica ou pneumática até obter um acabamento uniforme com lixa grana, um polimento mecânico feito com politriz elétrica ou pneumática e pasta de diamante de 3 e 1 micron. A réplica consiste num filme de acetato de celulose que reveste a peça por alguns momentos e é analisada. A medição de dureza consiste na observação da resistência que o material oferece ao sofrer uma deformação plástica na sua superfície.

Os métodos microestruturais implicam na destruição de uma pequena porção do material, pontual e superficial, como a espectrofotometria³³ ultravioleta, visível e infravermelha, e principalmente da espectrofotometria de absorção atômica³⁴, e a microscopia eletrônica de varredura³⁵.

O estudo interdisciplinar de materiais arqueológicos nos permite tirar muitas conclusões sobre a sua autenticidade, a capacitação tecnológica das culturas que produziram a fonte de matérias-primas, rotas de comércio, as influências culturais, os processos corrosivos que sofreram e, portanto, para implementar processos de preservação, e assim por diante.

Idealmente, sempre que possível, para complementar os estudos, realizar algumas análises de natureza destrutiva, como a extração de amostras, para comparar com as informações obtidas nos procedimentos anteriores.

A arqueometalurgia não se resume exclusivamente ao trabalho de laboratório, a informação que essas análises apontam é uma parte do que se dispõem para a pesquisa das culturas em estudo. Esses dados devem se relacionar com os fatores econômicos, sociais e culturais para que se

³³ A espectrofotometria é o método de análises óptico mais usado nas investigações biológicas e físico-químicas. O espectrofotômetro é um instrumento que permite comparar a radiação absorvida ou transmitida por uma solução que contém uma quantidade desconhecida de soluto, e uma quantidade conhecida da mesma substância. Todas as substâncias podem absorver energia radiante, inclusive os elementos que compõem os metais, a absorção das radiações ultravioletas, visíveis e infravermelhas dependem das estruturas das moléculas, e é característica para cada substância química.

³⁴ É o método de análise usado para determinar qualitativamente e quantitativamente a presença de metais. O método consiste em determinar a presença e quantidade de um determinado metal em uma solução qualquer, usando como princípio a absorção de radiação ultravioleta por parte dos elétrons que, ao sofrerem um salto quântico depois de expostos a 3.000 graus celsius, esses devolvem a energia recebida para o meio, voltando assim para a sua camada orbital de origem.

³⁵ O microscópio eletrônico de varredura (MEV) é um equipamento capaz de produzir imagens de alta ampliação (até 300.000 x) e resolução.

estabeleçam novas hipóteses de trabalho. Todavia, é preciso levar em consideração as dificuldades até mesmo estruturais desses métodos de pesquisa. Segundo Perea, et alli (2008, p. 129) diz:

Los estudios sobre tecnología metalúrgica se apoyan en una serie de técnicas analíticas con el fin de obtener una información que posteriormente es interpretada desde el punto de vista histórico. La visión analítica de la cultura material constituye un campo de especialización arqueométrico de amplio futuro, dificultado únicamente por la accesibilidad del objeto arqueológico, las dotaciones de infraestructura de los centros y los recursos económicos a la investigación.³⁶

Também a arqueologia experimental, pode permitir a observação direta dos problemas que os antigos trabalhadores tiveram que resolver, e conhecem as limitações e avanços de determinadas tecnologias.

O estudo dos recursos disponíveis, a exploração dos mesmos, através da mineração, e a relação entre recursos e minas e os centros de processamento, permitem acessar aspectos sociais, econômicos e políticos, como especialização de trabalho, valor da matéria-prima e do objeto elaborado, relações comerciais, uso de metais preciosos e sua função como elementos de status ou prestígio e diversos outros aspectos.

3.3 - MÉTODO DE LIMPEZA E PRESERVAÇÃO DO MATERIAL: METAIS DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU

Os metais da Estância Velha do Jarau, que tem sido analisados pelo LEPA desde 1997, já passaram por diversos métodos de limpeza e conservação, em 2003, Thomasi (2003) propõe um processo de limpeza e preservação onde o material passa pela limpeza mecânica proposto por César

³⁶ Os estudos sobre tecnologia metalúrgica se apóiam em uma serie de técnicas analíticas com o fim de obter uma informação que posteriormente é interpretada de um ponto de vista histórico. A visão analítica da cultura material que constitui um campo de especialização arqueométrico de amplo futuro, dificultado unicamente pela acessibilidade do objeto arqueológico, as atribuições das infra-estruturas dos centros e os recursos econômicos destinados a investigações. [tradução nossa]

et alli (1997), após, o material é submerso em óleo diesel com o objetivo de facilitar o desprendimento da crosta e manter o material longe do contato com o oxigênio, responsável pela oxidação dos metais, entretanto este método não trouxe vantagens significativas, pois a proteção proporcionada à peça pela aplicação do Diesel é temporária, além de dificultar o manuseio das peças e necessitar de repetição contínua.

Em 2006, thomasi propõe a utilização do Convertedor de Ferrugem, que forma uma fina camada sobre a peça que a protege da umidade e a mantém intacta, entretanto o Convertedor já se mostrava ineficaz para ligas de cobre, ouro, prata e outros metais nobres, além de interferir na coloração do material, independente da matéria-prima, além disso, com o passar do tempo e o manuseio, essa fina camada se desprende do material, perdendo seu propósito.

Durante a V SAB SUL, realizada em Novembro de 2006, Tochetto³⁷ em conversa informal, propõe a utilização da Cera micro-cristalina para a preservação dos metais arqueológicos da Estância Velha do Jarau.

Seguindo as orientações de Costa (1991) a cera micro-cristalina foi utilizada nos metais da Estância Velha do Jarau, aliada a Limpeza Mecânica (CÉZAR, et alli, 1997) ou seja, o material é submetido a uma raspagem atenta e delicada, com bisturis, lixas e escovas de cerdas macias, além de uma broca de rotação controlável, a fim de retirar a crosta de sujeira e oxidação impregnadas na peça.

Métodos de limpeza como o ultra-som, eletrólise, e as decapagens ácidas e alcalinas, além das técnicas da arqueometalurgia, não se mostram vantajosas à realidade do LEPA e dos metais advindos das escavações na Estância, ou seja, os métodos de limpeza são eficazes, de modo geral, o que pode ser comprovado pela bibliografia existente sobre suas aplicações, tais como Costa (1999), Perea, et alli (2008), Albuquerque (2007) entre outros, entretanto, são métodos que necessitam de uma infra-estrutura mais especializada que possua equipamentos bastante específicos, tais como instalações de câmaras de isolamento de gases e aparelhos como o ultra-som,

³⁷ Durante a realização da V SAB SUL, a professora Dr^a. Fernanda Tochetto, em conversa informal, deu sugestões e orientações a respeito da utilização da cera micro-cristalina na preservação de metais.

estruturas essas que o LEPA não possui, além disso, os metais arqueológicos possuem, em sua grande maioria, a infra-estrutura já comprometida, sendo impossível submetê-los a certos processos de limpeza.

Para a preservação do material, a cera-microcristalina foi utilizada conforme Costa (1999) e Tochetto³⁸, ou seja, a cera micro-cristalina é dissolvida em querosene, até se tornar pastosa, é aplicada no material criando uma camada fina, neutra, transparente e imperceptível ao toque, o que facilita o manuseio das peças bem como promove uma proteção completa da peça frente aos variados agentes oxidantes, tais como o oxigênio e a umidade do ar.

Certas peças apresentavam um grau de degradação tão alto, que a camada de convertedor de ferrugem que ainda possuíam foi mantida a fim de não interferir mais em sua estrutura, sendo então passada a cera micro-cristalina sobre essa camada de convertedor, o que selou a peça, evitando o desprendimento deste produto anteriormente aplicado da peça.

O acondicionamento de todo o material foi em envelopes de papel de pH neutro, visto que papeis ácidos podem reagir com os metais, ocasionando perdas parciais ou totais do material já limpo e conservado.

A utilização desse método de limpeza e preservação se mostrou bastante válida, inclusive do ponto de vista financeiro, visto que se utiliza da infra-estrutura já presente no LEPA, não necessita de treinamento prévio tampouco da presença de especialistas, e o mais importante, preserva o material arqueológico de forma efetiva.

3.4- O COTIDIANO DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU ATRAVÉS DA CULTURA MATERIAL: OS METAIS

3.4. 1. - Vida Privada da Estância: hábitos à mesa e vestimentas.

³⁸ Em conversa informal durante a realização da V SAB SUL, Tochetto dá orientações sobre a utilização da cera micro-cristalina.

São objetos utilizados no cotidiano de dentro da residência, no âmbito familiar e doméstico, inclusive os hábitos à mesa. Fazem parte do privado dos indivíduos, são talheres, acessórios e vestígios de vestimentas.

3.4.1.1- A mesa: talheres e panelas

Os talheres, segundo Algrant (1997) só se generalizaram tanto em Portugal quanto no Brasil em meados do século XIX. Eram objetos raros, usados em grandes ocasiões, como o jantar oferecido a um alto dignitário da igreja. No mesmo local de escavação encontrou-se um garfo artesanal, rústico e grosseiro, feito a partir de arames retorcidos, com três dentes e cerca de 22cm de comprimento, contrapondo à delicadeza e refinamento dos outros pequenos garfos, apresentando-se como uma adaptação de hábitos.

Todos os garfos apresentam quatro dentes, exceto o artesanal. Talheres com quatro dentes começaram a ser produzidos a partir de 1880³⁹, data inserida dentro do contexto de atividade na estância. A colher pequena não tem mais que 7,5 cm de comprimento, também é bem rasa, sendo impossível utilizá-la para líquidos ou caldos, sendo mais provável que fosse utilizada para adoçar ou servir pequenas porções de doces. Outra colher encontrada no sítio apresenta maior profundidade, sendo possível utilizá-la para líquidos.

³⁹ Até 1880 os garfos possuíam apenas três dentes.

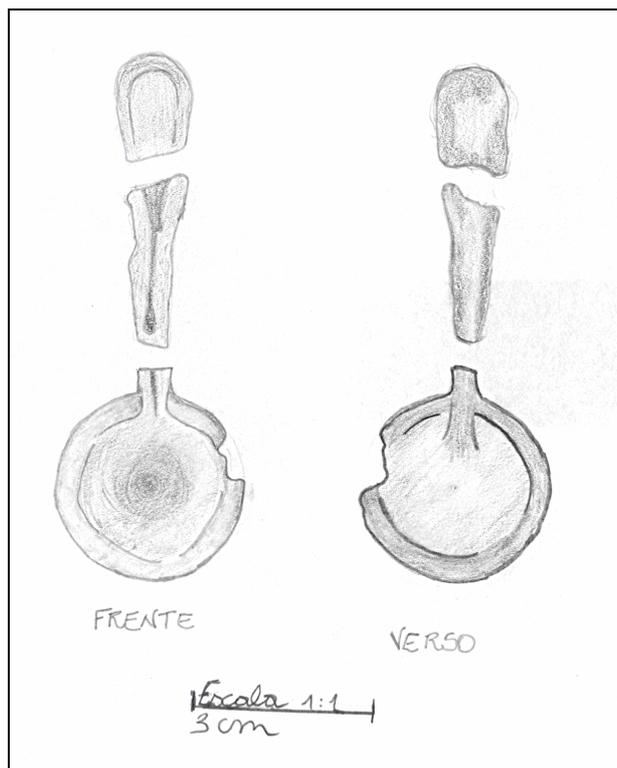


Figura 6: Colher pequena. Fonte: LEPA/UFSM.

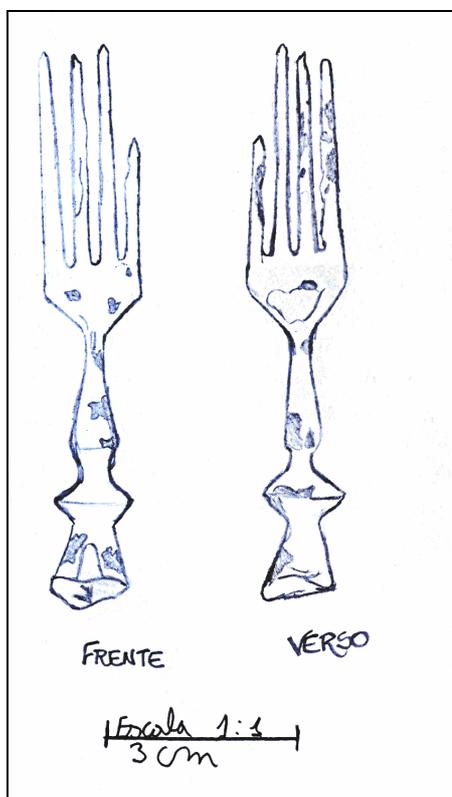


Figura 7: Garfo Fonte: LEPA-UFSM

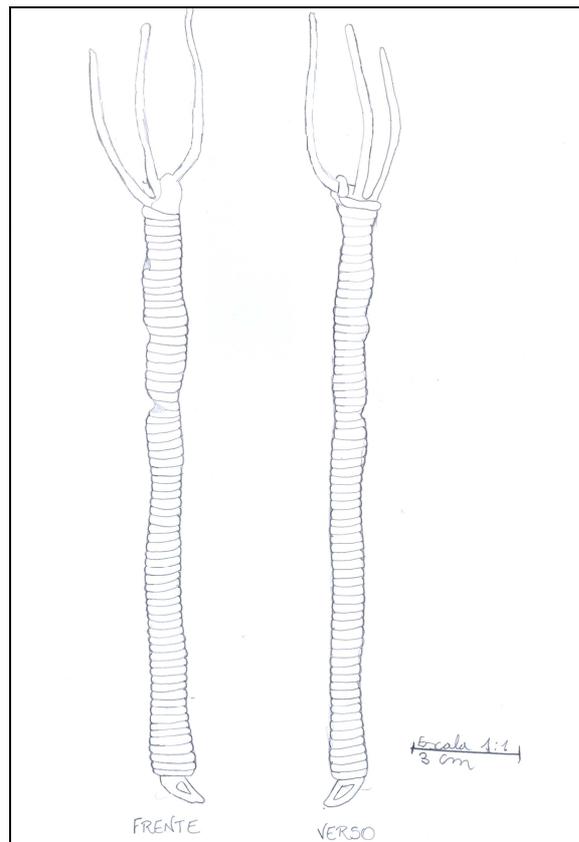


Figura 8-Garfo artesanal Fonte: LEPA-UFSM

3.4.1.2: O Vestir da Estância Velha do Jarau: botões e acessórios.

Sobre os botões, um item que salta aos olhos é a presença de uma peça específica, um botão com uma inscrição em alto-relevo, o escudo da república uruguaia, concomitante a outros, mais comuns em sítios históricos do século XIX, como os botões parisienses e ingleses.

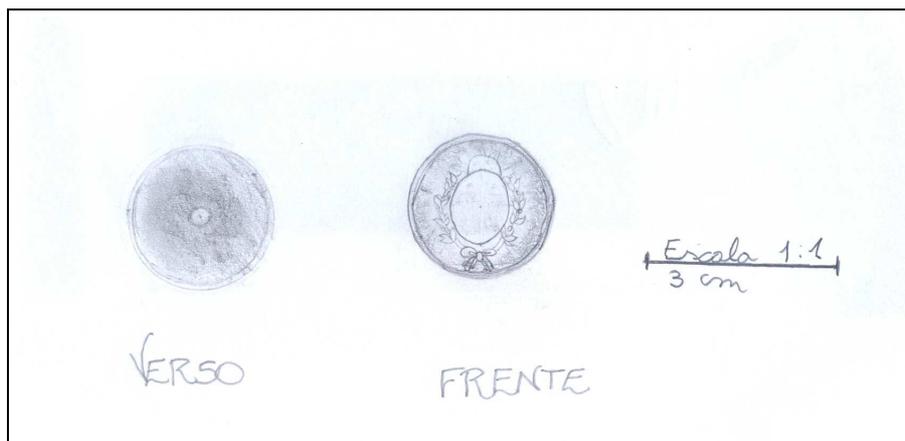


Figura 9 - Botão com brasão uruguaio em alto-relevo Fonte: LEPA-UFSM

3.4.2- Tralha bélica: armas e fronteiras

Entende-se por tralha bélica aqueles artefatos que se relacionam com o militarismo, com os conflitos armados e aquelas atividades que envolviam a utilização de armas brancas ou de fogo, tais como a caça. (THOMASI, 2003).

Segundo Gomes (2001, p. 52):

O Rio Grande do Sul forjou-se a ferro e fogo, e a campanha não é apenas uma denominação aleatória para uma região, é um termo que faz referência ao teatro das operações de guerra, ao campo de batalha. Já comentou-se que as estâncias possuíam um caráter belicoso, e uma organização social hierarquizada, militarizada. A “última província” do Império era a mais susceptível de invasão via terrestre, tendo em vista sua proximidade com o “lado dos espanhóis”, que posteriormente seriam chamados de “castelhanos”.

Ou seja, a fronteira, ou campanha, se apresenta como um local extremamente belicoso.

Da cultura material, dois cartuchos de fuzil Lefauchaux (HOOG, 1980) nos chamam atenção. De origem francesa, começaram a ser produzidos a partir de meados do século XIX, concomitante, 2 cartuchos de pistola de calibre 22, projéteis esféricos e de alma raiada, bainhas de armas brancas, como de baionetas e sabres além de cartuchos de fuzil, sendo que, cerca de um quarto

desses cartuchos são de festim. Isso se justifica, pois nos anos 1980, a Estância Velha do Jarau foi utilizada como campo de instrução para exercícios militares pelo exército brasileiro.



Figura 10- Cartuchos le-fecheaux Fonte: LEPA-UFSM

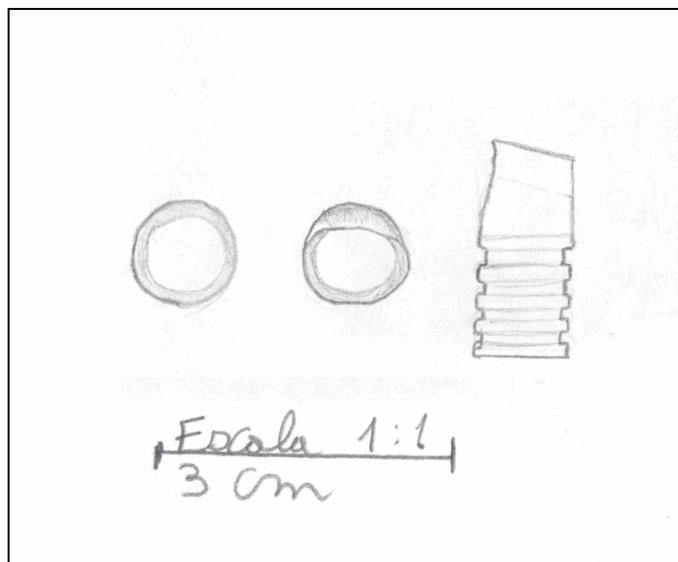


Figura 11 : Projétil de alma raiada. Fonte: LEPA/UFSM.

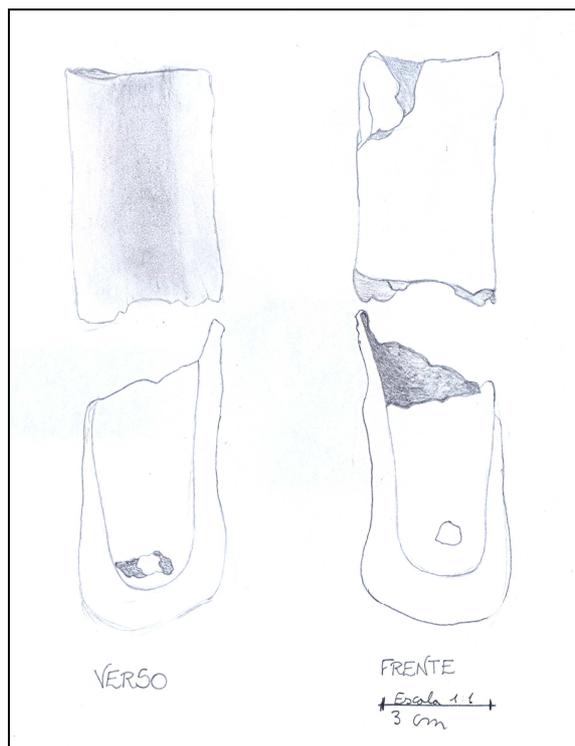


Imagem 12- Armas Brancas:ponta de bainha de sabre. Fonte: LEPA-UFSM

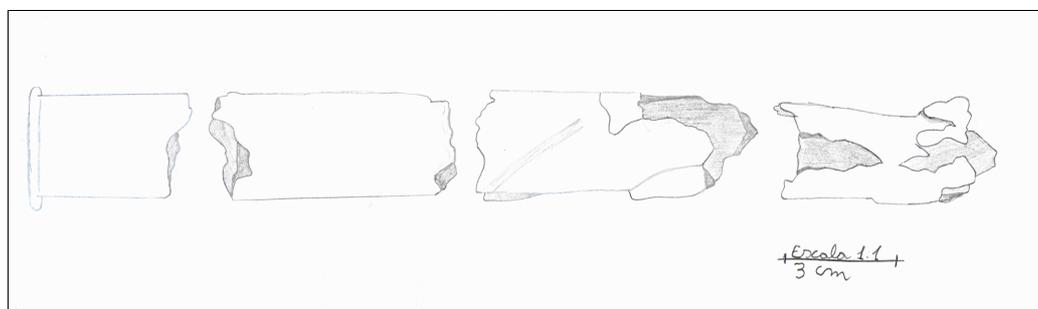


Figura 13- Armas Brancas: bainha de adaga. Fonte: LEPA-UFSM

3.4.3-Ferramentas e tralha eqüestre: as lidas campeiras da Estância Velha do Jarau.

As atividades de campo, as chamadas “Lidas Campeiras”, ou seja, o trato e utilização do gado ovino, eqüino, bovino e muar, assim como atividades

de plantio e manutenção da estância, podem ser observados por essa cultura material específica.

3.4.3.4 O Alambrado na região fronteira:

A divisão primeira dos campos se dava através de acidentes topográficos, tais como córregos, cerros e até mesmo capões de mato. Além disso, as grandes cercas de pedra também serviam para dividir terrenos, como no caso da Estância Velha do Jarau, que ainda possui resquícios dessas iniciais cercas ou mangueiras de pedra, essas mangueiras, eram irregulares, tanto na sucessão quanto na altura, ou seja, quase sempre, não seguiam em linha reta, eram descontínuas, sendo que, dessa forma, os terrenos não possuíam limites estabelecidos de forma efetiva, sendo muito fácil atravessar as propriedades, visto que encurtava os caminhos. A mítica sensação de liberdade do gaúcho, também advinha dessa amplitude de campos.

Em torno de 1860, iniciou-se um processo de demarcação e legitimação das posses dos terrenos, com o início do processo de laminação (SHAVELZON, p. 239, 1991).

A inserção das cercas de arame nos campos trouxe profundas mudanças, inclusive o surgimento de um novo personagem nesta região fronteira do país, o Alambrador, um profissional encarregado em estender as cercas de arame, quase sempre, viajavam em grandes carretas, com suas ferramentas e família, vagando pelo Rio Grande do Sul, oferecendo seus serviços e trabalhando sob contrato verbal, era uma atividade passada de pai para filho, visto que as famílias acampavam junto ao trabalho que estava sendo realizado.

Segundo Raul Pont (1983, p.525):

Dizem as estatísticas que o Porto de Rio Grande inicia o recebimento de importação de arame galvanizado em fins de 1869 se intensificando seu comércio a partir de 1870. Acreditamos que a bacia do Prata também iniciasse essa importação dos ingleses, mais ou menos nessa mesma época. Uma entrevistada promovida pela antiga revista argentina, *Aquí Está*, que se publica em Buenos Aires, revela o que dizia o Sr. Luiz Roggero, que residia nesta província (...) que havia se dedicado a profissão de *alambrador* e como tal trouxe

os primeiros postes e arames com o que se iniciou os alambrados. (grifos meus).

Notadamente conhecida por suas cercas de pedra, entretanto, a Estância Velha do Jarau, também se insere dentro desses processos de cerceamento de campos pelo arame. Fundada em meados de 1820, data a que se atribuem às cercas de pedra, teve seu abandono em 1905, também teve seu território cortado pelas cercas de arame, a cultura material advinda do sítio, rica em arames também possui ferramentas relacionadas a este processo, a Chave de Alambrador, que segundo Raul Pont (1983) é feita com uma lima batida pelos ferreiros da campanha, com dentes e mossas graduadas com que se enrosca e modela o arame.

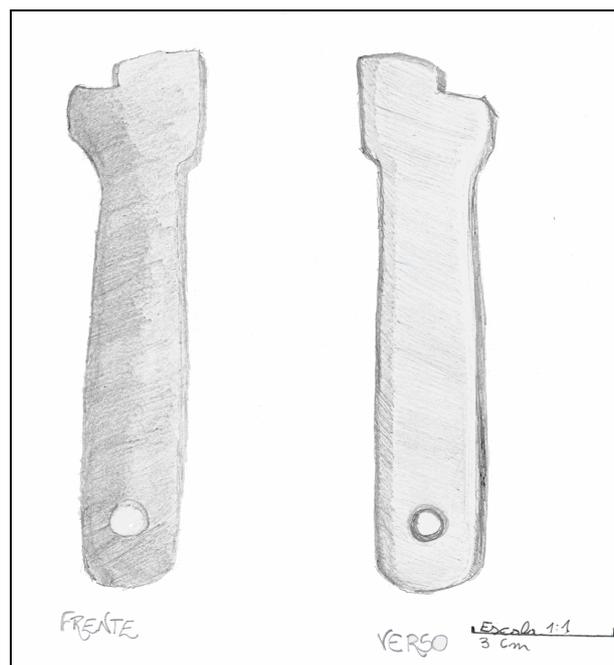


Figura 14-Chave de alambrador. Fonte: LEPA-UFSM

3.4.3.5.O trato dos animais na Estância: o gado ovino, muar e cavalari.

A tralha mostra a presença dos animais no sítio, tanto o gado eqüino quanto o muar e ovino, além das atividades não domésticas no sítio, através de

ferramentas da lida de campo e com o gado, como a tesoura de tosquia e os aparatos para mulas.

A inserção da Mula na região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul se deu através dos Muleiros, ou seja, tropeiros que vinham de Laguna, Sorocaba, Curitiba ou Guarapuava, trazendo diversos gêneros, tais como sal, açúcar e outros no lombo de mulas, além de trazerem tropas asininas para comercializar.

Em meados do século XVIII já era intensa a utilização e comercialização de mulas no país, em função da mineração que necessitava de animais de carga e tração, além de também ser necessário utilizar intensamente do comércio dos tropeiros a fim de trazer bens de consumo para as Minas Gerais.

Segundo Raul Pont (1983) muitas foram as estâncias do Rio Grande do Sul que se dedicaram a criação de mulas, em função da necessidade desses animais na mineração.

Na Estância Velha do Jarau é possível observar uma cultura material relaciona as mulas, as ferraduras utilizadas por esses animais são menores, e se diferenciam das utilizadas em cavalos por terem seus calcanhares mais retos e paralelos (SCHÁVELZON, 1991).



Imagem15-Ferradura de Mula. Fonte: LEPA-UFSM

Além de animal de trabalho, de carga, a mula também foi utilizada como animal de montaria.

A Tosa das ovelhas na região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul tem uma importância muito grande, o período de Esquila⁴⁰ era um grande evento, acabou por tornar-se um marco representativo no folclore gaúcho, em termos econômicos e culturais. Segundo Pont: (1983, p. 290):

Durante o período da esquila, as comparsas⁴¹ costumavam fazer vários conchavos, tosando em diversas estâncias, com datas acertadas antecipadamente. O grupo de tosadores se locomovia a cavalo, cada qual no seu próprio. Uma carreta os acompanhava transportando os mantimentos e utensílios de cozinha, pois conforme as distâncias, acampavam durante a viagem. (nota minha)

O tosador possuía uma ferramenta específica, a tesoura de tosquia, uma tesoura manual, com que realizava a *tosa a martelo*.

Segundo Raul Pont (1983, p.283):

Em toda a região do Pampa, o sistema de tosquia é mais ou menos idêntico. O trabalho de tosar ovelhas, que consiste em retirar a lã do animal para ser comercializada, é executado durante a primavera e início de verão. Via de regra, nesta fronteira, a tosquia se inicia em fins de setembro e vai até novembro. É a época mais afanosa dos municípios criadores de ovelhas.

A lã da ovelha é amplamente utilizada, principalmente na confecção de colchões, cobertores e xergões⁴².

O cavalo para o gaúcho é inseparável, a mítica construção do “Centauro dos Pampas” não é por acaso, o homem da fronteira sul brasileira tem seu cavalo como artigo de primeira necessidade, é sobre sua carona que quase todas suas atividades são desenvolvidas.

⁴⁰ Esquila é o período em que se tosam as ovelhas.

⁴¹ Comparsa era o grupo de trabalhadores envolvidos na tosa.

⁴² Tecido de lã ou pelego de ovelha, que se coloca ao lombo do cavalo, logo abaixo da carona.

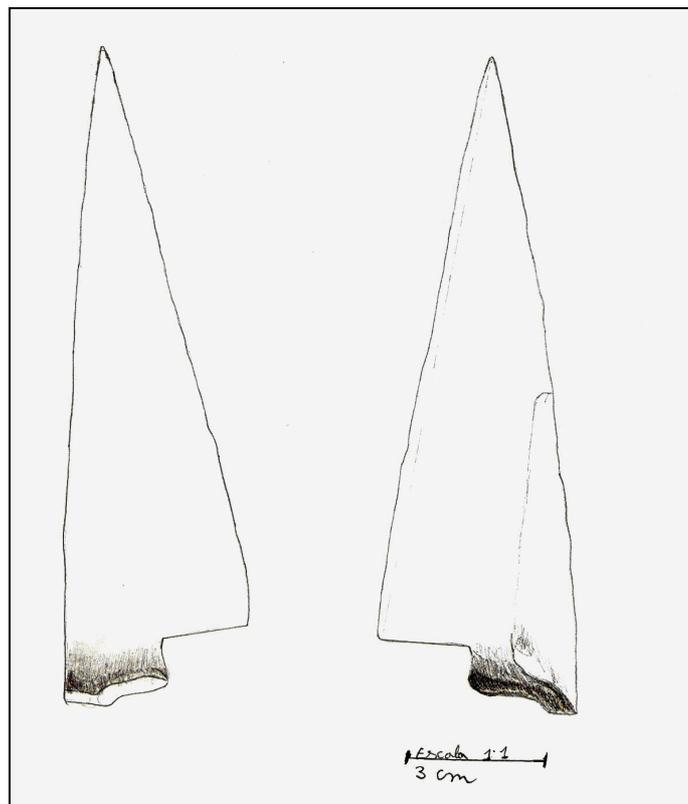


Figura 16-Tesoura de Tosquia. Fonte LEPA-UFSM

Para Raul Pont (1983, p. 275):

Companheiro das lides diurnas do campo, a inseparável simbiose Homem-Cavalo, impôs complementações e cuidados á íntima convivência. O bom gaúcho deixou, por vezes, de cuidar-se, para cuidar e proteger o seu cavalo. O poncho ralo e as botas encanecidas no uso, constatavam muitas vezes com a prata de finos labores dos aperos com que se ajazavam os pingos rio-grandenses.

Além disso, o cavalo possuía um valor muito grande para as questões militares. Uma tropa de animais, como a de Bento Manoel Ribeiro, era símbolo de muito poder e dinheiro.



Figura 17-Ferraduras de Cavallo. Fonte: LEPA-UFSM

O cavalo era o grande instrumento bélico da época. O exército imperial além de outros males morais e materiais sofria a penúria da cavahada. A montaria frágil comprometia a essência da ação regular da tropa. Bento Manoel estava incumbido, inicialmente de reunir e fornecer as cavahadas para depois planejar qualquer ataque ou mesmo pôr-se na defensiva, guardando as fronteiras da província, já que o que faltava não eram soldados, mas sim cavalos (SANMARTIN, 1935, p.68).

Tanto ferraduras, quanto objetos de montaria são abundantes na cultura material do sítio Estância Velha do Jarau.

3.4.3.6: Ferramentas agrícolas: plantio de subsistência.

Peças específicas como o arado e a foice, nos falam da presença de lavouras anciliares. Nem só de carne se vivia, mas também de outros viveres, como uma pequena roça de subsistência, produzindo milho, mandioca, batata doce, abóboras, melancias, algodão e outros.

O plantio se dava em pequenas hortas, e ficava a cargo dos escravos (GOMES, 2001), além do plantio, dentro das estâncias também eram produzidos queijos, farinhas, sabão e outros, as estâncias produziam quase tudo que precisavam, com exceção do sal e de outros bens manufaturados, que eram trazidos por mascates ou adquiridos em pequenos armazéns de campanha.

São poucos os trabalhos nesse sentido devido às atividades de subsistência não terem como objetivo a comercialização, e, portanto, não existe um grande número de informações sobre esse tipo de produção de bens de consumo.



Figura 18- Fragmento de arado. Fonte: LEPA-UFSM



Figura 19- Foice. Fonte: LEPA-UFSM

A arqueologia histórica possui, dentre tantas outras, a especificidade do diálogo entre cultura material e fontes escritas, neste trabalho essa possibilidade se deu através da análise dos metais, tema deste capítulo, relacionada à leitura de fragmentos de relatos viajantes, presente no segundo capítulo desta dissertação. Com isso, foi possível visualizar que certos aspectos, como a frequência em que a belicosidade e o constante contexto de conflitos violentos, observada pelos estrangeiros em seus escritos, está presente na cultura material, representada pela presença de peças da tralha bélica, inseridos neste ambiente beligerante, assim como a forte presença do gado, principalmente eqüino, que possui uma cultura material muito rica atrelado a ele, e que recebeu uma forte referencia nos relatos. Todavia, segundo os relatos dos viajantes, apenas de carne de se alimentaria no Rio Grande do Sul do século XIX, mas, as foices e os arados podem desvendar uma faceta que não é mostrada, nem mencionada nos trechos de textos selecionados para essa leitura, a possibilidade de uma incipiente plantação, de consumo interno, que supria as necessidades da Estância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente cortiços, senzalas, quilombos, caminhos, becos e pequenas unidades domésticas são alvos de pesquisas cientificamente comprometidas (LIMA, 2002) atestando um amadurecimento da arqueologia histórica enquanto ciência (FUNARI, 2005). Essas novas formas de olhar para a formação histórica tem trazido novas temáticas para a arqueologia como um todo.

Inicialmente praticada de uma forma quase amadora, a arqueologia histórica tem adquirido aspectos mais científicos nos últimos anos. Diversos trabalhos com esta temática tem sido produzidos atualmente, comprometidos com os aspectos tanto metodológicos e científicos quanto os culturais e sociais vinculados a estas pesquisas.

A Estância Velha do Jarau tem sido alvo de pesquisas arqueológicas desde os anos 1997, dessas pesquisas foram produzidos uma série de artigos, monografias e, até o presente momento, uma dissertação. Esses trabalhos, apesar de poucos, foram fontes de pesquisas e de revisão bibliográfica no presente trabalho.

Inserida em um processo histórico de formação do Rio Grande do sul, no século XIX, a Estância Velha do Jarau foi uma estância de criação de gado, tanto para consumo interno quanto externo, neste ambiente é possível observar a ação de agentes históricos característicos, que puderam ser visualizados neste trabalho, através de fontes escritas, em sua grande maioria proveniente de relatos dos diversos viajantes que percorreram o território do atual Rio Grande do Sul, que, apesar da necessidade de se considerar os aspectos subjetivos dessas fontes históricas, puderam acrescentar na medida em que, esses textos selecionados se relacionam a cultura material própria do Rio Grande do Sul e da Estância.

A Estância Velha do Jarau é um sítio arqueológico histórico com características específicas, núcleo familiar de pelo menos uma das famílias proprietárias, típica estância da fronteira do Rio Grande do Sul do século XIX, também se mostra como marco representativo da presença Luso-brasileira na

região o que faz dela um caso particular, além disso, o ar lendário em que está envolvida faz da Estância Velha do Jarau, algo ainda mais específico, o que é refletido na bibliografia sobre a Estância.

A Estância Velha do Jarau é um espaço memória por definição, ela é o cenário, o pano de fundo da Lenda de Simões Lopes Neto (1998), localizada muito próxima ao lendário cerro do Jarau, lar do ente fantástico da lenda, a Teiniaguá, acaba por também adquirir ares de míticos, tanto pela lenda, quanto pelos feitos dos indivíduos históricos relacionados a ela.

O estabelecimento da Estância Velha do Jarau aos pés do cerro do Jarau, não foi aleatória, o cerro tem função estratégica, servindo de posto de observação avançado para a Estância, inserida em um contexto de constantes conflitos, a possibilidade de observar o trânsito de tropas inimigas de forma mais segura e adiantada através do cerro foi considerada por aqueles que se estabeleceram no local como um importante fator para esta escolha.

Os objetos aqui analisados, os metais, possuem especificidades tanto referentes aos métodos de análise do seu papel dentro do processo de elaboração de uma visão, mesmo que parcial, do cotidiano e das experiências dos agentes históricos envolvidos na Estância Velha do Jarau, quanto na constituição física, ou seja, nos seus aspectos materiais, já que se trata de uma cultura material frágil, que necessita de um processo de preservação atento e particular.

Em decorrência do seu estado de degradação, foi necessário que se fizesse um esforço na elaboração de formas eficazes e realizáveis de preservação dessas peças. Foram observados métodos, tais como a própria arqueometalurgia, técnica atual de preservação e análise de metais arqueológicos que se utiliza da engenharia de materiais e outras disciplinas em uma abordagem multidisciplinar. Todavia, os métodos são relativamente caros e envolvem um grande número de profissionais. A limpeza mecânica (CEZAR, et alli. 1997) seguida da aplicação da cera micro-cristalina (THOMASI, 2006) foi a ação mais adequada às características dos metais da Estância.

Vários arqueólogos brasileiros desenvolveram técnicas e métodos para a preservação do material, mas, essas técnicas, assim como as escolhidas para a aplicação nesta pesquisa, via de regra, são adaptadas a cada sítio e a cada realidade que se apresenta ao pesquisador.

A partir da cultura material resgatada das diversas escavações desenvolvidas pelo LEPA, é possível observar uma grande variedade de peças, inseridas nas atividades cotidianas da estância, tanto dentro de casa, nas tarefas domésticas, com inclusive a presença de objetos adaptados à cultura europeia em que estava inserido, quanto nas atividades de campo, como a agricultura e as atividades de montaria, tão freqüentes no Rio Grande do Sul, além disso, existe a presença de peças relacionadas a armamento e belicismo, objetos típicos de uma região conflituosa como a fronteira Brasil Uruguai, inseridas no seu período histórico.

Além disso, é importante que se lance em trabalhos futuros um olhar mais apurado e atento sobre a coexistência de objetos importados e nacionais, bem como com temáticas estrangeiras no mesmo contexto, o que um botão uruguaio faz em uma possessão Luso - Brasileira? As possibilidades são múltiplas, se tratando de uma área onde os limites fronteiriços se esvaecem frente às diversas relações estabelecidas entre os indivíduos que ali viviam.

Peças específicas como o arado, indicam a presença de uma lavoura auxiliar, nem só de carne se vivia na Estância Velha do Jarau, também de batata, mandioca, milho. Outras peças, como as chaves de alambrador nos falam do processo de cerceamento dos campos com o arame farpado, que, se tratando de Jarau, caracterizado pelas extensas mangueiras de pedra, podem contribuir bastante para a continuação deste trabalho, além de toda a cultura material do sítio, que possui um grande potencial enquanto fonte de pesquisa.

Novos e mais profundos estudos sobre a Estância Velha do Jarau se fazem necessários e possíveis, visto que características específicas deste sítio podem trazer novas discussões sobre o processo de Formação das Fronteiras do sul do Brasil, assim como também sucinta estudos sobre as atividades cotidianas dos indivíduos inseridos e atuantes no sítio, suas atividades domésticas, sua forma de se defender, seu trabalho de campo, enfim, aspectos estes que podem ser comparados aos vestígios documentais escritos, possibilidade essa que apenas sítios históricos como a Estância Velha do Jarau podem propiciar. Esta é nossa contribuição á reconstrução do passado arqueológico histórico da Estância Velha do Jarau.

REFERENCIAS:

AFONSO, Marisa Coutinho. **Arqueologia ou Arqueologias da Paisagem**. No Prelo. 2006

ALBUQUERQUE, Marcos. Perspectiva da Arqueologia Histórica no Brasil. **Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro, 1993. disponível em <<http://www.magmarqueologia.pro.br/publicacoes.htm>> acesso em: 10 de jun. de 2007.

ALBUQUERQUE, Marcos; LIMA, Angelina. **Preservação de objetos metálicos resgatados em sítios arqueológicos históricos**. Disponível em <www.magmarqueologia.pro.br. > acesso: 12 de jul. de 2007.

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e Vida Doméstica. In. : _____. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1997

BARKER, Philip, **Techniques of Archaeological Excavation**. Londres: Batsford, 2ª edição , 1982.

BENTO, Cláudio Moreira. **O exército Farrapo e seus Chefes**. Rio de Janeiro: BIBLIEX. 1992

BRUNO, Ernani Silva. **Fichário Ernani Silva Bruno Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira.** São Paulo: Museu da Casa Brasileira. 2001. v1, v2,v3,v4 e v5.

BINFORD, Lewis. **Em Busca do Passado.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

CAMPOS, G. N. ; SOLORZANO, G. Microstructural Analysis of a Steel Tool Rescued From Historical Site in **Rio de Janeiro State.. Materials Research Society** - Materials Issues in Art and Archaeology VI, v. 712, p. 303-322, 2001

CASA DA MOEDA. Homepage <<http://www.bcb.gov.br/?MOEDACONS>>
Acesso em 21 de fevereiro de 2007.

CEZAR, Ted Henrique da Silva; GOMES, Flamarion Freire da Fontoura; MILDER, Saul Eduardo Seiguer. Know-how para tratamento químico de metais em arqueologia e leitura histórica dos artefatos arqueológicos de metal da guarda de são Martinho, In.: **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC. V.21, n. 25, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações.** Lisboa, Difel,1990.

COSTA, Diogo. M. Limpeza e Conservação de Objetos Metálicos. X Reunião Científica da SAB, 1999, Recife. In.: **Kern, Arno A. e Hilbert, Klaus. Arqueologia do Brasil Meridional.** Porto Alegre: PUC-RS, 1999. v. 1. CD-ROM.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**, 2 ed., Bauru: EDUSC, 2003.

DIAS, Carolina Kesser Barcellos. Arqueologia Histórica: Questões Clássicas. In: **Estudos de Arqueologia Histórica**. Erechim: HABITUS, 2005.

DIEHL, Astor **A. Cultura Historiográfica – Memória, identidade e representação**, Bauru: EDUSC. 2002.

ENDERE, María Luz; CURTONI, Rafael Pedro. Patrimonio, arqueología Y participación: Acerca de la noción de paisaje arqueológico. In: ENDERE, Maria Luz e CURTONI, Rafael Pedro (org). **Análisis, Interpretación y Gestión em la Arqueología da Sudamérica**. B Olavarria: INCUAPA, Série Teoria. V. 2. 2003

FRÉDÉRIC, Louis. **Manual Prático de Arqueologia**, Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FERNANDES, Domingos José Marques, A Primeira História do Gaúcho. Porto Alegre, Instituto Anchieta de Pesquisas, Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul, **Pesquisas**, n.15, Ano 5, 1961.

FLORES, Moacyr. **Historiografia – estudos**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial. In **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul, Cultura Material, Discursos e Práticas**. Andrés Zarankin e María Ximena Senatores (orgs), Buenos Aires, Ediciones del Tridente, 2002, 107- 116. Disponível em <http://www.maea.ufjf.br/Artigos%20Funari/texto13.pdf>. > acesso: 13 de Maio de 2007.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Os Avanços da Arqueologia histórica no Brasil, um Balanço**. Disponível em www.comciencia.br/reportagens/arqu.shtml> Acesso: em 13 de set. de 2005.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial. In: **Revista de História Regional**, Ponta Grossa: DEHIS, v. 6, n. 2, p. 35-41, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia Histórica e Cultura Material**. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

FUNARI, Pedro Paulo; JONES, Siân; HALL, Martin. Introduction: archaeology in History. In: **.Historical Archaeology: Back form the Edge**. London and New York: Routledge, 1999.

GOLIN, Tau. **A Fronteira**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GOMES, Flamarion Freire da Fontoura. **Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1828-1905)** Um Estudo de Caso Em Arqueologia Histórica Rural. Dissertação (Mestrado em História) Mestrado em História. PUCRS, Porto Alegre, 2001.

GONÇALVES, Raul Annes. **Mala de Garupa**. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiros, 1990.

GUTFREIND, Ieda. A historiografia sul-rio-grandense e o mito do gaúcho brasileiro. In: FISCHER, Luís Augusto; GONZAGA, Sergius (orgs.). **Nós, os**

gaúchos. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p. 148-152.

HOOG, Ian V. **The Illustrated Encyclopedia of Firearms**. Middlesex, England: Hamlyn, 2^oed., 1980.

ISABELLE, Arséne. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)** 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1983.

KERN, Arno Alvarez. Cultura Européia e Indígena no Rio da Prata nos Séculos XVI/ XVIII. In: **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

LLORET, Sonia Gutiérrez. Arqueología – **Introducción a la historia material de las sociedades del pasado**, Alicante: Publicaciones, 1997.

LE GOFF, Jacques. O Desejo pela História. In: CHAUNU, P., et al. **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: edições 70, 1987.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**, trad. Bernardo Leitão et al., 5^a edição, Campinas, Editora UNICAMP, 2003.

LIMA, Leila. Recentes Debates na Arqueologia Histórica. In: **Estudos de Arqueologia Histórica**. Erechim: HABITUS, 2005.

LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia Histórica no Brasil: balanço Bibliográfico (1960-1991). in: **Anais do Museu Paulista História e Cultura Material**. Nova Série n.1 1993. São Paulo: USP 1993. p. 225 –262.

LIMA, Tânia Andrade. Os Marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. In: **Estudos Ibero-Americanos. V. XXVIII, n2.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 7-23.

MARTÍNEZ, Eduardo de P. Significado Cultural del Paisaje. In **Seminari Internacional sobre Paisatge**. Em www.catpaisatge.net Acesso: 23 de nov. de 2006

NAJJAR, Rosana. **Arqueologia Histórica: Manual.** Brasília: IPHAN, 2005.

NAJJAR, Rosana. **Manual De Arqueologia Histórica Em Projetos De Restauração.** Brasília: IPHAN, 2002.

NETO, J. Simões Lopes. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul,** Porto Alegre: Editora L & PM., 1998.

ORSER, Charles E. **Introducción a la Arqueología Histórica.** Buenos Aires: Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología. 2000.

PEREA, Alicia, et. alli. Arqueometalurgia: Historia Y Tecnologia. In: **La Investigación sobre o Patrimonio.** Madri: Instituto de Historia Centro de Ciencias Humanas y Sociales., 2008, p.129-142.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História do Rio Grande do Sul.** 8 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

PESEZ, Jean-Marie. **História da Cultura Material**. In: GOFF, Jacques Le. A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PONT, Raul. **Campos Realengos - Formação da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Renascença, 1983.

RAHTZ, Philp. **Convite à Arqueologia**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.

RAMBO, Balduino. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul**. 3ª edição São Leopoldo: Editora Unisinos. 2000.

RAPP Jr., G. & HILL, C. **Geoarcheology. The Earth-Science Approach to Archaeological Interpretation**. New Haven: Yale University Press, 1998.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas; tendências recentes em estudos de cultura Material. **Anais do Museu Paulista**. Vol. 04, USP, São Paulo, 1996.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Archaeology: Theories, Methods and Practice**, Londres e Nova Iorque: Thames and Hudson, 1996

SANMARTIN, Olyntho. **Bento Manoel Ribeiro-Ensaio Histórico**. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1935

SANTI, Juliana R. **Estabelecimentos de Estâncias: Estratégia Imposta pela Coroa Luso-Brasileira na Fixação dos Limites da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul** Dissertação (Mestrado em Integração Latino Americana) Mestrado em Integração Latino Americana. UFSM, 2004.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

SCHÁVELZON, Daniel. **Arqueologia Histórica de Buenos Aires. Buenos Aires: la Cultura Material Porteña de los siglos XVIII e XIX**. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1991.

SILVA, Adriana Fraga. **Estratégias Materiais e Espacialidade: uma arqueologia da paisagem do tropeirismo nos campos de cima da Serra/RS** Dissertação (Mestrado em História) Mestrado em História PUCRS, Porto Alegre, 2006.

STORI, Adriana, T, ZANIN, Elisabete M. *et alli*. **In: Trabalhos Acadêmicos da Concepção à Apresentação**. Erechim: EDIFAPES, 2006

SYMANSKI, Luis Cláudio P. **Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1998.

THOMASI, Diele Ilha, MILDER, Saul Eduardo S. Cotidiano e Belicosidade na Fronteira Brasil Uruguai: Análise dos Metais da Estância Velha do Jarau. In: VII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E III ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 2003, São José dos Campos. **Anais Completo do VII INIC E III EPG, 2003**. São José dos Campos: UNIVAP, 2003.

THOMASI, Diele Ilha, MILDER, Saul Eduardo S. Cotidiano de uma Estância do Século XIX Através da Cultura Material: os Metais da Estância Velha do Jarau. In: V ENCONTRO DO NÚCLEO REGIONAL DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA SAB/SUL, 2006, Rio Grande. **Anais da V SAB/SUL**. Rio Grande: FURG, 2006. 1 CD ROM.

TRIGGER, Bruce. **A History Of Archaeological Thought**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1989.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Maloqueiros e seus palácios de barro: O cotidiano doméstico na Casa Bandeirista**. Tese (Doutoramento em Arqueologia) Doutorado em Arqueologia. MAE/USP, São Paulo. 2005

ANEXO A- A SALAMANCA DO JARAU DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO.

ERA UM DIA...

um dia, um gaúcho pobre, Blau, de nome, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais, estava conchavado de posteiro, ali na entrada do rincão; e nesse dia andava campeando um boi barroso.

E no tranqüito andava, olhando; olhando para o fundo das sangas, para o alto das coxilhas, ao comprido das canhadas; talvez deitado estivesse entre as carquejas - a carqueja é sinal de campo bom -, por isso o campeiro às vezes alçava-se nos estribos e, de mão em pala sobre os olhos, firmava mais a vista em torno; mas o boi barroso, crioulo daquela querência, não aparecia; e Blau ia campeando, campeando...

Campeando e cantando:
«Meu bonito boi barroso.
Que eu já contava perdido,

Deixando o rastro na areia
Foi logo reconhecido.
«Montei no cavalo escuro
E trabalhei logo de espora;
E gritei — aberta, gente.
Que o meu boi se vai embora!
«No cruzar uma picada,
Meu cavalo relinchou.
Dei de rédea para a esquerda,
E o meu boi me atropelou!
«Nos tentos levava um laço
De vinte e cinco rodilhas,
Pra laçar o boi barroso
Lá no alto das coxilhas!

«Mas no mato
carrasqueiro
Onde o boi
'stava
embretado,
Não quis usar o
meu laço,
Pra não vê-lo
retalhado.

«E mandei fazer
um laço
Da casca do
jacaré,
Pra laçar meu
boi barroso
Num redomão
pangaré.

«E mandei fazer
um laço
Do couro da
jacutinga,
Pra laçar meu
boi barroso
Lá no passo da
restinga.

«E mandei fazer
um laço
Do couro da
capivara
Pra laçar meu
boi barroso
Nem que fosse
a meia-cara;
«Este era um

laço de sorte,
Pois quebrou do
boi a balda "...

.....
.....
.....
.....

No tranqüito ia, cantando, e
pensando na sua pobreza, no
atraso das suas cousas.

No atraso das suas cousas,
desde o dia em que topou - cara a
cara! - com o Caipora num
campeste da serra grande, pra lá,
muito longe, no Botucaraí...

A lua ia recém-saindo...; e foi
à boquinha da noite...

Hora de agouro, pois então!...

Gaúcho valente que era
dantes, ainda era valente, agora;
mas, quando cruzava o facão com
qualquer paisano, o ferro da sua
mão ia mermando e o do contrário o
lanhava...

Domador destorcido e
parador, que por só pabulagem
gostava de paletear, ainda era
domador, agora; mas, quando
gineteava mais folheiro, às vezes,
num redepente, era volteado...

De mão feliz para plantar,
que lhe não chocava semente nem
muda de raiz se perdia, ainda era
plantador, agora; mas, quando a

semeadura ia apontando da terra, dava a praga em toda, tanta, que benzedura não vencia...; e o arvoredado do seu plantio crescia entecado e mal floria, e quando dava fruta, era mixe e era azeda...

E assim, por esse teor, as cousas corriam-lhe mal; e pensando nelas o gaúcho pobre, Blau, de nome, ia, ao tranqüito, campeando, sem topar coo boi barroso.

De repente, na volta duma reboleira, bem na beirada dum boqueirão sofreu o tostado...; ali em frente, quieto e manso, estava um vulto, de face tristonha e mui branca.

Aquele vulto de face branca... aquela face tristonha!...

Já ouvira falar dele, sim, não uma nem duas, mas muitas vezes...; e de homens que o procuravam, de todas as pintas, vindos de longe, num propósito, para endrôminas de encantamentos..., conversas que se falavam baixinho, como num mêdo; pro caso, os que podiam contar não contavam porque uns, desandavam apatetados e vagavam por aí, sem dizer cousa com cousa, e outros calavam-se muito bem calados, talvez por juramento dado...

Aquele vulto era o santão da salamanca do cerro.

Blau Nunes sofreu o cavalo.

Correu-lhe um arrepio no corpo, mas era tarde para recuar: um homem é para outro homem !...

E como era ele quem chegava, ele é que tinha de louvar; saudou:

— Laus'Sus-Cris'!...

— Para sempre, amém! disse o outro, e logo ajuntou: O boi barroso vai trepando cerro acima, vai trepando... Ele anda cumprindo o seu fadário...

Blau Nunes pasmou do adivinho; mas repostou:

— Vou no rastro!...

— Está enredado...

— Sou tapejara, sei tudo, palmo a palmo, até à boca preta da furna do cerro...

— Tu... tu, paisano, sabes a entrada da salamanca?...

— É lá?... Então, sei, sei! A salamanca do cerro do Jarau!... Desde a minha avó charrua, que ouvi falar!...

— O que contava a tua avó?

— A mãe da minha mãe dizia assim:

— Na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade

chamada - Salamanca - onde viveram os mouros, os mouros que eram mestres nas artes de magia; e era numaurna escura que eles guardavam o condão mágico, por causa da luz branca do sol, que diz que desmancha a força da bruxaria...

O condão estava no regaço duma fada velha, que era uma princesa moça, encantada, e bonita, bonita como só ela!...

Num mês de quaresma os mouros escarneceram muito do jejum dos batizados, e logo perderam uma batalha muito pelejada; e vencidos foram obrigados a ajoelharem-se ao pé da Cruz Bendita... e a baterem nos peitos, pedindo perdão...

Então, depois, alguns, fingidos de cristãos, passaram o mar e vieram dar nestas terras sossegadas, procurando riquezas, ouro, prata, pedras finas, gomas cheirosas... riquezas para levantar de novo o seu poder e alçar de novo a Meia-Lua sobre a Estrela de Belém...

E para segurança das suas tranças trouxeram escondida a fada velha, que era a sua formosa princesa moça...

E devia ter mesmo muita força o condão, porque nem os navios se afundaram, nem os frades de bordo desconfiaram, nem os próprios santos que vinham, não sentiram...

Nem admira, porque o condão das mouras encantadas sempre aplastou a alma dos frades e não se importa com os santos do altar, porque esses são só imagens...

Assim bateram nas praias da gente pampiana os tais mouros e mais outros espanhóis renegados. E como eles eram, todos, de alma condenada, mal puseram pé em terra, logo na meia-noite da primeira sexta-feira foram visitados pelo mesmo Diabo deles, que neste lado do mundo era chamado de Anhangá-pitã e mui respeitado. Então, mouros e renegados disseram ao que vinham; e Anhangá-pitã folgou muito; folgou, porque a gente nativa daquelas campanhas e a destas serras era gente sem cobiça de riquezas, que só comia a caça, o peixe, a fruta e as raízes que Tupã despejava sem conta, para todos, das suas mãos sempre abertas e fazedoras...

Por isso Anhangá-pitã folgou, porque assim minava para o peito

dos inocentes as maldades encobertas que aqueles chegados traziam...; e pois, escutando o que eles ambicionavam para vencer a Cruz com a força do Crescente, o maldoso pegou do condão mágico - que navegara em navio bento e entre frades rezadores e santos milagrosos -, esfregou-o no suor do seu corpo e virou-o em pedra transparente; e lançando o bafo queimaste do seu peito sobre a fada moura, demudou-a em teiniaguá, sem cabeça. E por cabeça encravou então no novo corpo da encantada a pedra, aquela, que era o condão, aquele.

E como já era sobre a madrugada, no crescimento da primeira luz do dia, do sol vermelho que ia querendo romper dos confins por sobre o mar, por isso a cabeça de pedra transparente ficou vermelha como brasa e tão brilhante que olhos de gente vivente não podiam parar nela, ficando encandeados, quase cegos!...

E desfez-se a companha até o dia da peleja da nova batalha. E chamaram - salamanca - à furna desse encontro; e o nome ficou pras furnas todas, em lembrança da cidade dos mestres mágicos.

Levantou-se um ventarrão de tormenta e Anhangá-pitã, trazendo num bocó a teiniaguá, montou nele, de salto, e veio correndo sobre a correnteza do Uruguai, por léguas e léguas, até as suas nascentes, entre serranias macotas.

Depois, desceu, sempre com ela; em sete noites de sexta-feira ensinou-lhe a vaqueanagem de todas as furnas recamadas de tesouros escondidos... escondidos pelos cauilas, perdidos para os medrosos e achadios de valentes....

E a mais desses, muitos outros tesouros que a terra esconde e que só os olhos dos zaoris podem vispar...

Então Anhangá-pitã, cansado, pegou num cochilo pesado, esperando o cardume das desgraças novas, que deviam pegar pra sempre...

Só não tomou tenência que a teiniaguá era mulher...

Aqui está tudo o que eu sei, que a minha avó charrua contava à minha mãe, e que ela já ouviu, como cousa velha, contar por outros, que, esses viram!...

E Blau Nunes bateu o chapéu para o alto da cabeça, deu um safanão no cinto, aprumando o facão...; foi parando o gesto e ficou-

se olhando, sem mira, para muito longe, para onde a vista não chegava, mas onde o sonho acordado que havia nos seus olhos chegava de sobra e ainda passava... ainda passava, porque o sonho não tem lindeiros nem tapumes...

Falou então o vulto de face branca e tristonha; falou em voz macia. E disse assim:

É certo:

- não tomou tenência que a teiniaguá era mulher... Ouve, paisano.

No costado da cidade onde eu vivia havia uma lagoa, larga e funda, com uma ilha de palmital, no meio. Havia uma lagoa...

A minha cabeça foi banhada na água benta da pia, mas nela entraram soberbos pensamentos maus... O meu peito foi ungido com os santos óleos, mas nele entrou a doçura que tanto amarga, do pecado...

A minha boca provou do sal piedoso... e nela entrou a frescura que requeima, dos beijos da tentadora...

Mas assim era o fado..., tempo e homem virão para me libertar, quebrando o encantamento que me amarra, duzentos anos não

de findar; eu esperei no entanto vivendo na minha tristeza seca, tristeza de arrependido que não chora.

Tudo o que volteia no ar tem seu dia de aquietar-se no chão...

Era eu que cuidava dos altares e ajudava a missa dos santos padres da igreja de S. Tomé, do lado ao poente do grande rio Uruguai. Sabia bem acender os círios, feitos com a cera virgem das abelheiras da serra; e bem balançar o turíbulo, fazendo ondear a fumaça cheirosa do rito; e bem tocar a santos, na quina do altar, dois degraus abaixo, à direita do padre; e dizia as palavras do missal; e nos dias de festa sabia repicar o sino; e bater as horas, e dobrar a finados... Eu era o sacristão.

Um dia na hora do mormaço, todo o povo estava nas sombras, sesteando; nem voz grossa de homem, nem cantoria das moças, nem choro de crianças: tudo sesteava. O sol faiscava nos pedregulhos lustrosos, e a luz parecia que tremia, peneirada, no ar parado, sem uma viração.

Foi nessa hora que eu saí da igreja, pela portinha da sacristia, levando no corpo a frescura da sombra benta, levando na roupa o

cheiro da fumaça piedosa. E saí sem pensar em nada, nem de bem nem de mal; fui andando, como levado...

Todo o povo sesteava, por isso ninguém viu.

A água da lagoa borbulhava toda, numa fervura, ronquejando tal e qual como uma marmita no borralho. Por certo que lá em baixo, dentro da terra, é que estaria o braseiro que levantava aquela fervura que cozinhava os juncos e as traíras e pelava as pernas dos socós e espantava todos os mais bichos barulhentos daquelas águas...

Eu vi, vi o milagre de ferver toda uma lagoa..., ferver, sem fogo que se visse!

A mão direita, pelo costume, andou para fazer o "Pelo-Sinal"... e parou, pesada como chumbo; quis rezar um "Credo", e a lembrança dele recuou; e voltar, correr e mostrar o Santíssimo... e tanger o sino em dobre... e chamar o padre superior, tudo para esconjurar aquela obra do inferno... e nada fiz... nada fiz, sem força na vontade, nada fiz... nada fiz, sem governo no corpo!...

E fui andando, como levado, para de mais perto ver, e não perder de ver o espantoso...

Porém logo outra força acalmou tudo; apenas a água fumegante continuou retorcendo os lodos remexidos, onde boiava toda uma mortandade dos viventes que morrem sem gritar...

Era no fim de um lançante comprido, estrada batida e limpa, de todos os dias as mulheres irem para a lavagem; e quando eu estava na beira da água, vendo o que estava vendo, então rompeu dela um clarão, maior que o da luz a pino do dia, clarão vermelho, como dum sol morrente, e que luzia desde o fundão da lagoa e varava a água barrenta...

E veio crescendo para a barranca, e saiu e tomou terra, e sem medo e sem ameaça veio andando para mim a sempre es-capada maravilha..., maravilha que os que nunca viram juravam ser - verdade - e que eu, que estava vendo, ainda jurava ser - mentira! -

Era a teiniaguá, de cabeça de pedra luzente, por sem dúvida; dela já tinha ouvido ao padre superior a história contada dum encontradiço que quase chegou de teimar em agarrá-la.

Entrecerrei os olhos, coando a vista, cautelando o perigo; mas a teiniaguá veio-se me chegando, deixando no chão duro um rastro d'água que escorria e logo secava, do seu corpinho verde de lagartixa engraçada e buliçosa...

Lembrei-me - como quem olha dentro duma cerração -, lembrei-me do que corria na voz da gente sobre o entangüimento que traspassa o nosso corpo na hora do encantamento: é como o azeite fino num couro ressequido...

Mas não perdi de todo a retentiva: pois que da água saía, é que na água viveria. Ali perto, entre os capins, vi uma guampa e foi o quanto agarrei dela e enchi-a na lagoa, ainda escaldando, e frenteei a teiniaguá que, da vereda que levava, entreparou-se, trememente, firmando nas patinhas da frente, a cabeça cristalina, como curiosa, faiscando...

De olhos apertados, piscando, para me não atordoar dum golpe de cegueira, assentei no chão a guampa e preparando o bote, num repente, entre susto e coragem, segurei a teiniaguá e meti-a para dentro dela!

Neste passo senti o coração como que martelar-me no peito e a

cabeça sonando como um sino de catedral...

Corri para o meu quarto, na Casa-Grande dos santos padres. Entrei pelo cemitério, por detrás da igreja, e desatinado, derrubei cruces, pisoteei ramos, calquei sepulturas!...

Todo o povo sesteava; por isso ninguém viu.

Fechei a guampa dentro da canastra e fiquei estatelado, pensando.

Pelo falar do padre superior eu bem sabia que quem prendesse a teiniaguá ficava sendo o homem mais rico do mundo; mais rico que o Papa de Roma, e o imperador Carlos Magno e o rei da Trebizonda e os Cavaleiros da Tábula...

-Nos livros que eu lia, estes todos eram os mais ricos que se conhecia.

E eu, agora!...

E não pensei mais dentro da minha cabeça, não; era uma coisa nova e esquisita: eu via, com os olhos, os pensamentos diante deles, como se fossem cousas que se pudesse tentar com as mãos...

E foram se escancarando portas de castelos e palácios, onde eu entrava e saía, subia e descia escadarias largas, chegava às

janelas, arredava reposteiros, deitava-me em camas grandes, de pés torneados, esbarrava-me em trastes que nunca tinha visto e servia-me em baixelas estranhas, que eu não sabia para o que prestavam...

E foram-se estendendo e alargando campos sem fim, perdendo o verde no azul das distâncias, e ainda lindando com outras estâncias que também eram minhas e todas cheias de gadaria, rebanhos e manadas...

E logo cancheava erva nos meus ervais, cerrados e altos como mato virgem...

E atulhava de planta colhida - milho, feijão, mandioca - os meus paióis.

E detrás das minhas camas, em todos os quartos dos meus palácios amontoava surrões de ouro em pó e pilhotes de barras de prata; dependuradas na galhação de cem cabeças de cervos, tinha bolsas de couro e de veludo, atochadas de diamantes, brancos como gotas d'água filtrada em pedra, que os meus escravos - saídos mil, chegados dez -, tinham ido catar nas profundas do sertão, muito para lá duma cachoeira grande, em

meia-lua, chamada de Iguaçu, muito pra lá doutra cachoeira grande, de sete saltos, chamada de Iguáira...

Tudo isto eu media e pesava e contava, até cair de cansaço; e mal que respirava um descanso, de novamente, de nova-mente pegava a contar, a pesar, a medir...

Tudo isto eu podia ter - e tinha de meu, tinha! -, porque era o dono da teiniaguá, que estava presa dentro da guampa, fechada na canastra forrada de couro cru, tauxiada de cobre, dobradiças de bronze!...

Aqui ouvi o sino da torre badalando para a oração da meia-tarde...

Pela primeira vez não fui eu que toquei; seria um dos padres, na minha falta.

Todo o povo sesteava, por isso ninguém viu.

Voltei a mim. Lembrei-me de que o animalzinho precisava alimento,

Tranquei portas e janelas e sai para buscar um porongo de mel de lixiguana, por ser o mais fino.

E fui; meleí; e voltei.

Abri sutil a porta e tornei a fechá-la ficando no escuro.

E quando descerrei a janela e andei para a canastra a tirar a

guampa e libertar a teiniaguá para comer o mel, quando ia fazer isso, os pés se me enraizaram, os sentidos do rosto se arriscaram e o coração mermou no compassar o sangue!...

Bonita, linda, bela, na minha frente estava uma moça!...

Que disse:

— Eu sou a princesa moura encantada, trazida de outras terras por sobre um mar que os meus nunca sulcaram... Vim, e Anhangá-pitã transformou-me em teiniaguá de cabeça luminosa, que outros chamam o - carbúnculo - e temem e desejam, porque eu sou a rosa dos tesouros escondidos dentro da casca do mundo...

Muitos têm me procurado com o peito somente cheio de torpeza, e eu lhes hei escapado das mãos ambicioneiras e dos olhos cobiçosos, relampejando desdenhosa o lume vermelho da minha cabeça transparente...

Tu, não; tu não me procuraste ganoso... e eu subi ao teu encontro; e me bem trataste pondo água na guampa e trazendo mel fino para o meu sustento.

Se quiseres, tu, todas as riquezas que eu sei, entrarei de novo na guampa e irás andando e

me levarás onde eu te encaminhar, e serás senhor do muito, do mais, do tudo!...

A teiniaguá que sabe dos tesouros sou eu, mas sou também princesa moura...

Sou jovem... sou formosa..., o meu corpo é rijo e não tocado!...

E estava escrito que tu serias o meu par.

Serás o meu par... se a cruz do teu rosário me não esconjurar... Senão, serás ligado ao meu flanco, para, quando quebrado o encantamento, do sangue de nós ambos nascer uma nova gente, guapa e sábia, que nunca mais será vencida, porque terá todas as riquezas que eu sei e as que tu lhe carrearás por via dessas!...

Se a cruz do teu rosário não me esconjurar...

Sobre a cabeça da moura amarelejava nesse instante o crescente dos infiéis...

E foi se adelgçando no silêncio a cadência embalante da fala induzidora...

A cruz do meu rosário...

Fui passando as contas, apressado e atrevido, começando na primeira... e quando tentei a última... e que entre as duas os meus dedos, formigando, deram

com a Cruz do Salvador... fui levantando o Crucificado... bem em frente da bruxa, em salvatério... na altura do seu coração... na altura da sua garganta... da sua boca... na altura dos...

— E aí parou, porque os olhos de amor, tão soberanos e cativos, em mil vidas de homem outros se não viram!...

Parou... e a minha alma de cristão foi saindo de mim, como o sumo se aparta do bagaço, como o aroma sai da flor que vai apodrecendo...

Cada noite era meu ninho o regaço da moura; mas, quando batia a alva, ela desaparecia ante a minha face cavada de olheiras...

E crivado de pecados mortais, no adjutório da missa trocava os amém, e todo me estortegava e doía quando o padre lançava a bênção sobre a gente ajoelhada, que rezava para alívio dos seus pobres pecados, que nem pecados eram, comparados com os meus...

Uma noite ela quis misturar o mel do seu sustento com o vinho do santo sacrifício; e eu fui, busquei no altar o copo de ouro consagrado, todo laborado de palmas e resplendores; e trouxe-o, transbordante, transbordando...

De boca para boca, por lábios incendiados o passamos... E embebedados caímos abraçados.

Sol nado, despertei: estava cercado pelos santos padres.

Eu descomposto; no chão o copo, entornado; sobre o oratório, desdobrada, uma charpa de seda, lavrada de bordaduras exóticas, onde sobressaía uma meia-lua prendendo entre as aspas uma estrela... E acharam na canastra a guampa e no porongo o mel... e até no ar farejaram cheiro mulherengo... Nem tanto era preciso para ser logo jungido em manilhas de ferro.

Afrontei o arrocho da tortura, entre ossos e carnes amachucadas e unhas e cabelos repuxados. Dentro das paredes do segredo não havia fritos nem palavras grossas; os padres remordiam a minha alma, prometendo o inferno eterno e espremiavam o meu arquejo, decifrando uma confissão...; mas a minha boca não falou..., não falou por senha firme da vontade, que não me palpitava confessar quem era ela e que era linda...

E raivado entre dois amargos desesperos não atinava sair deles: se das riquezas, que eu queria só pra mim, se do seu amor, que eu

não queria que fosse senão meu, inteiro e todo!

Mas por senha da vontade a boca não falou.

Fui sentenciado a morrer pela morte do garrote, que é infame; condenado fui por ter dado passo errado com bicho imundo, que era bicho e mulher moura, falsa, sedutora e feiticeira.

No adro e no largo da igreja, o povo ajoelhado batia nos peitos, clamando a morte do meu corpo e a misericórdia para a minha alma.

O sino começou dobrando a finados. Trouxeram-me em braços, entre alabardas e lanças, e um cortejo moveu-se, compassando a gente d'armas, os santos padres, o carrasco e o povaréu.

Dobrando a finados... dobrando a finados...

Era por mim.

E quando, sem mais esperança nos homens nem no socorro do céu, chorei uma lágrima de adeus à teiniaguá encantada, dentro do meu sofrer floreteou uma réstia de saudade do seu cativo e soberano, como em rocha dura serpenteia às vezes um fio de ouro alastrado e firme, como uma raiz que não quer morrer!...

E aquela saudade parece que saiu para fora do meu peito. subiu aos olhos feita em lágrima e ponteou para algum rumo, ao encontro doutra saudade rastreada sem engano...; parece, porque nesse momento um ventarrão estourou sobre as águas da lagoa e a terra tremeu, sacudida, tanto, de as árvores desprenderem os seus frutos, de os animais estaquearem-se, medrosos, e de os homens caírem de co'cras, agüentando as armas, outros, de bruços tateando o chão...

E nas correntezas sem corpo, da ventania, redemoinhavam em chusma vozes guaranis, esbravejando se soltasse o padecente.

Para trás do cortejo, desfiando o som entre as poeiras grossas e folhas secas levantadas, continuava o sino dobrando a finados... dobrando a finados!...

Os santos padres, pasmados mas sisudos, rezavam encomendando a minha alma; em roda, boquejando, chinas, piás, índios velhos, soldados de couraça e lança, e o alcaide, vestido de samarra amarela com dois leões vermelhos e a coroa d'el-rei brilhando em canutilho de ouro...

A lágrima do adeus ficou suspensa, como uma cortina que embacia o claro ver: e o palmital da lagoa, o boleado das coxilhas, o recorte da serra, tudo isto, que era grande e sozinho cada um enchia e sobrava para os olhos limpos dum homem, tudo isso eu enxergava junto, empastalhado e pouco, espelhando-se na lágrima suspensa, que se encrespava e adelgaçava, fazendo franjas entre as pestanas balançantes dos meus olhos de condenado sem perdão...

A menos de braça, estava o carrasco atento no garrote!

Mas os olhos do meu pensamento, altanados e livres, esses, esses viam o corpo bonito, lindo, belo, da princesa moura, e recreavam-se na luz cegante da cabeça encantada da teiniaguá, onde reinavam os olhos dela, olhos de amor, tão soberanos e cativos como em mil vidas de homem outros se não viram!...

E por certo por essa força que nos ligava sem ser vista, como naquele dia em que o povo sesteava e também nada viu... por força dessa força, quanto mais os padres e alguazis ordenavam que eu morresse, mais pelo meu livramento forcejava o irado peito da

encantada, não sei se de amor perdida pelo homem, se de orgulho perverso do perjuro, se da esperança de um dia ser humana...

O fogo dos borralhos foi-se alteando em labaredas e saindo pela quincha dos ranchos, sem queimá-los...; as crianças de peito soltaram palavras feitas, como gente grande...; e bandadas de urubus apareceram e começaram a contradançar tão baixo, que se lhes ouvia o esfregar das penas contra o vento..., a contradançar, afiados para uma carniça que ainda não havia porém que havia de haver.

Mas os santos padres alinharam-se na sombra do Santíssimo e borrifaram de água benta o povo amedrontado; e seguiram, como num propósito, encomendando a minha alma; o alcaide levantou o pendão real e o carrasco varejou-me sobre o garrote, infâmia de minha morte, por ter tido amores com uma mulher moura, falsa, sedutora e feiticeira...

Rolou, então, sobre o vento e nele foi a lágrima do adeus, que a saudade destilara.

Deu logo a lagoa um ronco bruto, nunca ouvido, tão dilatado e monstruoso... e rasgou-se cerce em um sangão medonho, entre largo e

fundo... e lá no abismo, na caixa por onde ia já correndo, em borbotão, a água lamenta sujando as barrancas novas, lá, eu vi e todos viram a teiniaguá de cabeça de pedra transparente, fogachando luminosa como nunca, a teiniaguá correr, estrombando os barrocais, até rasgar, romper, arruir a boca do sangão na alta barranca do Uruguai, onde a correnteza em marcha despencou-se, espadanando em espumarada escura, como caudal de chuvas tormentosas!...

A gente levantou pro céu um vozear de lástimas e choros e gemidos.

— Que a Missão de S. Tomé ia perecer... e desabar a igreja... a terra expulsar os mortos do cemitério... que as crianças inocentes iam perder a graça do batismo... e as mães secar o leite... e as roças o plantio, os homens a coragem...

Depois um grande silêncio balançou-se no ar, como esperando...

Mas um milagre se fez: o Santíssimo, de si próprio, perpassou a altura das cousas, e lá em cima, cortou no ar turvado a Cruz Bendita!... O padre superior tremeu como em terçã e tartamudo e

trôpego marchou para o povoado; os acólitos seguiram, e o alcaide, os soldados, o carrasco e a indiada toda desandou, como em procissão, emparvados, num assombro, e sem ter mais do que tremer, porque ventos, fogo, urubus e estrondos se humilharam, fenecendo, dominados!...

Fiquei sozinho, abandonado, e no mesmo lugar e mesmos ferros posto.

Fiquei sozinho, ouvindo com os ouvidos da minha cabeça as ladainhas que iam minguando, em retirada... mas também ouvindo com os ouvidos do pensamento o chamado carinhoso da teiniaguá; os olhos do meu rosto viam a consolação da graça de Maria Puríssima que se alonjava... mas os olhos do pensamento viam a tentação do riso mimoso da teiniaguá; o nariz do meu rosto tomava o faro do incenso que fugia, ardendo e perfumando as santidades... mas o faro do pensamento sorvia a essência das flores do mel fino de que a teiniaguá tanto gostava; a língua da minha boca estava seca, de agonia, dura de terror, amarga de doença... mas a língua do pensamento saboreava os beijos da teiniaguá, doces e

macios, frescos e sumarentos como polpa de guabiju colhido ao nascer do sol; o tato das minhas mãos tocava manilhas de ferro, que me prendiam por braços e pernas... mas o tato do pensamento roçava sôfrego pelo corpo da encantada, torneado e rijo, que se encolhia em ânsias, arrepiado como um lombo de jaguar no cio, que se estendia planchado como um corpo de cascavel em fúria...

E tanto como o povo ia entrando na cidade, ia eu chegando à barranca do Uruguai; tanto como as gentes, lá, iam acabando as orações para alcançar a demência divina, ia eu começando o meu fadário, todo dado à teiniaguá, que me enfeitiçou de amor, pelo seu amor de princesa moura, pelo seu amor de mulher, que vale mais que destino de homem !...

Sem peso de dores nos ossos e nas carnes, sem peso de ferros no corpo, sem peso de remorsos na alma passei o rio para o lado do Nascente. A teiniaguá fechou os tesouros da outra banda e juntos fizemos então caminho para o Cerro do Jarau, que ficou sendo o paiol das riquezas de todas as salamancas dos outros lugares.

Para memória do dia tão espantoso lá ficou o sangão rasgado na baixada da cidade de Santo Tomé, desde o tempo antigo das Missões.

Faz duzentos anos que aqui estou; aprendi sabedorias árabes e tenho tornado contentes alguns raros homens que bem sabem que a alma é um peso entre o mandar e o ser mandado...

Nunca mais dormi; nunca mais nem fome, nem sede, nem dor, nem riso...

Passeio no palácio maravilhoso, dentro deste Cerro do Jarau, ando sem parar e sem cansaço; piso com pés vagarosos, piso torrões de ouro em pó, que se desfazem como terra fofa; o areão dos jardins, que calco, enjoado, é todo feito de pedras verdes e amarelas e escarlates, azuis, rosadas, violetas... e quando a encantada passa, todas incendeiam-se num íris de cores rebrilhantes, como se cada uma fosse uma brasa viva faiscando sem a mais leve cinza...; há poços largos que estão atulhados de doblões e de onças e peças de jóias e armaduras, tudo ouro maciço do Peru e do México e das Minas Gerais, tudo cunhado com os

troféus dos senhores reis de Portugal e de Gastela e Aragão...

E eu olho para tudo, enfarado de ter tanto e de não poder gozar nada entre os homens, corno quando era como eles e como eles gemia necessidades e cuspi invejas, tendo horas de bom coração por dias de maldade e sempre aborrecimento do que possuía, ambicionando o que não possuía...

O encantamento que me aprisiona consente que eu acompanhe os homens de alma forte e coração sereno que quiserem contratar a sorte nesta salamanca que eu tornei famosa, do Jarau.

Muitos têm vindo... e têm saído piorados, para lá longe irem morrer do medo aqui pegado, ou andarem pelos povoados assustando as gentes, loucos, ou pelos campos fazendo vida com os bichos brutos...

Poucos toparam a parada... ah!... mas esses que toparam, tiveram o que pediram, que a rosa dos tesouros, a moura encantada não desmente o que eu prometo, nem retoma o que dá!

E todos os que chegam deixam um resgate de si próprios para o nosso livramento um dia...

Mas todos os que vieram são altaneiros e vieram arrastados pela ânsia da cobiça ou dos vícios, ou dos ódios: tu foste o único que veio sem pensar e o único que me saudou como filho de Deus...

Foste o primeiro, até agora; quando terceira saudação de cristão bafejar estas alturas, o encantamento cessará, porque eu estou arrependido... e como Pedro Apóstolo que três vezes negou Cristo foi perdoado, eu estou arrependido e serei perdoado.

Está escrito que a salvação há de vir assim; e por bem de mim, quando cessar o meu cessará também o encantamento da teiniaguá: e quando isso se der, a salamanca desaparecerá. e todas as riquezas, todas as pedras finas, todas as peças cunhadas, todos os sortilégios, todos os filtros para amar por força... para matar... para vencer... tudo, tudo, tudo se virará em fumaça que há de sair pelo cabeça roto do cerro, espalhada na rosa-dos-ventos pela rosa dos tesouros...

Tu me saudaste o primeiro, tu! - saudaste-me como cristão.

Pois bem:

- alma forte e coração sereno!... Quem isso tem, entra na salamanca, toca o condão mágico e escolhe do quanto quer...

Alma forte e coração sereno!
A furna escura está lá: entra! Entra!
Lá dentro sopra um vento quente que apaga qualquer torcida de candeia... e tramado nele corre outro vento frio, frio... que corta como serrilha de geadas.

Não há ninguém lá dentro... mas bem que se escuta voz de gente, vozes que falam.... falam, mas não se entende o que dizem, porque são línguas atoradas que falam, são os escravos da princesa moura, os espíritos da teiniaguá... Não há ninguém... não se vê ninguém: mas há mãos que batem, como convidando, no ombro do que entra firme, e que empurram, como ainda ameaçando, o que recua com medo...

Alma forte e coração sereno!
Se entrares assim, se te portares lá dentro assim, podes então querer e serás servido!

Mas, governa o pensamento e segura a língua: o pensamento dos homens é que os levanta acima do mundo, e a sua língua é que os amesquinha...

Alma forte, coração sereno!...

Vai!

Blau, o guasca, apeou-se maneou o flete e por de seguro ainda pelo cabresto prendeu-o a um galho de cambuí que verga sem quebrar-se; rodou as esporas para o peito do pé; aprumou de bom jeito o facão; santiguou-se, e seguiu...

Calado fez; calado entrou.

O sacristão levantou-se e o seu corpo desfez-se em sombra na sombra da reboleira.

O silêncio que então se desdobrou era como o vôo parado das corujas: metia medo...

Blau Nunes foi andando.

Entrou na boca da toca apenas aí clareada e isso pouco, por causa da enredicha da ramaria que se cruzava nela; pra o fundo era tudo escuro...

Andou mais, num corredor dumas braças; mais ainda; sete corredores nasciam deste.

Blau Nunes foi andando.

Enveredou por um deles; fez voltas e contravoltas, subiu, desceu. Sempre escuro. Sempre silêncio.

Mãos de gente, sem gente que ele visse, batiam-lhe no ombro.

Numa cruzada de carreiros sentiu ruído de ferros que se

chocavam, tinir de muitas espadas, seu conhecido.

Por então o escuro ia já num luzir de vaga-lume.

Grupos de sombras com feitio de homens peleavam de morte; nem pragas nem fuzilar d'olhos raivosos, porém furiosos eram os golpes que elas iam talhando umas nas outras, no silencio.

Blau teve um relance de parada, mas atentou logo no dizer do vulto de face branca e tristonha - Alma forte, coração sereno...

E meteu o peito entre o espinheiro das espadas, sentiu o corte delas, o fino das pontas, o redondo dos copos... mas passou, sem nem olhar aos lados, num entono, escutando porém os choros e gemidos dos peleadores.

Mãos mais leves bateram-lhe no ombro, como carinhosas e satisfeitas.

Outro mais ruído nenhum ouvia ele no ar quieto da furna que o rangido dos cabrestilhos das suas esporas.

Blau Nunes foi andando.

Andando numa luz macia, que não dava sombra. Enredada como os caminhos dum capim era a furna, dando corredores sem conta,

a todos os rumos; e ao desembocar do em que vinha, justo num cotovelo dele, saltaram-lhe aos quatro lados jaguares e pumas, de goela aberta e bafo quente, patas levantadas mostrando as unhas, a cola mosqueando, numa fúria...

E ele meteu o peito e passou, sentindo a cerda dura das feras roçarem-lhe o corpo; passou sem pressa nem vagar, escutando os urros que pra trás iam ficando e morrendo sem eco...

As mãos, de braços que ele não via, em corpos que não sentia, mas que, certo, o ladeavam, as mãos iam-lhe sempre afagando os ombros, sem bem o empurrar, mas atirando-o para adiante.., adiante...

A luz ia na mesma, cor da de vaga-lume, esverdeada e amarela...

Blau Nunes foi andando.

Agora era um lançante e ao fim dele parou num redondel topetado de ossamentas de criaturas. Esqueletos, de pé encostados uns nos outros, muitos, derreados, como numa preguiça; pelo chão caídas, partes deles, despencadas; caveiras soltas, dentes branqueando, tampos de cabeças, buracos de olhos, pernas e pés em passo de dança, alcatras e costelas meneando-se num vagar

compassado, outras em saracoteio...

Aí o seu braço direito quase moveu-se acima, como para fazer o sinal da cruz ;... porém - alma forte, coração sereno! - meteu o peito e passou entre as ossadas, sentindo o bafio que elas soltavam das suas juntas bolorentas.

As mãos, aquelas, sempre brandas, afagavam-lhe outra vez os ombros...

Blau Nunes foi andando.

O chão ia alteando-se, numa trepada forte que ele venceu sem aumentar a respiração; e num desvão, a modo dum forno, teve de passar por uma como porta dele, e ai dentro era um jogo de línguas de fogo, vermelho e forte, como atizado com lenha de nhanduvai; e repuxos d'água, saídos das paredes, batiam nele e referviam, chiando, fazendo vapor; um ventarão rondava ali dentro, enovelando águas e fogos, que era uma temeridade cortar aquele turbi1hão...

Outra vez ele meteu o peito e passou, sentindo o mormaço das labaredas.

As mãos do ar mais o palmeavam nos ombros, como querendo dizer - muito bem! -

Blau Nunes foi andando.

Já tinha perdido a conta do tempo e do rumo que trazia; sentia no silêncio como que um peso de arrobas; a claridade mortiça porém, já se lhe assentara nos olhos e tanto, que viu adiante, em sua frente e caminho, um corpo enroscado, sarapintado e grosso, batendo no chão uns chocalhos, grandes como ovos de téu-téu.

Era a boicininga, guarda desta passagem, que levantava a cabeça flechosa, lanceando o ar com a língua de cabelos, preta, firmando no vivente a escama dos olhos, luzindo, preto, como botões de veludo...

Das duas presas recurvas, grandes como as aspas dum tourito de sobreano, pingava uma goma escura, que era a peçonha sobranete por um muito jejum de mortandade, lá fora...

A boicininga - a cascavel amaldiçoada - toda se meneava, chocalhando os guizos, como por aviso, fueirando o ar com a língua, como por prova...

Uma serenada de suor minou na testa do paisano... porém ele meteu o peito e passou, vendo, sem olhar, a boicininga altear-se e descair, chata e tremente., e passou, ouvindo o chocalho da que não

perdoa, o sibildo da que não esquece...

E logo então, que era este o quinto passo de valentia que vencera sem temer - de alma forte e coração sereno - logo então as mãos voantes anediaram-lhe o cabelo, palmearam-lhe mais chegadas os ombros.

Blau Nunes foi andando.

Desembocou num campestre, de gramado fofo, que tinha um cheiro doce que ele não conhecia; em toda a volta árvores em floradas e estadeando frutos; passarinhada de penas vivas e cantoria alegre: veadinhos mansos; capororocas e outro muito bicharedo, que recreava os olhos; e listando a meio o campestre, brotado duma roca coberta de samambaias, um olho-d'água, que saía em toalha e logo corria em riachinho, pipocando o quanto-quanto sobre areão solto, palhetado de malacachetas brancas, como uma farinha de prata...

E logo uma ronda de moças - cada qual que mais cativa - uma ronda alegre saiu dentre o arvoredado, a cercá-lo, a seduzi-lo, a ele Blau, gaúcho pobre, que só mulheres de anáguas resvalonas conhecia...

Vestiam-se umas em frouxo trançado de flores, outras de fios de contas, outras na própria cabeleira solta... ; estas chegavam-lhe à boca caramujos estrambóticos, cheios de bebida recendente e fumegando entre vidros frios, como de geada; dançavam outras num requebro marcado como por música... outras lá acenavam-lhe para a lindeza dos seus corpos; atirando no chão esteiras macias, num convite aberto e ardiloso..

Porém ele meteu os peitos e passou, com as fontes golpeando, por motivo do ar malicioso que o seu bofe respirava...

Blau Nunes foi andando.

Entrou no arvoredado e foi logo rodeado por uma tropa de anões, cambaios e cabeçudos, cada qual melhor para galhofa, e todos em piruetas e mesuras, fandangueiros e volantins, pulando como aranhões, armando lutas, fazendo caretas impossíveis para rostos de gente...

Porém o paisano meteu o peito neles e passou, sem nem sequer um ar de riso no canto dos olhos...

E com este, que era o último, contou os sete passos das provas.

E logo então, aqui, surdiu-lhe em frente o vulto de face tristonha e

branca, que, certo, lhe andara nas pisadas, de companheiro - sem corpo - e sem nunca lhe valer nos apuros do caminho; e tomou-lhe a mão.

E Blau Nunes foi seguindo.

Por detrás de um cortinado como de escamas de peixe-dourado, havia um socavão reluzente. E sentada numa banqueta transparente, fogueando cores como as do arco-íris, estava uma velha, muito velha, carquincha e curvada, e como tremendo de caduca.

E segurava nas mãos uma varinha branca, que ela revirava e tangia, e atava em nós que se desfaziam, laçadas que se deslaçavam e torcidas que se destorciam, ficando sempre linheira.

— Cunhã, disse o vulto, o paisano quer!

— Tu, vieste; tu, chegaste; pede, tu, pois! respondeu a velha.

E moveu e ergueu o corpo magro, dando estalos nas juntas e levantou a varinha para o ar: logo o condão coriscou por sobre ela uma chuva de raios, mais que como num temporal desfeito das nuvens carregadas cairia. E disse:

— Por sete provas que passaste, sete escolhas dar-te-ei...

Paisano, escolhe! Para ganhar a parada em qualquer jogo... de naipes, que as mãos ajeitam, de dados, que a sorte revira, de cavalos, que se cotejam, do osso, que se sopesa, da rifa... queres?

— Não! - disse Blau, e todo o seu parecer foi se mudando num semblante como de sonâmbulo, que vê o que os outros não vêem... como os gatos, que acompanham com os olhos cousas que passam no ar e ninguém vê...

— Para tocar a viola e cantar... amarrando nas cordas dela o coração das mulheres que te escutarem..., e que hão de sonhar contigo, e ao teu chamado irão - obedientes, como aves varadas pelo olhar das cobras -, deitar-se entregues ao dispor dos teus beijos, ao apertar dos teus braços, ao resfolegar dos teus desejos... queres?

— Não! - respondeu a boca, por mandado só do ouvido...

— Para conhecer as ervas, as raízes, os sucos das plantas e assim poderes curar os males dos que tu estimares ou desfazer a saúde dos que aborreceres;... e saber simpatias fortes para dar sonhos ou loucura, para tirar a fome, relaxar o sangue, e gretar a

pele e espumar os ossos,.... ou para ligar apartados, achar cousas perdidas, descobrir invejas... ; queres?

— Não!

— Para não errar golpe - de tiro, lança ou faca - em teu inimigo, mesmo no escuro ou na distância, parado ou correndo, destro ou prevenido, mais forte que tu ou astucioso... ; queres?

— Não!

— Para seres mandão no teu distrito e que todos te obedeam sem resmungos;... seres língua com os estrangeiros e que todos te entendam;...: queres?

— Não!

— Para seres ricaço de campo e gado e manadas de todo o pêlo;... queres?

— Não!

— Para fazeres pinturas em tela, versos harmoniosos, novelas de sofrimentos, autos de chocarrice, músicas de consolar, labores no ouro, figuras no mármore,.... queres?

— Não!

— Pois que em sete poderes te não fargas, nada te darei, porque do que foi prometido nada quiseste. Vai-te

Blau nem se moveu; e, carpindo dentro em si a própria

rudeza, pensou no que queria dizer e não podia e que era assim:

— Teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque tu és tudo!... És tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta de mim, superior a mim. Eu te queria a ti, teiniaguá encantada!...

Mas uma escuridão fechada, como nem noite a mais escura dá parelha, caiu sobre o silêncio que se fez, e uma fôrça torceu o paisano.

Blau Nunes arrastou um passo e outro e terceiro; e desandou caminho; e quando ele andara em voltas e contravoltas, em subidas e descidas, tanto em direitura foi bater na boca da furna por onde havia entrado, sem engano.

E viu atado e quieto o seu cavalo; em roda as mesmas restingas, ao longe os mesmos descampados mosqueados das pontas de gado, a um lado o encordoado das coxilhas, a outro, numa aberta entre matos um claro prateado, que era água do arroio.

Memorou o que tinha acabado de ver e de ouvir e de responder; dormindo, não tinha, nem susto lhe tirara o entendimento.

E pensou que tendo tido oferta de muito não lograra nada por querer tudo... e num arranco de raiva cega decidiu outra investida.

Voltou-se para entrar de novo... mas bateu coo peito na parede dura do cerro. Terra maciça, mato cerrado, capins, limos... e nenhuma fresta, nem brecha nem buraco, nem furna, caverna, toca, por onde escorresse um corpinho de guri, quando mais passasse porte de homem!...

Desanimado e penaroso, compôs o cavalo e montou; e ao dar de rédea apareceu-lhe pelo lado de laçar o sacristão, o vulto de face branca e tristonha, que tristemente estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Nada quiseste; tiveste a alma forte e o coração sereno, tiveste, mas não soubeste governar o pensamento nem segurar a língua!... Não te direi se bem fizeste ou mal. Mas como és pobre e isso te aflige, aceita este meu presente, que te dou. É uma onça de ouro que está furada pelo condão mágico; ela te dará tantas outras quantas quiseres, mas sempre de uma em uma e nunca mais que uma por vez; guarda-a em lembrança de mim!

E o corpo do sacristão encantado desfez-se em sombra na sombra da reboleira...

Blau Nunes, meteu na guaiaca a onça furada, e deu de rédea.

O sol tinha cambado e o Cerro do Jarau já fazia sombra comprida sobre os bamburrais e restingas que lhe formavam assento.

Na troteada para o posto em que morava, um ranchote de beira no chão tendo por porta um couro -, Blau rumeou para uma venda grande que sortia aquele vizindário, mesmo a troco de courama, cerda ou algum tambeiro; e como vinha de garganta seca e a cabeça atordoada mandou botar uma bebida.

Bebeu; e puxou da guaiaca a onça e pagou; era tão mínima a despesa e o câmbio que veio, tanto, que pasmou, olhando para de, de tão desacostumado que andava de ver dinheiro tanto, que chamasse seu...

E de dedos engatanhados socou-o todo para dentro da guaiaca, sentindo-lhe o peso e o sonido afogado.

Calado, montou de novo, retirando-se.

No caminho foi pensando nas todas as cousas que carecia e que iria comprar. Entre aperos e armas e roupas, um lenço grande e umas botas, outro cavalo, umas esporas e embelecocos que pretendia, andava tudo por uma mão-cheia de cruzados e a si próprio perguntava se aquela onça encantada, dada para indez, teria mesmo o condão de entropilhar outras muitas, tantas como as que precisava, e mais ainda, outras e outras que o seu desejo fosse despencando?!...

Chegou ao posto, e como homem avisado, não falou do que fizera durante o dia, apenas do boi barroso, que campeou e não achou; e no seguinte, logo cedo saiu a empear a prova do prometido. Naquele mesmo negociante ajustou umas roupas tafulonas; e mais uma adaga de cabo e bainha com anéis de prata; e mais as esporas e um rebenque de argolão.

Toda a compra passava de três onças.

E Blau, as fontes latejando, a boca cerrada, num aperto que lhe fazia doer o carrinho, piscando os olhos, a respiração atropelada, todo ele numa desconfiança, Blau, por debaixo do seu balandrau remendado começou a gargantear a

guaiaca... e caiu-lhe na mão uma onça... e outra... e outra!... As quatro, que por agora eram tão de jeito!...

Mas não caíram duas e duas ou três e uma, ou as quatro, juntas, porém sim de uma a uma, as quatro, de cada vez só uma...

Voltou ao rancho com a maleta atochada, mas, como homem avisado, não falou do acontecido,

No outro dia seguiu a outro rumo, para outro negociante mais forte e de prateleiras mais variadas. Já levava alinhavado o sortimento que ia fazer, e muito em ordem foi encomendando o aparte das cousas, tendo cuidado em não querer nada de cortar, só peças inteiras, que era para, no caso de falhar a onça, recuar da compra, fazendo um feio, é verdade, mas não 'sendo obrigado a pagar estrago algum. Notou a conta, que andava por quinze onças, uns cruzados pra menos.

E outra vez, por debaixo do seu balandrau remendado, começou a gargantear a guaiaca, e logo lhe foi caindo na mão uma onça... e segunda... outra... e quarta, mais outra, e sexta... e

assim de uma em uma, as quinze necessárias!

O negociante ia recebendo e alinhando sobre o balcão as moedas conforme vinham elas minando da mão do pagador, e quando estavam todas disse, entre risonho e desconfiado:

— Cuê-pucha!... cada onça das suas parece que é um pinhão, que é preciso descascar à unha !...

No terceiro dia passou na estrada uma cavalhada; Blau fez parar a tropa e ajustou uma quadrilha, apartada por ele, à sua vontade, e como facilitou o preço, fechou-se o trato.

Ele e o capataz, sós no meio da cavalhada, iam fazendo mover-se os animais; no apinhado de todas, Blau marcava a cabeça que mais lhe agradava pelo focinho, pelos olhos, pelas orelhas; com um sovêu fino, de armada pequena, reboleava por dentro e ia, certo, laçar o bagual escolhido; se ainda, sem ovas e bons cascos, aprazia-lhe, tirava-o então, como seu, para o potreiro do piquete.

Olho de campeiro, não errou vez alguma a escolha, e trinta cavalos, a flor, foram apartados, custando quarenta e cinco onças.

E enquanto a tropa verdejava e bebia, os tratistas foram para a sombra duma figueira que havia na beira da estrada.

Blau por debaixo do seu balandrau remendado, ainda desconfiado, começou a gargantear a guaiaca... e foi logo aparando, onça por onça, uma, três, seis, dez, dezoito, vinte e cinco, quarenta, quarenta e cinco!...

O vendedor, estranhando aquela novidade e demora, não se conteve e disse:

— Amigo! As suas onças parecem talas de jerivá, que só cai uma de cada vez!...

Depois desses três dias de prova Blau acreditou na onça encantada.

Arrendou um campo e comprou o gado, pra mais de dez mil cabeças, aquerenciado.

O negócio era muito acima de três mil onças, a pagar no recebimento.

Ai o coitado perdeu quase o dia inteiro a gargantear a guaiaca e a aparar onça por onça, uma atrás da outra, sempre uma a uma!...

Cansou-lhe o braço; cansou-lhe o corpo; não falhava golpe, mas tinha de ser como martelada, que não se dá duas ao mesmo tempo...

O vendedor, à espera que Blau completasse a soma, saiu, mateou, sesteou; e quando, sobre a tarde, voltou à ramada, lá estava ele ainda aparando onça trás onça!...

Ao escurecer estava completo o ajuste.

Começou a correr a fama da sua fortuna. E todos espantavam-se, por ele, gaúcho despilchado de ontem, pobre, que só tinha de seu as chilcas, afrontar os abonados, assim do pé para a mão... E também era falado o seu esquisito modo de pagar - que pagava sempre, valha a verdade - só de onça por onça, uma depois de outra e nunca, nunca ao menos duas, acolheradas!...

Aparecia gente a propor-lhe negócio, ainda de pouco preço, só para ver como aquilo era; e para todos era o mesmo mistério.

Mistério para o próprio Blau... muito rico... muito rico... mas de onça em onça, como tala de jerivá, que só cai uma de cada vez... como pinhão da serra, que só se descasca de um a um!...

Mistério para Blau, muito rico... muito rico... Mas todo o dinheiro que ele recebia, que entrava das vendas feitas, todo o dinheiro que lhe pagavam a ele,

todo desaparecia, guardado na arca de ferro, desaparecia como desfeito em ar...

Muito rico... muito rico das onças que precisasse, e nunca faltaram para gastar no que lhe parecesse: bastava-lhe gargantear a guaiaca, e elas começavam a pingar;... mas nenhuma das que recebia lhe ficava, todas evaporavam-se como água em tijolo quente...

Então começou a correr um boquejo de ouvido para ouvido... e era que ele tinha parte com o diabo, e que o dinheiro dele era maldito porque todos com quem tratava e recebiam das suas onças, todos entravam, ao depois, a fazer maus negócios e todos perdiam em prejuízos exatamente a quantia igual à de suas mãos recebida.

Ele comprava e pagava a vista, é certo; o vendedor contava e recebia, é certo... mas o negócio empreendido com esse valor era de prejuízo garantido.

Ele vendia e recebia, é certo; mas o valor recebido que ele guardava e rondava, sumia-se como um vento, e não era roubado nem perdido; era sumido, por si mesmo...

O boquejar foi alastrando, e já diziam que aquilo, por certo, era

mandinga arrumada na salamanca do Jarau, onde ele foi visto mais de uma feita., e que lá é que se jogava a alma contra a sorte...

E os mais vivarachos já faziam suas madrugadas sobre o Jarau; outros, mais sorros, pra lá tocavam-se ao escurecer, outros, atrevidos, iam à meia-noite, outros ainda ao primeiro cantar dos galos...

E como nesse carreiro de precatados cada um fazia por ir de mais escondido, sucedeu que como sombras se pechavam entre as sombras das reboleiras, sem atinar coa salamanca, ou sem topete para, na escuridão, quebrar aquele silêncio, chamando o santão, num grito alto...

No entanto Blau começou a ser tratado de longe, como um chimarrão rabioso...

Já não tinha com quem pautear; churrasqueava solito, e solito mateava, rodeado dos cachorros, que uivavam, às vezes um, às vezes todos...

A peonada foi saindo e conchavando-se noutras partes; os negociantes nada compravam-lhe e negaceavam para vender-lhe; os andantes cortavam campo para não pararem nos seus galpões...

Blau deu em cismar, e cisma foi que resolveu acabar com aquele cerco de isolamento, que o ralava e esmorecia...

Montou a cavalo e foi ao cerro. Na trepada sentiu aos dois lados barulho nos bamburrais e nas restingas, mas pensou que seria alguma ponta de gado xucro que disparava, e não fez caso; foi trepando. Mas não era, não, gado xucro espantado, nem guaraxaim corrido, nem tatu vadio; era gente, gente que se escondia uns dos outros e dele...

Assim chegou à reboleira do mato, tão sua conhecida e recordada, e como chegou, deu de cara com o vulto de face branca e tristonha, o sacristão encantado, o santão.

Ainda desta vez, como era ele que chegava, a ele competia louvar; saudou, como da outra:

— Laus' Sus-Cris' !...

— Para sempre, amém! - respondeu o vulto.

Então Blau, de a cavalo, atirou-lhe aos pés a onça de ouro, dizendo:

— Devolvo! Prefiro a minha pobreza dantes à riqueza desta onça, que não se acaba, é verdade, mas que parece amaldiçoada,

porque nunca tem parelha e separa o dono dos outros donos de onças!... Adeus! Fica-te com Deus, sacristão!

— Seja Deus louvado! - disse o vulto e caiu de joelhos, de mãos postas, como numa reza. - Pela terceira vez falaste no Nome Santo, tu, paisano, e com ele quebraste o encantamento!... Graças! Graças! Graças!...

E neste mesmo instante, que era o da terceira vez que Blau saudava no Nome Santo, neste mesmo momento ouviu-se um imenso estouro, que retumbou naquelas vinte léguas em redor do Cerro do Jarau tremeu de alto a baixo, até às suas raízes, nas profundas da terra, e logo, em cima, no chapéu do espigão, apareceu, cresceu, subiu, aprumou-se, brilhou, apagou-se, uma língua de fogo, alta como um pinheiro, apagou-se, e começou a sair fumaça negra, em rolos grandes, que o vento ia tocando para longe, por cima do encordado das coxilhas, sem rumo feito, porque a fumaceira inchava e desparramava-se no ar, dando voltas e contravoltas, torcendo-se, enroscando-se, em altos e baixos, num desgoverno, como uma tropa

de gado alçado, que espirra e se desmancha como água passada em regador...

Era a queima dos tesouros da salamanca, como dissera o sacristão.

Sobre as caídas do Cerro levantou-se um vozeio e tropel; eram os maulas que andavam rastreando a furna encantada e que agora fugiam, desguaritados, como filhotes de perdiz...

Para os olhos de Blau o cerro ficou como de vidro transparente, e então viu ele o que lá dentro se passava: os brigões, os jaguares, os esqueletos, os anões, as lindas moças, a boicininga, tudo, torcido e enovelado, amontoado, revolvido, corcoveava dentro das labaredas vermelhas que subiam e apagavam-se dentro dos corredores, cada vez mais carregados de fumaça... e urros, gritos, tinidos, sibildos, gemidos, tudo se confundia no tronar da voz maior que estrondeava no cabeço empenachado do cerro.

Ainda uma vez a velha carquincha transformou-se na teiniaguá... e a teiniaguá na princesa moura... a moura numa tapuia formosa;... e logo o vulto de face branca e tristonha tornou a

figura do sacristão de S. Tomé, o sacristão, por sua vez, num guasca desempenado...

E assim, quebrado o encantamento que suspendia fora da vida das outras aquelas criaturas vindas do tempo antigo e de lugar distante, aquele par, juntado e tangido pelo Destino, que é o senhor de todos nós, aquele par novo, de mãos dadas como namorados, deu costas ao seu desterro, e foi descendo a pendente do coxilhão, até a várzea limpa, plana e verde, serena e amornada de sol claro, toda bordada de boninas amarelas, de bibis roxas, de malmequeres 'brancos, como uma cancha convidante para uma cruzada de ventura, em viagem de alegria, a caminho do repouso!...

Blau Nunes também não quis mais ver; traçou sobre o seu peito

uma cruz larga, de defesa, na testa do seu cavalo outra, e deu de rédea e d'espacito foi baixando a encosta do cerro, com o coração aliviado e retinindo como se dentro dele cantasse o passarinho verde...

E agora, estava certo de que era pobre como dantes, porém que comeria em paz o seu churrasco...; e em paz o seu chimarrão, em paz a sua sesta, em paz a sua vida!...

Assim acabou a salamanca do Cerro do Jarau, que aí durou duzentos anos, que tantos se contam desde o tempo das Sete Missões, em que estas cousas principiaram.

Anhangá-pitã, também, desde aí, não foi mais visto. Dizem que, desgostoso, anda escondido, por não haver tomado bem tendência que a teiniaguá era mulher...